

Trabalho de Graduação
Curso de Graduação em Geografia

Geoestratégia das Ilhas Falklands: Conflito entre Argentina e Reino Unido

Felipe Rodrigues de Camargo

Professor Doutor José Gilberto de Souza

Rio Claro - SP
2015

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
Instituto de Geociências e Ciências Exatas
Câmpus de Rio Claro

FELIPE RODRIGUES DE CAMARGO

GEOESTRATÉGIA DAS ILHAS FALKLANDS: CONFLITO
ENTRE ARGENTINA E REINO UNIDO

Trabalho de Graduação apresentado ao
Instituto de Geociências e Ciências
Exatas - Câmpus de Rio Claro, da
Universidade Estadual Paulista Júlio de
Mesquita Filho, para obtenção do grau de
Bacharel em Geografia.

Rio Claro – SP

2015

911
C172 Camargo, Felipe Rodrigues de
Geoestratégia das Ilhas Falklands : conflito entre
Argentina e Reino Unido / Felipe Rodrigues de Camargo. -
Rio Claro, 2015
94 f. : il., figs., gráfs., tabs., mapas

Trabalho de conclusão de curso (bacharelado -
Geografia) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de
Geociências e Ciências Exatas
Orientador: José Gilberto de Souza

1. Geografia política. 2. Disputa territorial. 3. lhas
Malvinas. I. Título.

FELIPE RODRIGUES DE CAMARGO

GEOESTRATÉGIA DAS ILHAS FALKLANDS: CONFLITO
ENTRE ARGENTINA E REINO UNIDO

Trabalho de Graduação apresentado ao
Instituto de Geociências e Ciências
Exatas - Câmpus de Rio Claro, da
Universidade Estadual Paulista Júlio de
Mesquita Filho, para obtenção do grau de
Bacharel em Geografia.

Comissão Examinadora

_____ (orientador)

Rio Claro, _____ de _____ de _____.

Agradecimentos

Agradeço em princípio a minha família que sempre me incentivou e me apoiou em todas as fazes de minha vida acadêmica.

Aos amigos que sempre incentivam de sua maneira.

A Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado de São Paulo que me financiou esta pesquisa.

Ao Departamento de Geografia, IGCE, UNESP Rio Claro, e todos seus funcionários que me auxiliaram e deram suporte a pesquisa.

E um especial agradecimento ao meu irmão que sempre foi um exemplo para mim.

Resumo

O trabalho objetiva a analisar a importância estratégica das Ilhas Falklands/Malvinas no litígio que se encontra entre a República Argentina e o Reino Unido por sua posse, na perspectiva geográfica e em relação aos recursos naturais, em especial fator, o petróleo. A trajetória histórica pela qual passa a disputa por este território, desde períodos coloniais até as novas atitudes do governo Kirchner, revelam matizes de ações de imperialismo e que perpassam questões econômicas e estratégicas entre Inglaterra e Argentina. Considerando o conflito de 1982 como ápice desta disputa, mesmo sendo uma estratégia política desesperada e sem motivo geoestratégico que não fosse a manutenção da ditadura Argentina, a disputa manteve-se em meios diplomáticos, ganhando novas nuances com a descoberta de reservas de petróleo e sua possível exploração. O impacto deste conflito na relação Norte/Sul é de importância significativa, o alinhamento dos EUA com o Reino Unido durante o conflito de 1982 demonstra isso, tornando também essa disputa territorial mais particular para as questões de aliança e hegemonia na América do Sul. A "crise" de 2008 produz um contexto particular à economia global e desta forma a pressão de exploração petrolífera ganha maior importância, não apenas como base energética, mas também como elemento econômico em países que passam por crises estruturais de acumulação e perspectiva de desenvolvimento, podendo esse ser o fator estimulador a situação litigiosa, esta a questão central desta pesquisa. Neste sentido, o projeto se estrutura a partir de uma análise histórica do colonial ao período atual e desdobrando as potencialidade de exploração petrolífera na região pode determinar nas relações econômicas destes países, desde a composição de seus balanços de pagamentos aos novos cenários geopolíticos.

Palavras-Chave: Argentina. Geopolítica. Disputa Territorial. Reino Unido.

Ilhas Falklands/Malvinas.

Abstract

The research has the objective to analyze the conflict about control of the Falklands islands between Argentina and United Kingdom using geographic and geopolitical perspective relating to natural resources. The impact of this conflict in the North/South is very important, an example is the union between the U.S. with the UK during the war in 1982, making this territorial dispute about territorial dispute over particular issues of the alliance and hegemony in South America. The economic crisis of 2008 produced a particular context for the global economy and therefore the exploration of oil became more important, not only as a basis energy source, but also for a country's economic structure and development perspective, this is the central question of this research. In this sense, the project is structured around a historical analysis of the conflict and the possible consequences of oil exploitation in the region. These consequences can determine the economic relations of these countries, since the balance of payment between the UK and Argentina is important to the Anglo-Argentine geopolitical future.

Keywords: Argentina. Geopolitics. Territorial Dispute. United Kingdom. Falklands Island/Malvinas.

Sumário

1- História das Ilhas	9
2- Motivação estratégica	20
3 - Falklands do ponto de vista econômico	23
3.1 - Pesca.....	25
3.2 - Turismo	29
3.3 - Criação de ovelhas	31
3.4 - Petróleo nas Falklands	31
4 - Aspectos econômicos britânicos e argentinos.....	40
5 - Ihas Falklands como fator geopolítico para Reino Unido e Argentina.	80
6 - Conclusão	85
Bibliografia.....	87
Anexo.	93
Anexo A: Tabela com as variações de Reserva de hidrocarboneto da América Latina.....	93

Introdução

Desde o advento do termo geopolítica com Kjellén (1905) a relação planejamento, estratégia e interesses era amplamente utilizada em toda história da humanidade. Muitas vezes esta relação era posta de forma prática, como as ações militares para capturar pontos de interesse e regiões, e outras de formas menos tangíveis, como dissuasões e ações econômicas, essa última citada por Luttwak (1990) como a nova forma de atuação geopolítica.

A geopolítica sempre teve o papel de legitimar e desenvolver pensamentos e meios que impulsionassem um Estado Nação a uma melhor posição que os demais, OSTERUD (1988), apud LINS (sd):

Geopolítica é expressão que, embora utilizada de diferentes maneiras, geralmente se refere às relações entre poder e espaço em escala internacional, implicando estratégias e ações dos Estados nacionais em defesa de seus interesses econômicos e políticos. (LINS, H.N., sd, p. 2).

O autor se refere que a geopolítica como ações do poder e do espaço na escala entre nações, e acrescento que instituições internacionais e grandes corporações capitalistas têm tal capacidade também.

Adicionando a este conceito a grande dependência das nações pelo petróleo e hidrocarbonetos em geral, as geopolíticas das nações neste ponto ganham destaque.

O petróleo, principal fonte de energia da economia moderna, manterá sua importância nas próximas décadas, segundo todas as previsões, e sua posse poderá se tornar um fator de disputa política à medida que o crescimento da demanda [...] exercer pressão sobre as reservas. (FUSER, I. 2008, p.37).

Como qualquer produto natural, é limitado, sua crescente demanda e subsequente baixo descobrimento de novas reservas transforma um produto já precioso em algo mais ativo no jogo de poder do espaço econômico, a primeira instância do tabuleiro geopolítico.

A existência de um espaço econômico mundial é anterior ao fim do século XX. [...] Nesta perspectiva, a especificidade do século XX é tripla: em primeiro lugar, a amplificação, a densidade das interdependências em interação (comércio, investimentos, fluxos de capitais, trocas técnicas); em seguida, a necessidade da maior parte das grandes actividades (agricultura, indústria e serviços) de se

pensarem como partes constituintes de um mercado mundial, ou quase; por último, consciência, na grande maioria dos estados, de que seu futuro e sobrevivência dependem de sua capacidade de estar presentes na competição técnico-econômica internacional. (DEFARGER, P.M. 2003, p. 141, 142).

Assim se observa que o espaço econômico é o “teatro” das ações ideológicas dos estados-nações (geopolítica). Sendo o poder desses Estados, sua capacidade de competir na inovação técnico-científico em concorrência internacional. Tendo em vista a matriz energética mundial, o petróleo – se compreendendo até no sentido literal – é o meio de impulsionar e garantir essa competição (desenvolvimento) entre as nações.

Trazendo assim em uma perspectiva mais próxima ao caso das Ilhas Falklands/Malvinas que apresenta ter recursos petrolíferos desde os anos de 1970 quando o governo do Reino Unido entra com o projeto de desenvolvimento econômicos de suas posses além-mar. Com um relatório de suas riquezas e potencialidades formou o primeiro ato mais ativo na nominal disputa com a Argentina, a invasão militar. Fora esse caso extremo que ocorreu por situação social e econômica calamitosa a estrutura de disputas e influências ocorre normalmente com quatro categorias, já descrita por SPYKMAN (1942):

Human beings have invented a great variety of techniques designed to win friends and influence people. These different methods can be classified under four broad headings: persuasion, purchase, barter, and coercion, although this does not mean that every endeavor to make others do our bidding can be neatly pigeonholed into one of these categories. (SPYKMAN, N.J. 1942, p. 12).

Nestas palavras de SPYKMAN, podemos entender duas situações, anterior e a posterior a guerra de 1982. A Anterior as categorias distas pelo autor não são uteis por se tratar de um ataque de oportunidade, mas ocorreu a tentativa de coerção indireta na tentativa de buscar apoio dos EUA. O Pós 82 é encarado nas categorias de SPYKMAN, se tratando de uma nova abordagem que se trata mais viável e menos dispendiosa.

No sentido geopolítico que estou apresentando as Falklands tem grande potencial de hidrocarbonetos, e nesse fator com ótica no Reino Unido não produz mais o que consome e necessita. Segundo o Governo das Ilhas Falklands (Falkland Islands Government) o campo de Sea Lion que é o

primeiro que será a ser explorado em 2019 tem reserva de 394 milhões de barris, sendo esse um início promissor já que as projeções totais como já relatado pela Agência Americana de Geologia, as Falklands podem ter uma reserva de 5 bilhões de barris de petróleo, assim ficando a cargo somente da capacidade de extração. Nesse contexto as reservas britânicas poderiam chegar a aproximadamente 7 bilhões de barris. Essa nova situação poderia fazer o Reino Unido menos dependente dos recursos externo, sendo o consumo britânico por petróleo mais voltado como matéria-prima da produção industrial e uso em veículos, o aumento da produção desses produtos industrializados com base no petróleo poderia fazer a balança comercial voltar ao lado positivo. Os investimentos e custos no projeto de exploração de hidrocarbonetos nas Falklands, que vem sendo feitos desde os Informes no final do século passado, maciços, o que confirma o grande interesse britânico. Uma informação relevante que indica a estrutura exploratória britânica, os royalty e as taxas sobre as empresas irão para o Governo das Ilhas, não para a receita do Reino Unido, reforçando a ideia do interesse pelo produto não pelo lucro monetário produzido. Na geopolítica do petróleo (BARROS. 2010, p.51) em sua finalidade é de promover melhor competitividade capitalista – sendo a base de toda estrutura industrial e de transporte – e sendo os recursos das Falklands o fator de aprimorar a capacidade britânica de competir no mercado internacional.

1- História das Ilhas

Descrevendo as Ilhas Falklands/Malvinas que estão situadas no Atlântico Sul a 300 milhas da costa Argentina e com uma área de 12 mil km², local de pequenas proporções espaciais, mas foi palco de uma guerra em 1982 entre a Argentina e o Reino Unido, sendo o primeiro o invasor derrotado, não sendo esse o único exemplo, em toda sua história e de diversas formas e com dito por WITKER (2012) a Argentina impregna com alto teor de emotividade e simbolismo a situação das Falklands, mas esse alto teor emotivo carrega algo bem mais profundo, algo que é bem maior do que simplesmente um resquicioso litígio colonial, em uma perspectiva atual, a alta capacidade econômica dessas ilhas pode fazer uma diferença nas balanças comerciais, mas isso hoje quando se sabe que os recursos petrolíferos são escassos e valiosos. Sua real importância não somente pode ser vista de maneira atual e sim todo seu percurso relativo ao intento humano em obtê-lo, pois o recurso mais precioso não deve sublimar as outras potencialidades.

No final do século XV, a expansão marítima liderada por duas potências da época, Portugal e Espanha, dividiu o mundo em duas áreas, para exploração e colonização, tudo isso com respaldo do Papa, fazendo com que os outros países europeus se dispusessem a combater a supremacia exploratória e colonial desses dois países. No Atlântico Sul, mais pontual onde hoje se encontra as Ilhas Falklands, o primeiro registro cartográfico foi feito por um cartógrafo alemão a serviço de Portugal em 1507, como ilhas no paralelo 50° sul não distante de sua real localização, mas por não estarem inseridas do lado português do tratado de Tordesilhas, ficando assim sem declarações para não facilitar descobertas e posses aos espanhóis, voltando a aparecer em um mapa por outro cartógrafo alemão, Johannes Schöner em 1515 (LORTON, 2013, p.3 e 4). VIANNA MONIZ, et al. (2012, p.158) relatam também que um holandês o fez, Sebald de Weert, por volta de 1598/1600 e constando nos dados cartográficos da Companhia Holandesa das Índias Orientais, no quesito de qualidade cartográfica, o trabalho de Weert realmente foi mais detalhado e preciso, sendo assim o primeiro a fazer, mas não ocorreu desembarque.

Segundo a divisão de Tordesilhas essas ilhas seriam de posse espanhola, mas como somente Portugal e Espanha o reconhecia, as outras coroas europeias seguiam a lógica da ocupação, “quem dominasse o local o teria”. Estourando a Guerra Anglo-Espanhola (1585-1604) no primeiro século das colonizações, este conflito foi um marco determinante, pois com a destruição da “Invencível Armada” espanhola, a Espanha declina como potência dominante na Europa, o tratado de paz (Tratado de Londres) subsequente a terrota espanhola, firmava que a Inglaterra reconhecia todas as possessões espanholas, mas só as que estavam ocupadas, ou seja, toda terra sem povoamento espanhol era livre para aquisição na visão dos ingleses e no ano de (1604) o que hoje são as Ilhas Falklands estavam sem ocupação humana (LORTON, 2013, p.7). A primeira ação inglesa em prol da exploração foi à criação da *Virginia Company* para promover a colonização da América do Norte o que gerou certa revolta espanhola e houve até pedidos de retirada dessas colônias, o que não ocorreu. Já em 1670 Espanha e Inglaterra fazem um novo acordo, Tratado de Madrid, e neste tratado Espanha reconhece as posses inglesas no novo mundo e o comercio entre si é estabelecido, mas ainda não tem reconhecimento das posses aclamadas sem ocupação pela Espanha. Nesses tratados os ingleses agem de forma a não legalizar posses de áreas não ocupadas, logicamente ela tentou manter formas “legais” para possíveis ocupações futuras.

No processo de exploração do Atlântico os ingleses estavam bem empenhados, muitos exploradores e corsários ingleses vagueavam pelo Atlântico, entre eles o primeiro a desembarcar e explorar as ilhas Falklands, Capitão John Strong no navio *Welfare* na data de 27 de Janeiro de 1690, relatando:

1690. Monday 27th January. We saw the land; when within three or four leagues, we had thirty-six fathoms. It is a large land, and lieth east and west nearest. There are several quays that lie among the shore. We sent our boat to one, and she brought on board abundance of penguins, and other fowls, and seals. We steered along shore E. by N., and at eight at night we saw the land run eastward as far as we could discern. Lat. 51° 3' S.

Tuesday 28th. This morning at four o'clock we saw a rock that lieth from the main island four or five leagues. It maketh like a sail. At six, we stood into a sound that lies about twenty leagues from the westernmost land we had seen. The sound lieth south and north

nearest. There is twenty-four fathoms depth at the entrance, which is four leagues wide. We came to an anchor six or seven leagues within, in fourteen fathoms water. Here are many good harbours. We found fresh water in plenty, and killed abundance of geese and ducks. As for wood, there is none."

On January 29th, Strong sails down the passage between the main Islands; "This sound, Falkland Sound as I named it, is about seventeen leagues long; the first entrance lies S. by E., and afterwards S. by W." The ship's surgeon, Richard Simson, notes; "As for Hawkins Land, tis parted by a great sound which we passed through ... The Sound in several places was so full of weeds that the ship could hardly make her way and if one might judge by appearance, there it was we sailed through a meadow. The island, if it were not quite destitute of wood would make a Nobel plantation; it bears an English name, good Harbage and a great variety of land and sea fowl." Capt. Strong makes the first recorded landing at Bold Cove; "Wednesday this morning we weighed and stood unto an harbour on ye west side and there came to an anchor and sent our boat on shoar for fresh water and did kill abundance of geese and ducks but as far as wood there is none..." "Captain Strong in the "Welfare," sailed through between the two principle islands in 1690, and called the passage Falkland sound, in memory of the well-known Royalist Lucius Cary, Lord Falkland, killed at the battle of Newbury in 1643;.."(LORTON, 2013, p.9).

John Strong relatou água doce em abundância, vegetação rasteira sem árvores e fauna com muitos pinguins, gansos, patos e focas. Nessas observações foi conhecido que o local poderia propiciar ocupação humana. Um adendo é que foi o Capitão quem batizou o local em homenagem a Lord Falkland, morto na batalha de Newbury. Essa versão também é corroborada por SÁNCHEZ-BARBA (1982, p.112), comprovando que futuramente poderia ocorrer a ocupação do local.

No campo estratégico, ano de 1699 o cirurgião Lionel Wafer em uma publicação declarou que a Inglaterra deveria estabilizar um assentamento no entorno do Estreito de Magalhães para quebrar o protecionismo espanhol na América do Sul, esse é a primeira citação que remete a importância de fixar praça nesta parte da América do Sul para interesses comerciais, além de ressaltar que era o único local de ligação entre os oceanos Atlântico e o Pacífico. Os franceses foram mais rápidos e em 1701 o capitão Jacques Gouin de Beauchêne inicia a exploração comercial no Atlântico sul, mas sem fixar somente sendo extrativista. Dois navios franceses (Maurepas e St. Louis) vão às ilhas Falklands em 1706, encontram uma baía propícia e a nomeiam de St. Louis, assim com os franceses começa uma ínfima exploração comercial das ilhas e terras ao sul. Sendo estes franceses de uma cidade chamada St.

Maloos batizaram as ilhas de Malouines que posteriormente com a “espanização” do nome ficaria Malvinas (LORTON, 2013, p.10, 11).

Com a Guerra de Sucessão Espanhola (1702-1714), novamente uma guerra que colocava os britânicos contra os espanhóis, proporcionando condições recíprocas de anexação territorial, o inglês Daniel Defoe escreveu que essa era a hora da expansão britânica sobre a América do Sul reforçando a ideia de Lionel Wefer sobre a importância da área do Estreito de Magalhães. Com o término da guerra e subsequente assinatura do Tratado de Utrecht o Reino Unido ganhou concessões coloniais, mas todas na América do Norte sob os franceses, Gibraltar e Minorca, território espanhol foi cedido também e ganhando também a condição de comercializar com a América espanhola escravos vindos da África, o ponto principal foi o reconhecimento mútuo das colônias e áreas coloniais. Neste tratado se favoreceu a expansão do poder e a influência britânica sobre as Américas. O Reino Unido vai galgando seu poderio econômico, conquistas territoriais estratégicas fortalecem essa situação, Ilhas de especiarias no Caribe, expansão das colônias na América do Norte e o controle da passagem do Mediterrâneo para o Atlântico com Gibraltar, assim se vai firmando o crescimento britânico no mundo.

Na guerra de Sucessão da Áustria (1740-1748), a Espanha fica contra o Reino Unido novamente, desta vez o Império Britânico inicia uma intensiva ação de corsários contra os espanhóis na América do Sul. Neste processo um grupo liderado pelo Comodoro George Anson acaba fazendo uma circum-navegação e analisando as possessões espanholas no Atlântico e Pacífico, com o propósito de invasão, o que não ocorreu. Com o final da guerra em 1748 o Comodoro Anson publica sobre sua viagem de circum-navegação, a relação das colônias portuguesas com as espanholas de interesse mútuo em manter contrabando interno, a fragilidade defensiva das colônias espanholas e a importância para o Reino Unido de ter uma base nas Ilhas Falklands, pois com ela poderia controlar os mares e as rotas comerciais.

Admiral Anson uses the book to promote his argument for the establishment of British bases in the South Atlantic and South Pacific. He notes that Woode Rogers had taken only 35 days to reach Juan Fernandez Island in the Pacific and outlines his concerns that Portugal immediately informs Spain of the location and purpose of

English ships visiting their ports; “they may certainly depend on having their strength, conditions and designs betrayed to the Spaniards, as far as the knowledge the Governor can procure of these particulars will give leave. And as this treacherous conduct is inspired by the view of private gain, in the illicit commerce carried on to the river Plate, rather than by any natural affection which the Portuguese bear the Spaniards, the same perfidy may perhaps be expected from most of the governors of the Brazil coast, since these smuggling engagements are doubtless very extensive and general...”

Referring to the Falkland Islands, Anson says; “That it was scarcely to be conceived of what prodigious import a convenient station might prove, situated so far southward and close to Cape Horn ... and that (these islands) might be of great consequence to this nation and in time of war would make us masters of those seas.” (LORTON, 2013, p.13).

Anson pública suas viagens e com base em seus relatos convence o almirantado a enviar uma expedição para avaliar a possibilidade de construir um assentamento nas Falklands, por ser um local ainda não ocupado e de grande proximidade geográfica com o Cabo Horn. Com o seguir dos meses a Espanha toma conhecimento sobre os planos britânicos e responde os recordando que as possessões são de domínio espanhol e que se deve evitar piores respostas. Querendo esconder suas intenções os britânicos adiam um segundo envio de navios para reconhecimento.

No desenvolver dos planos de reconhecimento e estabelecimento de uma colônia nas ilhas, vem a Guerra dos Sete Anos (1756-1763) O Reino Unido e Prússia contra França, Áustria e aliados, posteriormente a Espanha entra ao lado da França através do Pacto de Família. Nesta guerra o Reino Unido atuou basicamente nas colônias americanas e asiáticas enquanto seus aliados se ocupavam com o teatro europeu, uma notória visão para a expansão colonial. Com a rápida ocupação do Canadá um militar francês ressentido dessa, Louis-Antoine de Bougainville detendo conhecimento dos relatos de Anson resolveu estudar e preparar a ocupação das “Ilhas Malouines” para a França antes que os britânicos o fizessem como uma forma de vingança. Com o final da guerra e a oficialização das perdas coloniais francesas britânicos, a vendeta de Bougainville foi autorizada a estabelecer colônia nas Malouines e leva 30 pessoas (LORTON, 2013, p.16). Em 17 de Fevereiro de 1764 Bougainville inicia a construção do forte St. Louis no lado leste das ilhas, justo na mesma baía que os franceses de St. Maloes batizaram de St. Louis. Mesmo sem madeira na ilha eles utilizam pedras e juncos para a construção (LORTON,

2013, p.18). A França continua com a colonização da ilha mesmo os espanhóis questionando e requerendo o desmantelamento do mesmo. Os britânicos sabendo do ato de Bougainville envia o Comodoro Byron com ordens de tomar toda e qualquer ilha desabitada do Atlântico Sul para a Coroa Britânica, as intenções por debaixo dessa ação eram claras, tomar as Ilhas Falklands. Em 22 de Janeiro de 1765 Byron hasteia a bandeira do Reino Unido e declara essa terra para o Rei Jorge III (LORTON, 2013, p.18). Sendo que somente em 8 de Janeiro de 1766 o Capitão John MacBride chega a baía de Egmont com 100 colonos e 25 fuzileiros navais e erigem o Fort George e o assentamento civil é batizado de Jason's Town, iniciando assim o processo britânico de colonização das ilhas e do lado extremo a dos franceses (LORTON, 2013, p.21). Interessante a situação, pois tanto os franceses quanto os britânicos não sabiam exatamente onde ficava o assentamento do outro. Os espanhóis só tinham conhecimento da ocupação francês e mantêm a exigência da total desistência deste por se tratar de área de reclamação espanhola, os franceses argumentam que essa área não é espanhola por falta de conhecimento dos mesmos sobre sua real localização, mas com o acirramento da situação os franceses entram em acordo para deixar Port Louis, pelo fato das duas casas reinantes serem da mesma dinastia, estarem associados ao "Pacto de Família" e evitar um mal-estar diplomático entre elas seria pior no contexto europeu, pois a união dessas duas nações como aliadas era muito mais valiosa estrategicamente. A saída francesa ocorreu com o pagamento de uma indenização por parte dos espanhóis, assim a França renuncia as Ilhas Malouines (LORTON, 2013, p.22, 23). Com a saída dos franceses em Port Louis, os espanhóis a rebatizam como Puerto Soledad a colocando sobre a jurisdição das autoridades de Buenos Aires (LORTON, 2013, p.28).

Na descoberta do assentamento inglês os espanhóis também vão fazer suas exigências com base sobre o tratado de Utrecht, mas para os britânicos só seria válido os argumentos espanhóis se eles já tivessem ocupados as ilhas antes do próprio tratado que é descrito no Art. 8º: toda terra sem ocupação pode ser tomada. Os espanhóis por vias de pressão militar retiram os britânicos de Port Egmont, agravando as relações entre os países ao ponto de se

prepararam para a guerra, mas com negociações os espanhóis liberaram a retomada dos britânicos em Port Egmont:

His Britannick Majesty having complained of the violence which was committed on the 10th of June, 1770, at the island commonly called Great Malouine, and by the English Falkland's Island, in obliging, by force, the commander and subjects of his Britannick Majesty to evacuate the port by them called Egmont; a step offensive to the honour of his crown; - the Prince de Maserano, Ambassador Extraordinary of his Catholick Majesty, has received orders to declare, and declares, that his Catholick Majesty, considering the desire with which he is animated for peace, and for the maintenance of good harmony with his Britannick Majesty, and reflecting that this event might interrupt it, has seen with displeasure this expedition tending to disturb it; and in the persuasion in which he is of the reciprocity of sentiments of his Britannick Majesty, and of its being far from his intention to authorise any thing that might disturb the good understanding between the two Courts, his Catholick Majesty does disavow the said violent enterprize, - and, in consequence, the Prince de Maserano declares, that his Catholick Majesty engages to give immediate orders, that things shall be restored in the Great Malouine at the port called Egmont, precisely to the state in which they were before the 10th of June, 1770: For which purpose his Catholick Majesty will give orders to one of his Officers, to deliver up to the Officer authorised by his Britannick Majesty the port and fort called Egmont, with all the artillery, stores, and effects of his Britannick Majesty and his subjects which were at that place the day above named, agreeable to the inventory which has been made of them.

The Prince of Masseran declares, at the same time, in the name of the King his master, that the engagement of his said Catholic Majesty, to restore to his British Majesty the possession of the port and fort called Egmont, cannot nor ought any wise to affect the question of the prior right of sovereignty of the Malouine islands, otherwise called Falkland Islands. In witness whereof, I the under-written Ambassador Extraordinary have signed the present declaration with my usual signature, and caused it to be sealed with our arms. London, the 22nd day of January, 1771. “

(L.S.) (Signé) “LE PRINCE DE MASSERAN. (LORTON, 2013, p. 46, 47)

O embaixador espanhol com foco em evitar uma guerra devolve Port Egmont aos britânicos, mas de forma a não afetar sua soberania sobre as ilhas. Este sendo o marco que é a alegação britânica para suas pretensões, o consentimento espanhol para a ocupação das Falklands. Com a colônia restabelecida ocorre algo que força um novo abandono do local, a eclosão de revoltas que gerariam a guerra de independência das treze colônias na América do Norte, o corte de custos era necessário. Nesse desfecho, uma placa referindo a situação foi deixada junto com duas bandeiras hasteadas para declarar que apesar da saída suas intenções permaneciam em manter o local como seu domínio (LORTON, 2013, p.57).

Be it known to all the Nations, That Falkland's Island with this fort, the storehouses, wharfs harbours, bays and creeks thereunto belonging, are the sole right and property of His most Sacred Majesty George III, King of Great Britain, France and Ireland, Defender of the Faith, etc. In witness whereof this plate is set up and his British Majesty's colours left flying as a mark of possession by S. W. Clayton, commanding officer at Falkland's Island. 1774 A.D. (LORTON, 2013, p.58).

Mesmo com o abandono da colônia de Port Egmont, continuava ativo a passagem de baleeiros e caçadores de foca (LORTON, 2013, p.58).

Do mal-estar diplomático resultante, Reino Unido e Espanha assinam um acordo em 1790 “Nootka Sound Convention No.1” nele fica estipulado que os dois reinos não devem formar novos assentamentos na costa ou nas ilhas adjacentes da América do Sul já ocupadas pela Espanha, mas a liberdade de desembarque e erigir estruturas temporárias com fins pesqueiros estava liberada. Desse modo parece que a Grã-Bretanha abandona de vez suas pretensões, mas um artigo secreto nesse tratado torna a situação ainda inconclusiva sobre as Falklands, pois o artigo supra citado só teria valor se o local não tivesse tido nenhum assentamento de outra nação que no caso das Falklands já foram ocupadas pelos franceses oficialmente.

“Article 6: It is further agreed with respect to the eastern and western coasts of South America and the islands adjacent, that the respective subjects shall not form in the future any establishment on the parts of the coast situated to the south of the parts of the same coast and of the islands adjacent already occupied by Spain; it being understood that the said respective subjects shall retain the liberty of landing on the coasts and islands so situated for objects connected with their fishery and of erecting thereon huts and other temporary structures serving only those objects.”

Article 7: In all cases of complaint or infraction of the articles of the present convention, the officers of either party, without permitting themselves previously to commit any violence or act of force, shall be bound to make an exact report of the affair, and of its circumstances, to their respective Courts, who will terminate such differences in an amicable manner.”

The agreement also contains a 'Secret Article'; “Since by article 6 of the present convention it has been stipulated, respecting the eastern and western coasts of South America, that the respective subjects shall not in the future form any establishment on the parts of these coasts situated to the south of the parts of the said coasts actually occupied by Spain, it is agreed and declared by the present article that this stipulation shall remain in force only so long as no establishment shall have been formed by the subjects of any other power on the coasts in question. This secret article shall have the same force as if it were inserted in the convention.” (LORTON, 2013, p.67,68).

O tratado vem com a proposta de regular e amenizar o problema dos confrontos coloniais, mas convenientemente esse foi mais um tratado que deixa uma saída para os britânicos para suas pretensões coloniais na América do Sul.

Com o final da guerra da Independência Americana e a subsequente vitória da colônia, o Reino Unido poderia ter voltado a suas pretenções colonizadoras com mais gana, mas com a revolução francesa e a conquista da Índia tornaram impossível nesse dado momento. Na revolução francesa que a princípio coloca espanhóis contra britânicos por se tratarem de aliados dos franceses, mas com a quebra de aliança por parte da França seguido da invasão a Espanha, os britânicos se colocam a favor dos espanhóis. O principal reflexo da revolução francesa e a ascensão de Napoleão I nas Américas, são as revoltas e guerra independentistas. A Espanha abandona Puerto Soledad em 1811 por causas das guerras coloniais, mas também deixa uma placa se referindo como propriedade do Rei Católico da Espanha (LORTON, 2013, p.77). As Províncias Unidas do Rio da Prata iniciam seu processo de independência em 1810, mas que seria proclamada efetivamente em 1816, essa compreendia todo o Vice-Reino do Rio da Prata, Puerto Soledad estava inserida nessa administração colonial (LORTON, 2013, p.78). O Reino Unido só reconheceria a independência Argentina em 1825. A Argentina envia Louis Vernet em 1829 para ocupar novamente Puerto Soledad e mudando seu nome novamente para Port Luis, tornando Vernet Comandante das Ilhas, a alegação argentina foi com base nos direitos de herdeira da Espanha. Em 1833 os britânicos já sem empecilhos para a ocupação das ilhas, voltam ocupar Port Egmont e expulsam os argentinos de Port Louis, alegando que as ilhas já a pertenciam, assim iniciando a ocupação ininterrupta até 1982 com a Guerra das Malvinas. O Reino Unido entra de forma a ocupar toda a extensão das ilhas, a nova nação Argentina não tinha condições militares nem políticas para se defender. Argentina desde a ocupação britânica alega o verdadeiro direito sobre as Malvinas, tendo a situação se estabilizado desta forma (LORTON, 2013, p.147).

Com a criação da ONU e as propostas descolonizadora que se seguiram no pós- Segunda Guerra, a Argentina faz uso desses dispositivos das Leis

Internacionais. A Resolução 2065 de 1965 determina especificamente o fim do colonialismo nas Ilhas Falkland/Malvinas e a abertura de negociações entre Argentina e Reino Unido, sendo que deve sempre ser levando em consideração os interesses da população residente nas ilhas, sendo esse o ponto de empecilho, os moradores das ilhas se declaram cidadãos britânicos e apoiam a atual situação. Reuniões ocorreram, a população local se declaram a favor de se manter sob o controle do Reino Unido e com a criação do Comitê de Emergência das Ilhas Falkland que foi formado por pessoas influentes do Reino Unido para o fim de manter as ilhas sobre o controle britânico as negociações foram cortadas. A Organização dos Estados Americanos em 1977 favorece a causa argentina, principalmente pois naquele ano o Reino Unido aplicou a Zona Econômica Exclusiva, tornando 200 milhas ao redor das ilhas também propriedade da Grã-Bretanha, sendo ilegítima essa aplicação pois na visão internacional nenhuma ação de caráter unilateral pode ser cometida em uma zona em disputa, destacando também que as ilhas Geórgia do Sul e Sandwich do Sul estão inseridas sob o controle britânico no Atlântico Sul.

Em 1976 foi produzido um informe sobre a capacidade econômica que as Falklands poderiam proporcionar, este foi conhecido como informe Shackleton, neste trabalho foi relatado vários recursos significativos a exploração comercial, sendo que os que se destacam são as grandes reservas de petróleo e gás e a capacidade pesqueira. Em 1982 a Argentina se encontra em plena ditadura militar de grande caráter repressor e apresentando uma economia abalada e desestruturada, dando algumas condições a ações desesperadas, como COGGIOLA (2012, p. 171) afirma que a invasão das Falklands nesse ano foi para aliviar a pressão interna da nação, causada pela ditadura. Já VIANNA MONIZ et al. (2012, p. 162) descreve que a Argentina teve essa ação por uma possibilidade de apoio dos EUA, pela sua intrínseca relação no combate as milícias esquerdistas na América Central, o que não se concretizou. Pela situação a combinação de situações demonstra a motivação argentina, situação interna desfavorável que poderia ser revertida com essa ação militar nas Malvinas (Contra um inimigo externo) e o aparente apoio internacional dado pelos EUA tornou a possibilidade de vitória muito tentadora e que renderiam muitos frutos em um cenário interno e externo, como o

apaziguamento interno e uma nova perspectiva internacional sobretudo aumentando sua influência na América do Sul, pensando em um viés econômico sendo que a guerra ocorreu depois dos Informe Shackleton, os recursos das Falklands poderiam socorrer e salvar a economia argentina. A Argentina saiu derrotada militarmente depois de 10 semanas de ocupação. As relações entre as duas nações ficaram interrompidas até 1990 quando representantes dos dois países se encontraram em Madrid, mas a Argentina manteve suas pretensões sobre as ilhas Malvinas, Geórgia do Sul e Sandwich do Sul, essas ultimas foram oficialmente reclamadas em 1940, o Reino Unido se manteve inalterável na questão da disputa territorial e alegando que a autodeterminação dos povos como razão disso.

2- Motivação estratégica

A Grã-Bretanha no século XVIII era a principal potência econômica e que vinha desde o século XVI se focando no comércio. A grande transformação na sociedade britânica foi com a Revolução Gloriosa em 1688, tendo a pequena nobreza capitalista assumido o poder, com essa mudança de paradigma a mentalidade foi se estruturando para uma formulação “egoísta”, uma filosofia individualista que já havia sido descrita por Thomas Hobbes em 1651 no livro O Leviatã. Essa mudança foi o marco da transformação econômica no país, o grande impulso da economia capitalista, pois a estrutura do governo era a manutenção de monopólios o que desfavorecia os comerciantes que queriam concorrência e maior liberdade para comercializar. Outro acontecimento foi à revolução industrial, o método produtivo mais mecanizado, HUNT e SHERMAN (1985, p. 53) relatam que a produção industrial britânica nos anos de 1700 a 1750 cresceram 76% para fins de exportação comparando que para o mercado interno o crescimento foi de 7%. Nos anos de 1750 a 1770, a produção industrial para exportação teve crescimento de 80% e se manteve 7% de crescimento para o consumo interno. A lógica era exportar e manter mercados que consumissem os produtos e enviassem matéria-prima, ou seja, colônias.

Seguindo na perspectiva da orientação política-econômica da Grã-Bretanha e relacionando com o caso particular das Falklands/Malvinas, destaco duas pessoas, Lionel Wafer e o Almirante George Anson, esses dois relataram em períodos diferentes a importância das ilhas para o contexto histórico dos séculos XVII e XVIII. Wafer escreveu em 1699 sobre a necessidade dos ingleses tomarem alguma região perto do Estreito de Magalhães, a importância de ter controle da passagem dos oceanos Atlântico e Pacífico era essencial para uma potência mercantil. Já o Almirante Anson em 1748 é mais incisivo remetendo-se a necessidade de colonizar e manter as Ilhas Falklands como posse pelos mesmos motivos que Wafer. Anson publicou um livro sobre sua circum-navegação e relatando a importância estratégica das Falklands, e com base nesse livro, Bougainville incentivou a ocupação das ilhas e assim sendo o primeiro a fazer para os franceses. No século XX a manutenção de colônias

era de alto custo, somente o controle econômico era mais vantajoso, assim as grandes colônias do mundo foram sendo libertadas, pequenas ilhas e áreas foram sendo mantidas com propósito estratégico militar que ainda se mantêm como tal.

A manutenção do poder britânico sobre as Falklands teve três principais fases, a primeira voltada ao controle das rotas marítimas garantindo a expansão e o controle dos mercados mundiais, sendo assim do século XVIII até finais da Primeira Guerra Mundial. WINER (s.d) e GRAMIGNA (s.d) descrevem bem a relevância das ilhas como ponto de passagem Atlântico/Pacífico.

En el siglo XIX, las Malvinas se constituyeron en una base de reaprovisionamiento para los barcos que navegaban a través del Estrecho de Magallanes. Por otra parte, también operaban desde las Islas los cazadores de ballenas y de focas. Sin embargo, desde principios del siglo XX, estas actividades desaparecieron. Con la apertura del Canal de Panamá, el tráfico mercante se desvió a través de América Central y dejó de repostar en las Islas. Sólo recuperó algo de interés con el cierre del Canal de Suez en 1967 y la aparición de barcos que superaban las dimensiones máximas para usar el Canal de Panamá y que, por consiguiente, se veían forzados a navegar por el extremo austral de América. Por otro lado, se prohibió la caza de focas y la ballena dejó de ser un recurso importante en la economía. Esto dejó como única actividad la cría de ovejas. (GRAMIGNA. s.d, p. 5).

A segunda fase com a mudança de paradigma global e tendo o Reino Unido na luta contra o socialismo, as colônias estratégicas como Falklands, Gibraltar e as bases soberanas no Chipre (Acrotíri e Decelia) se tornam pontos de controle e extensão do poder OTAN (Organização do Tratado do Atlântico Norte). Além de sua proximidade geográfica com a Antártica, facilitando a aclamação de parte desse continente inexplorado e notoriamente com recursos naturais abundantes intocados.

That this House declares its determination that the Falkland Islands and Dependencies shall remain under British rule in accordance with the wishes of the Islanders and that British interests in the South Atlantic and in the British Antarctic Territories shall be protected and advanced; draws attention to the importance of preserving the international cooperation enshrined in the Antarctic Treaty . . . and calls upon Her Majesty's Government to demonstrate its commitment to maintaining a tangible presence in the area. (BECK. 1983, p.429).

Essa declaração transcrita por BECK veio da House of Commons quando ocorreu a invasão pela Argentina das Ilhas Falklands, nela podemos entender

claramente o interesse nas regiões antárticas. Neste contexto ocorrendo o conflito com a Argentina. E após a guerra de 1982 a proposta para as Falklands foi a militarizar mais.

Al finalizar la guerra en el Atlántico Sur, el 14 de junio de 1982, se inició en el seno del Gobierno británico un serio debate sobre el futuro militar de las Islas; esta discusión se centraba sobre dos instancias: una, referida a la situación de enfrentamiento y amenaza en función del conflicto latente con la República Argentina y, la otra, referida a la proyección de las Islas como posición estratégica en el tablero sudatlántico de la Guerra Fría.

Estas dos instancias de carácter político-militar comportaron el basamento necesario para que el Gobierno británico de 1982, bajo la potestad de Margaret Thatcher, tomase la decisión de construir la mayor base militar en el hemisferio sur, enclavada en el Atlántico Sur; esta es conocida como Falklands Fortress. (GÓMES. 2012, p.116 e 117).

A terceira fase é a valorização das ilhas como fonte de recursos estratégicos, como o petróleo, gás e pesca. A Falklands Fortress, projeto de fortificação militar das ilhas também se insere na terceira fase, com a queda do bloco socialista (1991) a ameaça socialista se dilui e a defesa e ponto de expansão de controle se tornam essencial no sentido de proteger os ricos recursos potenciais, pois a Argentina ainda é um risco a segurança local.

As Falklands desde seu descobrimento tiveram um papel estratégico por sua localização, caracterizado inicialmente comercial e porto de trânsito, seguindo para uma estratégia mais de ponto de controle regional e por fim seu potencial se torna econômico produtivo com grandes reservas de petróleo que podem ser essenciais para o Reino Unido e Argentina. Sendo que as ilhas seguem com todas essas potencialidades ainda, de maiores e menores importâncias.

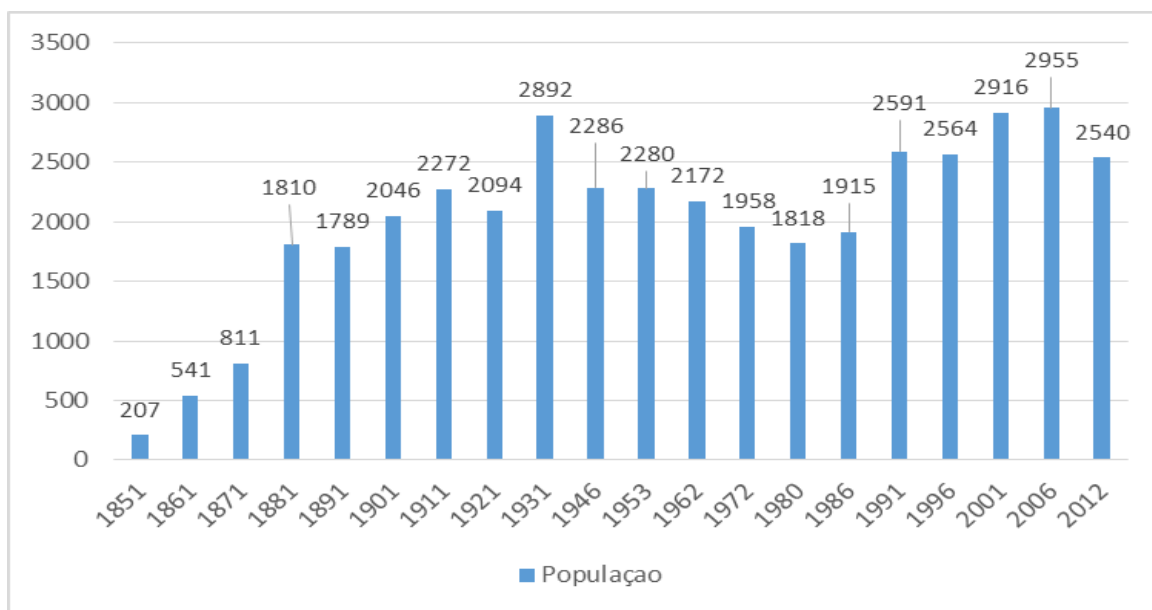
3 - Falklands do ponto de vista econômico

Em 1982 a Argentina invade militarmente as Ilhas Falklands/Malvinas sem declarações formais, alegando a reconquista por direito de uma usurpação territorial por parte dos Britânicos, mas que em uma visão geopolítica mais ampla se observa uma ação desesperada para o salvamento político e econômico desta nação. A situação da Argentina neste momento era clara, a economia sofrendo pesadamente uma crise estrutural no setor financeiro, por más medidas e decisões com relação ao setor fizeram a fluidez econômica e juros se descontrolarem causando um aumento significativo nos empréstimos estrangeiros para compensar (FERNÁNDEZ, 1983). Acrescido de uma recente declaração de um informe sobre as potencialidades econômicas das Falklands com descoberta de grandes reservas de petróleo (ainda não mensuradas com exatidão) poderia ser a salvaguarda econômica argentina, sendo que o investimento da prospecção e venda poderia ser a força necessária para retirar a Argentina dessa situação. O Reino Unido em uma crise econômica e social com o advento das políticas neoliberais de Margaret Thatcher parecia que não exerceria resistência. Resultando assim em uma invasão frustrada e agravando mais a situação Argentina. Mas o que mais esse arquipélago impacta economicamente? As Ilhas Falklands em seu descobrimento nunca tiveram uma projeção econômica significativa, suas principais fontes rentáveis foram seu porto de provisões para navios em transito Atlântico/Pacífico, caça a baleias e focas e criação de ovelhas para produção de lã. Com a criação do Canal do Panamá o tráfego pelas Falklands desapareceu só retornando infimamente com o advento dos grandes navios que não conseguiam passar pelo Canal, isso por volta de 1967, as caças a baleias e focas foram proibidas e assim restando a criação de ovelhas como principal fator econômico para as ilhas.

A meta britânica sempre foi controlar as ilhas para ter melhor acesso e firmar autoridade no Estreito de Beagle, tudo pela manutenção de sua rede de comércio mundial, economicamente nas ilhas o que se mantinha paralelo ao comércio portuário era a exploração das extensas áreas de pasto com a

criação de ovelhas para produção de lã e a caça de focas e baleias que são abundantes na região. A população sempre foi totalmente envolvida por essa estrutura, no gráfico um se pode observar o impacto da economia na população:

Gráfico 1. Censo Populacional Ilhas Falklands (1851 – 2012).



Fonte: Adaptado por CAMARGO, F.R. de <<http://www.falklands.gov.fk/assets/79-13P.pdf>>.

Com a entrada em serviço do Canal do Panamá em 15 de Agosto de 1914, o contorno pelo Estreito de Beagle se tornou desnecessário, a grande fonte econômica das Falklands foi cortada, refletindo na população que decaiu de 2.271 em 1911 para 2.094 em 1921, o ramo econômico que se intensificou foi o extrativismo, a caça a baleias e focas, ao ponto de em 1917 o Reino Unido tornar monopólio próprio esse ramo. Outro fator foi a expansão na exploração das outras ilhas, como as Georgias do Sul, que rendeu crescimento em 1931 para 2.892. Mas a partir deste ocorre o decréscimo gradual até 1980, pela subsequente proibição da caça das focas e baleias, mesmo com a o advento dos supercargueiros nos anos 60, que não passavam pelo Canal, não foi suficiente para estabilizar ou fazer crescer a população das ilhas, mantendo sempre a criação de ovelhas para lã como principal produto local, por não precisar de muito investimento e mão de obra, a quantidade de ovelhas chegou

a cifras de 644 mil cabeças em 1975 (GRAMIGNA. s.d. p. 5), mas as condições de vida nas ilhas é que a faziam serem extremas, poucas opções trabalhistas, educação e saúde dependentes do continente, essa situação só veio se alterar pós 1982 com grandes investimentos por parte do Reino Unido.

Os investimentos por parte do Reino Unido que vieram no pós-guerra de 1982, primeiro por afirmar a população local a vantagens de pertencerem a coroa britânica e segundo motivo foi incitado por um relatório, o Relatório Shakleton, em 1976 Lord Edward Shakleton veio às ilhas com uma equipe com finalidade de avaliar a potencialidade econômica do local, no relatório feito por Shakleton foi destacado as reservas de petróleo que poderiam se comparar as do Mar do Norte, mas não estavam totalmente calculadas, a exploração da pesca, agricultura mesmo pela acidez do solo, alginatos de origem das algas da classe *Phaeophyta*, muito comum nas águas circundantes das ilhas, o turismo e pequenas indústrias e oficinas para simples produtos, como malhas e ferramentas de uso cotidiano (SHACKLETON; JOHNSON, 1977, p. 8-11). Os recursos mais focados e que foram realizados esforços para serem explorados foram a pesca, turismo, agricultura (criação de ovelhas) e o petróleo.

3.1 - Pesca

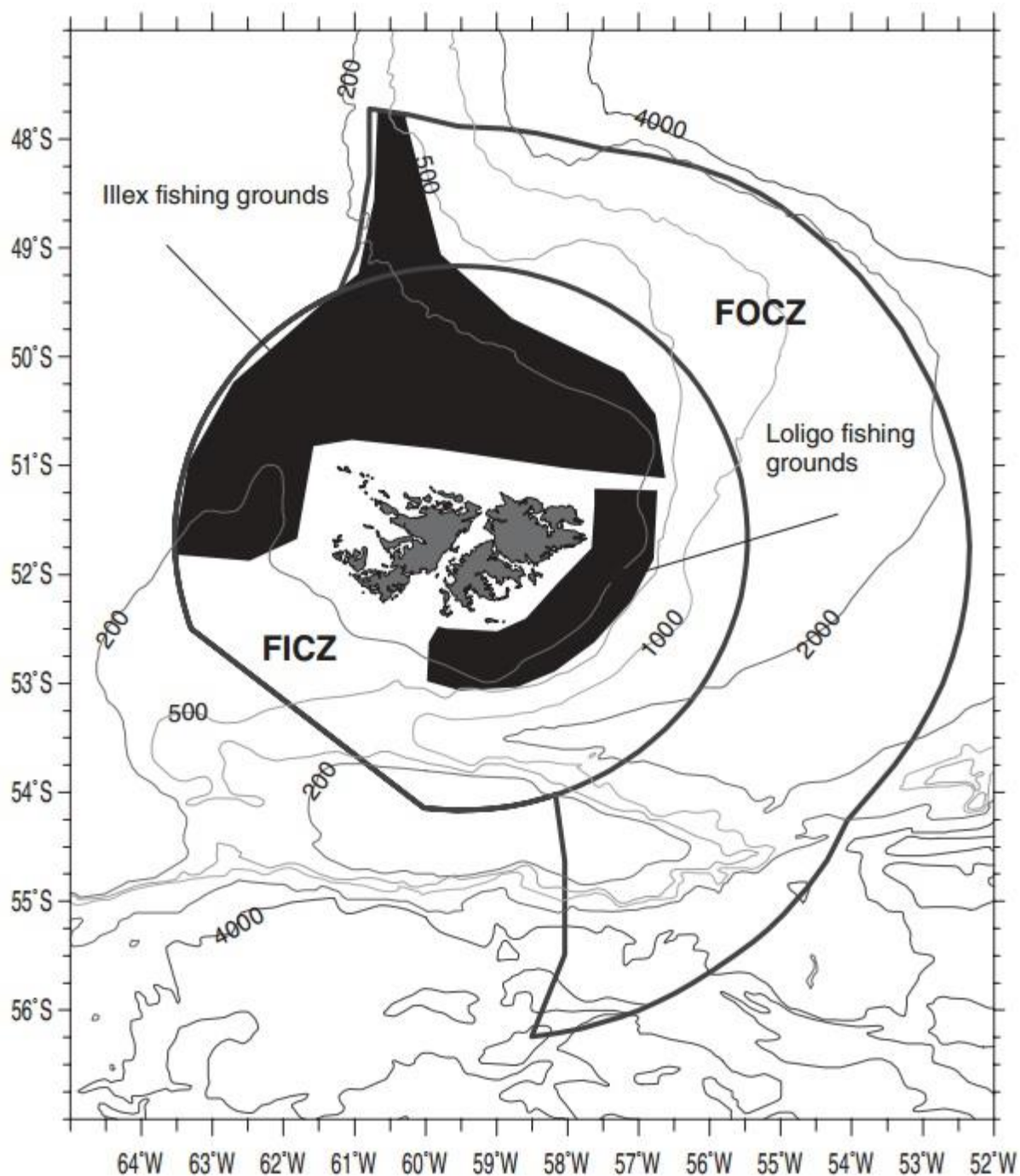
O primeiro incentivo econômico em geral foi à criação da FICS (Falkland Islands Interm Conservation and Management Zone) e da FOCZ (Falkland Islands Outer Conservation Zone), sendo a maior com 150 milhas marítimas, sendo essas voltadas para a exploração comercial e limite territorial marinho. Delimitado a área, o plano do empreendimento da pesca priorizava as embarcações locais, mas por falta da capacidade local de barcos de pesca o governo das ilhas resolveu vender licenças de exploração para qualquer barco, sendo essas licenças são renovadas anualmente. A pesca faz tanto peso na economia das ilhas que de acordo com o PIB das ilhas em 1986 foi de 9,8 milhões de libras e em 1987 após a liberalização da pesca saltou para 30,7 milhões de libras e deste total 13.7 milhões são de origem direta da pesca (GRAMIGNA. s.d. p.9). Sendo em média feita a captura de 260 mil toneladas de peixe por ano e a receita nos anos de 1990-2000 das licenças renderam 23

milhões de libras de um total 44,1 milhões das fontes de recurso das ilhas (BARTON. 2002, p.127-129). A receita das licenças pesqueiras pode ser observada na Tabela 1, destacando que os valores dos recursos obtidos são diferentes dos dados de PIB. Destaco que é (período pré-exploração de petróleo) a fonte mais rentável economicamente para as Falklands.

Um dos principais pescados é a lula, sendo duas espécies pescadas, *Illex* e *Loligo*. No Mapa 1 se encontra suas principais áreas de pesca. A pesca nas ilhas em comparação com outros locais do mundo é modesta. Logo nos primeiros anos de venda de licenças para a pesca, o governo observou que necessitava de uma regulamentação para não ocorrer à exploração desenfreada e que acarretasse em problemas ambientais futuros, também em uma forma de tornar os moradores locais mais participantes nesse segmento econômico:

To conserve the resource, and thus ensure its continued productivity. To maintain the economic viability of the fisheries as a whole. To enable the Falklands to enjoy greater benefits from the resource. These objectives are still relevant today. The proper conservation of resources remains the primary objective. The promotion of direct involvement in the fishery by Falkland companies and residents, has been actively pursued. (BARTON. 2002, p.130).

Mapa 1. Área de pesca de lula nas Ilhas Falklands.

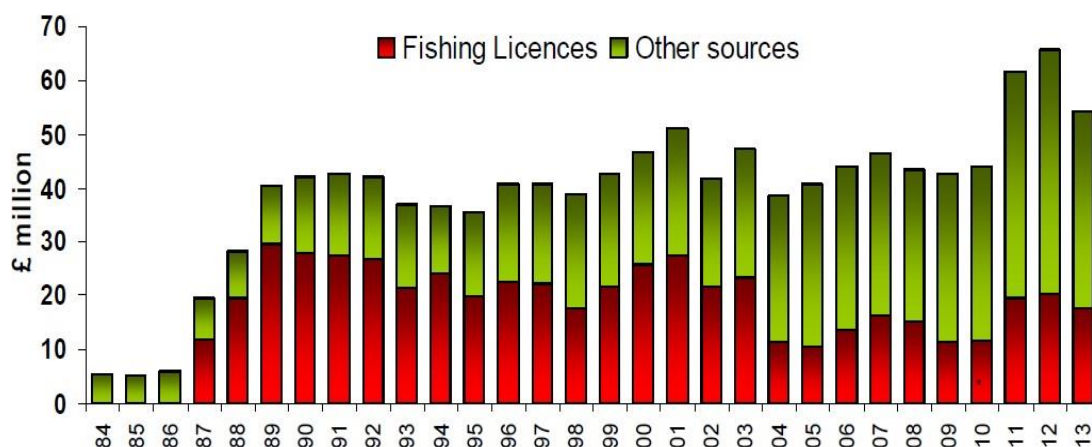


Fonte: <http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1002/aqc.482/pdf>

Segundo BARTON (2002) a temporada de pesca nas ilhas é de duas estações (6 meses), a pesca *Illex* ocorre dos meses de Fevereiro a Junho (primeira estação) e o *Loligo* ocorre no quarto e terceiro mês da primeira e segunda estações. As espécies de peixe ósseas podem ser obtidas em todo o

ano, o que diferencia são as rodadas de licenciamento que são revistas nos intervalos das estações, com fim de evitar grandes impactos nas populações de peixes. Na Tabela 2 se pode observar a quantidade de peixes por tonelada capturados e suas respectivas espécies.

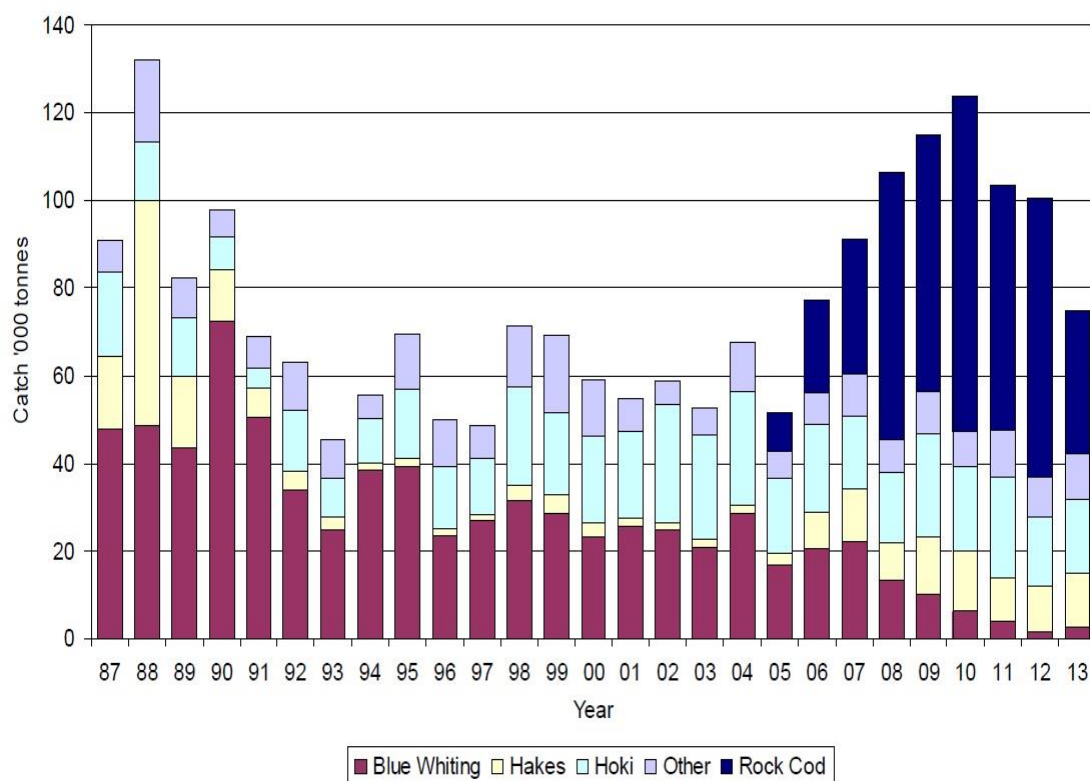
Gráfico 2. Receita governamental das Falklands a partir da pesca e outros recursos no período de 1894 - 2013



Fonte: <http://www.falklands.gov.fk/self-sufficiency/commercial-sectors/fisheries/>

Nessa tabela se observa o impacto financeiro da pesca nas ilhas, de 1083 até os anos 2000 a sua representatividade da receita cresceu até representar pouco mais da metade dos recursos gerados.

Gráfico 3. Total de peixes (Toneladas) e suas respectivas espécies capturadas nas Falklands nos períodos de 1987 - 2013



Fonte: <http://www.falklands.gov.fk/self-sufficiency/commercial-sectors/fisheries/>

Com essa tabela se observa as principais espécies pescadas nas ilhas e a quantidade capturada na década de 1990, nela se vê claramente o grande crescimento na tonelagem da pesca, ocorre quedas nas pescas em alguns anos, mas nada que abale o real crescimento da exploração pesqueira.

3.2 - Turismo

Outro ramo econômico seguindo o informe Shackleton é o investimento no turismo, que teria um impacto mais direto com a população local, tendo um contado mais direto com os produtos e serviços. Dentro dessa ideia do turismo as vantagens naturais seria a motivação turística, com clima mais frio e incondizente com banhos de mar e atividades recreativas de áreas mais

quentes o foco se torna a fauna local. Para o turismo de ilhas e pequenos Estados existem seis questões principais a serem abordadas:

There are six issues commonly found in the development of island microstates. These are, first, the question of tourist demand versus protection of the environment; second, determining the role of government and its agencies; third, sustaining the economic health of the supporting infrastructure; fourth, the problem of material supplies and the implications for imports; fifth, the important issue of population increase or decline. Here there are two cases, one in which overpopulation brings down the level of prosperity and the other in which underpopulation hinders growth. Finally, there is the question of sustaining the indigenous population. (RILEY. 1995, p. 172).

Mas para o caso das Falklands apenas dois eram necessários para se empreender o turismo nas ilhas, a questão da proteção ambiental e a infraestrutura de apoio. Na proteção ambiental que é a motivação do turismo, foi imposto o limite de 500 pessoas a visitar locais mais sensíveis por temporada, locais de ninhos de aves e de procriação de animais marinhos. Foi necessário certo investimento para estabelecer melhor a infraestrutura de apoio, hotéis, pensões, restaurantes e lojas de souvenir, locais onde ocorre a retenção de capital para o local.

Contudo a quantidade de turistas em geral a visitarem é determinada pelo transporte, a acessibilidade das ilhas é mais pelos navios, deste modo são os navios cruzeiros os responsáveis pelo maior fluxo de turistas, tendo em 2003-04 chegado 34.000 pessoas desse modo, mas se contabilizar a própria tripulação pode chegar a 50.000, (ROYLE. 2004, p. 887) ver. Outro modo, mas de pouco fluxo são os voos, sendo que só existe uma ligação aérea e esta é com o Chile, Punta Arenas, que ocorre com regularidade semanal, existe a rota via Ilha Ascensão que é feita pela RAF (Real Força Aérea, em tradução livre), mas essa é bem menos turística por se tratar de voos mais rústicos e sem conforto em aviões militares. O menor fluxo turístico vem da base militar de Mount Pleasant pelas saídas de folga dos militares e seus familiares.

Em questão econômica o turismo não tem grande impacto no ponto de vista em receita líquida comparada com a pesca, sendo 300.000 libras em 2003-04 (ROYLE, 2004, p. 887), mas o real impacto que o turismo causa sendo uma segunda fonte de renda para os pequenos criadores de ovelhas que transformaram suas casas para receber os turistas, pensões pequenas, a

manutenção de pequenos ofícios e “fabriquetas” que vendem produtos aos turistas e com tudo sendo uma forma de controle da inflação e equilibrando o sistema financeiro nas ilhas, sendo essa a maior proposta para o turismo.

3.3 - Criação de ovelhas

No campo da “agricultura” que sempre forneceu a lã, a abordagem foi a intensificação da produção aproveitando a tradição e as vantagens geográficas para expandir a criação de ovelhas e expandir para o mercado das carnes. As ilhas têm uma característica de ter solos pobres de turfa ácida (THOMPSON. 2000, p.39) e (ROYLE. 1995, p.315). Investimentos nas gramíneas locais para alimentação e inseminação artificial para fins de melhoramento genético, foram o foco para o aperfeiçoamento da produção resultando também no aumento nas vendas. Em 1988 eram vendidos 2.5 milhões de libras em lã e assim saltando para 4 milhões de libras em 1994 (ROYLE. 1995, p.315). Os resultados do segundo empreendimento com as ovelhas, em 2011 a carne de 44.000 ovelhas já eram exportadas para as Ilhas britânicas e Europa (*Falkland Islands Government*, 2012).

Em geral esse desenvolvimento econômico das ilhas no pós-guerra de 1982 com a Argentina, iniciado por um grande processo de investimentos baseados no Informe Shakleton, expansão de melhoramentos da criação de ovelhas para lã e abrindo a para a exploração de carne, abrindo licenças para pesca nas águas territoriais e incentivar o turismo local. Resultaram as Ilhas Falklands o oitavo lugar no mundo em PIB (Produto Interno Bruto) per capita em 2011 (CIA. 2011), ficando à frente de países como Noruega e EUA e perdendo para Listenstaine e Catar por exemplo.

3.4 - Petróleo nas Falklands

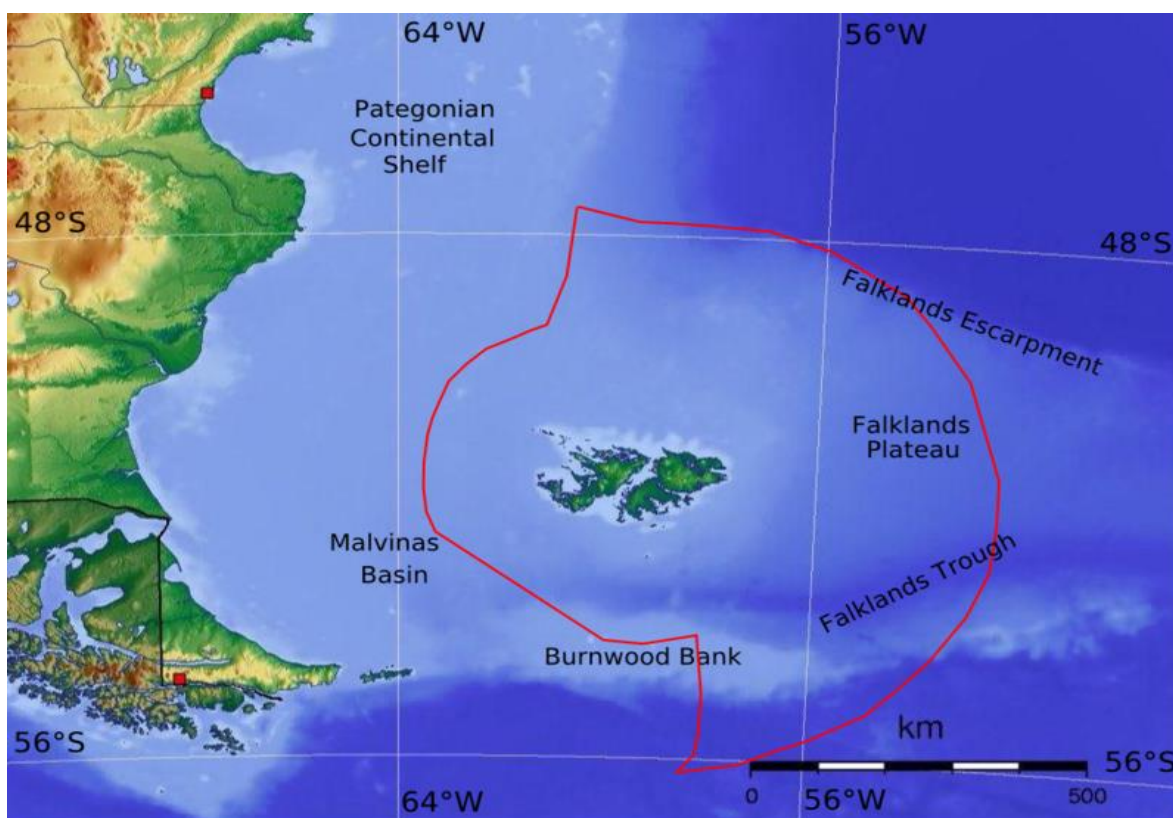
O interesse britânico em obter petróleo nas Falklands vem da crise dos anos 70 (BIANGARDI. 2011, p.129) para se tornar menos dependente do petróleo proveniente de outros países já que suas reservas não são suficientes para seu consumo, assim o foco para a procura de novas fontes nos territórios

ultramarinos e o foco cai sobre existência de petróleo nas Falklands, o informe Griffiths foi o primeiro a relatar isso já em 1970, mas com o informe Shackleton em 1977 foi confirmada oficialmente a existência, pelas grandes bacias sedimentares presentes no entorno do arquipélago (FRAGA. 1995, p. 115). Com essa descoberta se levou a duas situações, a necessidade de avaliar a potencialidade petrolífera e oficializar a demarcação territorial para com a Argentina.

O Reino Unido em 1986 delimita a Zona Econômica Exclusiva em 150 milhas náuticas para fins pesqueiros (Mapa 1), sendo esse o início das delimitações das fronteiras marítimas, Argentina se posiciona contra, mas pela adoção da política de “paraguas de soberania” em 1989 onde a diplomacia não se arremetia a causa da soberania das Falklands, mas tenta manter relações amistosas de modo a não perder totalmente as vias diplomáticas com o Reino Unido, dessa forma não se altera a delimitação dessa zona. Nesse contexto o governo britânico se reserva a total exploração dessas áreas.

No ponto referente à potencialidade também se deve destacar a viabilidade da prospecção que tem sido o ponto crucial e o que até na atualidade é o fator que impede o imediato início da exploração. Sabendo dessa imediata inviabilidade o governo britânico teve seu foco na pesca, mas em setembro de 1990 o Reino Unido libera ao governo local das Falklands a abertura das licenças para a exploração petrolífera. Um mau sinal veio em primeiro de Maio de 1992 quando a empresa estadunidense OXY não obteve sucesso na prospecção de três poços. Um comitê foi formado para se responsabilizar nos assuntos do petróleo, deste surge o estudo das quatro localidades de potencial petrolífero, A Plataforma Continental Leste das Malvinas, Bacia do Sul, Bacia do Oeste e Bacia de San Julián. A empresa SPECTRUM com base em informes preliminares desenvolve um cronograma para a exploração que foi ignorada e não executado e previa início da exploração em 2002. Até o ano de 1995 foi marcado pelas avaliações e análises das possibilidades até que por parte unilateral do Governo das Falklands se abre a licitação internacional, mas excluem todas as empresas que tenham 51% dos ativos de origem argentina, o ressentimento dos moradores locais com os argentinos se mantém forte.

Mapa 2. Zona Econômica Exclusiva das Ilhas Falklands.



Fonte: <http://blogs.elpais.com/.a/6a00d8341bfb1653ef0163001aabde970d-pi>

O governo argentino rebate advertindo que todas as empresas que atuarem nas Falklands serão proibidas de atuar na Argentina. Essa é uma medida de reciprocidade, e as atitudes argentina neste momento são dotadas de ações que não comprometam o próprio direito de soberania sobre as ilhas (Paraguas de Soberania). E segue que em vários momentos a Argentina tenta negociar a situação da extração petrolífera da bacia oeste, tendo em vista que independente da posse das Falklands a reserva se estende as águas territoriais argentinas. Um acordo foi assinado entre as partes em 27 de Setembro, com 6 pontos principais:

- 1) Se mantêm o sistema de “paraguas de soberania” sem a abordagem do tema de soberania, mantendo as relações diplomáticas e comerciais;
- 2) O acordo não se aplica as Ilhas Geórgia do Sul e Sandwich do Sul;

- 3) Há acordo na cooperação na prospecção e possível exportação dos hidrocarbonetos;
- 4) Se cria um conselho entre as duas nações que visa somente ater as questões dos hidrocarbonetos e só serão acatados por unânime consenso das partes;
- 5) Além das áreas contestadas foram demarcadas mais 6 áreas de 3500km² em águas argentinas para a possível prospecção;
- 6) E a recolha separada de royalties é aceite sem a especificação do valor ou percentagens.

Desses pontos principais definidos entre Reino Unido e Argentina fica definido as possíveis prospecções de hidrocarbonetos, mas o ponto principal é a perspectiva de cada país sobre esse acordo. A visão argentina pode ser entendida através de um informe após o acordo é de que se reafirma que a Argentina tem direitos sobre Falklands, Ilhas Geórgia do Sul e Sandwich do Sul, que o acordo não é um reconhecimento da soberania britânica e o acordo significa um marco de das boas relações mesmo se tratando de um *modus vivendi*. A opinião britânica é direta e não aceita nenhuma ação argentina de impor encargos econômicos as companhias de petróleo, mas aceita a criação de legislações sobre o tema, salvaguardando a soberania e a jurisdição britânica (FRAGA. 1995, p.123).

Passados doze anos desse tratado, em 2007 o governo argentino o declarou como sem vantagem e o denunciou pelo fato de não terem tido avanços concretos na exploração conjunta. Dessa forma o Reino Unido se volta para as bacias que não transitem entre as fronteiras, tentando de uma forma não criar mais motivos aos argentinos.

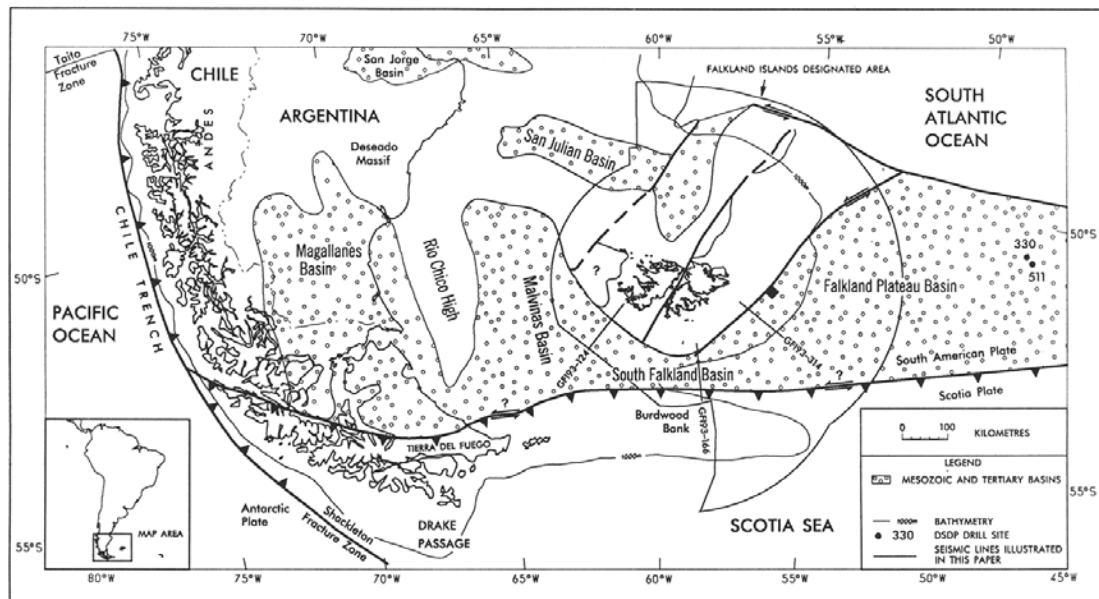
As investigações geológicas definiram as duas bacias principais como, North Falklands Basin e South Falkland Basin (Mapa 2). A bacia norte (North Falkland Basin) é uma clássica bacia rift de preenchimento lacustre formado entre o jurássico superior e o cretáceo inferior e é associado a abertura do oceano Atlântico. Segundo a empresa exploradora FOGL (Falkland Oil and Gas Limited) a geologia do petróleo dessa bacia é:

Rochas Geradoras As primeiras fontes rochosas são do horizonte NFB, Cretáceo Inferior (Barremiano para Valanginiano) lacustre, algas e xistos petrolíferos depositadas dentro da sequência pós-rifte de período inferior. Houve vários estudos realizados por diferentes autores com base na campanha de perfuração de 1998, que indicam a presença de fonte de óleo no intervalo do Barremiano ao Valanginiano com Tipo I / II querogênio. Estes estudos indicam um intervalo de espessura de (500 m) que está maduro para a geração de óleo também na sua parte inferior abaixo 2,400m para 2,650m e na fase de pico do petróleo abaixo de 2,800m de 3.000m. Os estudos de maturação modelagem indicam que o momento da geração e expulsão tenha sido desde o final do Cretáceo para o presente. Estes resultados foram ainda validados pelas análises dos dados da campanha de perfuração 2010/11 e a descoberta do maior campo de Sea Lion confirma o potencial desta prolífica fonte de petróleo. A presença de gás e gás úmido no poço 14 / 19-1 (Liz) indica um intervalo na rocha fonte mais maduro na sequência sin-rifte, que foi enterrada a maiores profundidades no eixo do principal sistema semi-graben. Potenciais reservatórios são desenvolvidos no NFB em todo o syn-rift e pós-rift. Estes compreendem reservatórios lacustres e fluviais depositadas dentro de um sistema graben. Os reservatórios lacustres são o alvo principal, reservatório como estão inter-camas com intervalo de rocha fonte madura na sequência pós-rift inferior. Os reservatórios lacustres são turvos depósitos de areia com queda vertical empilhando lençis de areia, controlada pela topografia da bacia. As areias foram obtidos a partir do norte e leste da bacia com a bacia-fill primário a ser prestado por uma grande rede hidrográfica que drenam para o lago do norte. Reservatórios adicionais são observados dentro do syn-rift e depois pós-rift onde areias fluviais são o tipo de reservatório dominante. (Fogl, 2014, tradução nossa).

A FOGL é uma das empresas responsáveis pela exploração e futura extração offshore de hidrocarbonetos nas Falklands. A bacia norte é de responsabilidade de outras empresas (Rockhopper, Desire e Argos), já confirmado que a porção mais a leste da bacia é onde se encontra a melhor potencialidade de extração (KIERMAN, P. 2012).

A *South Falkland Basin* com características geológicas parecidas com a bacia norte, apresentando segundo PLATT, PHILIP (1995) e o Serviço Geológico dos Estados Unidos (2000), a bacia tem reservatório de arenitos depositados de forma deltaica e leque aluvial, os arenitos oriundos do Cretáceo Inferior são os possíveis reservatórios. A FOGL também possui uma seção offshore para pesquisa e exploração de hidrocarbonetos na bacia sul, de acordo com as pesquisas a FOGL encontrou semelhança dessa área com campos argentinos já explorados e também com locais no mar do norte que também já tem suas prospecções.

Mapa 3. Estrutura da plataforma continental das Malvinas.



Fonte: PLATT, Nigel H; PHILIP, Peter R. 1995, p.760.

Um resumo que a FOGL tem sobre essa bacia:

Source Rocks

Source rocks were discovered in the wells (part of the deep sea research drilling programme ODP and DSDP) drilled to the east of the FOGL licences. No oil or gas has been generated at this location due to insufficient burial of the rocks. However, these formations may be mapped from these wells into the FOGL acreage. In addition, in the Argentine basins, source rocks of the same age have generated several billion barrels of oil equivalent, confirming the model that the East Falkland basin is part of a continuous margin with similar geological characteristics, in rocks of the same age. In the FOGL acreage these source prone formations have been buried to over 3km which is sufficient (over 100 degrees Celsius) to generate oil.

Reservoirs

The NFB was a lake throughout much of its geological history, unlike the South and East Falklands basins which are classified as 'passive margins' that developed in a fully marine setting. Published research (Richards and Hillier 2000) shows that the sediment that filled the NFB was derived from the north and west. The South and East Falkland basins seem to have derived much of their fill from the Falkland Plateau, which includes the Falkland Islands. The Falkland Islands (see British Geological Survey) are dominantly composed of hard, old quartz rich rocks which range in age from Precambrian (older than 550 million years) to Permian (older than 260 million years). These ancient rocks erode to provide sands, which in turn will have been shed into the basin to form sandstone reservoirs to store oil and gas. The Falklands today are surrounded by beautiful sandy beaches, which were derived from these rocks. In addition,

seismic analysis suggests that sands were shed into the basin during several key periods of the geologic record.

Traps

There are several potential trapping styles in the basins. Large tilted fault blocks are present in the south and north of the FOGL acreage. This is a trapping style common in the early rifted parts of basins worldwide and many of the large oil and gas fields of the North Sea (Brent for example) are in traps of this type. In the southern part of the acreage, folded rocks occur along the margin of the Scotia sea which form simple anticlinal traps. In other parts of the acreage the trap style is dominantly stratigraphic where sand bodies are mapped onlapping the basin margin, in semi isolated channel systems or submarine fans, like the recent discoveries offshore Ghana. In all cases thick, regionally extensive sealing shales form an impermeable blanket across the top of the traps.

The Plays

Geologists tend to group leads, prospects and ultimately oil and gas fields into plays (features linked by common geologic factors, such as reservoir type, structural style etc.) as a convenient classification system. There are three main plays in the FOGL acreage. The Springhill Sandstone Play, which is further subdivided into fault blocks and onlap traps, the mid Cretaceous Basin Floor Fan Play and youngest of all, the Tertiary Channel Play which is subdivided into the Tertiary Channel Play and the Tertiary Fold Belt Play.

The Springhill Play contains about 95% of the oil and gas in the offset Argentine Magallanes basin. The oil or gas is trapped in sands which were deposited near an ancient shoreline. Many of the fields in Argentina are formed by a combination of structural and stratigraphic trapping mechanisms. Example prospects from the FOGL acreage are Endeavour, Endurance, Lutra, Inflexible and Thulla.

The mid Cretaceous Fan Play is developed in the northern and central portions of the East Falkland basin. Deep marine sands are shed into the basin and become large isolated stratigraphic traps. Example prospects are Finback and Humpback in the Diomedea area and Hero and West Hersilia in the Volunteer sub-basin where the large FINA 3D was acquired in 2014.

The Tertiary Channel Play developed following a period of uplift of the Falklands Plateau. This caused a large amount of sediment to be shed into the basin. The Loligo well (2012) tested this play and found gas but the reservoir was of poor quality. Additional prospects remain untested and it is hoped that greater insight from all the recently acquired 3D will point the way forward. The Tertiary Fold Belt Play is only developed in the extreme south of the FOGL licences. The acreage in this area sits above a tectonic plate boundary, with the oceanic Scotia Sea developed to the south and the passive margin, of the South American plate, located to the north. Movement along this margin buckled the rocks into linear folds which may form a trapping mechanism for hydrocarbons. The deformation which drove the development of these folds is relative young (by geological standards) and took place within the last 20 million years.

The South and East Falkland basins are frontier basins with only five commercially operated wells; only one of these wells was a dry hole (Toroa 2010). However, it contained the key ingredient (high quality mid Cretaceous aged sands) which has stimulated exploration

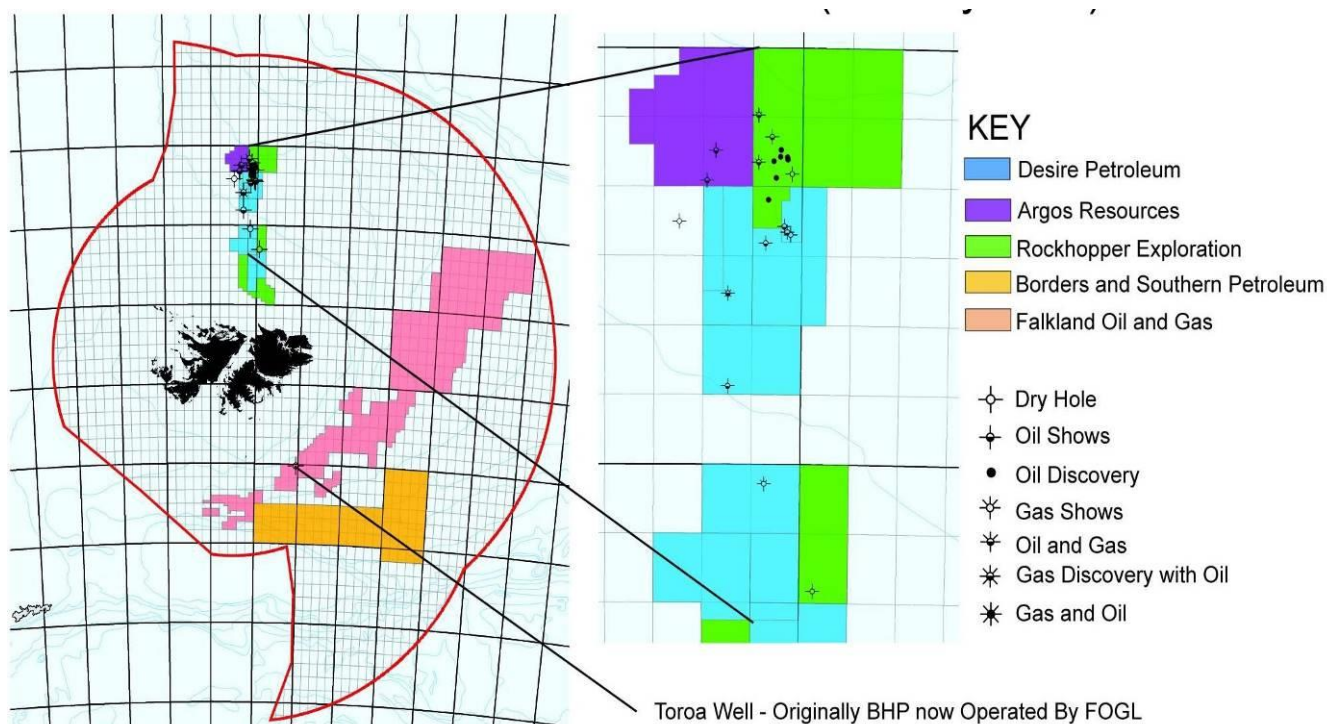
(acquisition of over 10,000sqkm of 3D seismic) and opened up the mid Cretaceous Fan Play which will be drilled by Noble Energy (operator on behalf of the FOGL group) in 2015. (FOGL, 2014).

Até agora só foi divulgado que o poço Sea Lion, na bacia norte está em condições econômicas de exploração e a projeção de outras áreas é promissora (FOGL, 2015).

A Argentina tomou medidas jurídicas internas para a proibição da exploração nas ilhas (*The Economist*, 2014), isso impactou que as grandes empresas internacionais se ressentiram em participar, dada a situação que litigiosa das duas nações, mas isso resultou em uma forma positiva a empresas petrolíferas britânicas de menor tamanho, tornando a exploração uma ferramenta quase totalmente britânica. As empresas que estão envolvidas no processo de exploração de hidrocarbonetos nas ilhas são cinco, Argos Resources, Desire Petroleum, Rockopper Exploration e Borders and Southern Petroleum. Na Imagem 1 se observa seus locais de exploração offshore.

No contexto da quantidade de hidrocarbonetos, em cálculos de média as reservas prováveis (*Undiscovered resource*) das Falklands segundo a Agência Americana de Geologia (USGS) são de 5.302 bilhões de barris de petróleo e 12.060 bilhões de pés cúbicos de gás (USGS, 2012). Segundo o mesmo documento, essas reservas prováveis das Ilhas Falklands são maiores que as reservas prováveis argentinas. As bacias argentinas com reservas de hidrocarbonetos são: Salado-Punta del Este (Dividida com o Uruguai), Neuquen, San Jorge, Magallanes (Dividida com o Chile) e Malvinas. A Bacia de Salado-Punta del Este tem como provável reserva de petróleo 1.975 bilhões de barris e 4.593 bilhões de pés cúbicos de gás. Neuquen têm 334 milhões de barris de petróleo e 497 bilhões de pés cúbicos de gás. San Jorge 67 milhões de barris de petróleo e 51 bilhões de pés cúbicos de gás. Magallanes 205 milhões de barris de petróleo e 497 bilhões de pés cúbicos de gás. Malvinas 138 milhões de barris de petróleo e 333 bilhões de pés cúbicos de gás. A soma de tudo se apresenta como 2.719 bilhões de barris de petróleo e 5.971 bilhões de pés cúbicos de gás, realmente menos do que as especulações da Bacia das Falklands.

Mapa 4. Empresas e seus locais de prospecção.



Fonte: <http://www.falklands-oil.com/>.

Tomando assim se percebe que na visão das prováveis reservas a Argentina ganharia muito com a aquisição das Falklands, sendo que essa reserva é pouco mais que o dobro que as reservas argentinas de hidrocarbonetos. As reservas comprovadas argentinas no ano de 2012 eram de 2,507 bilhões de barris sendo neste mesmo ano extraído 203.477 barris (Instituto Nacional de Estadística y Censos de la República Argentina, 2013).

Focando a perspectiva interna britânica a sua produção está declinando, em 2008 a produção de petróleo cru foi de 514 milhões de barris (65 milhões de toneladas), em 2012 produziu 327 milhões de barris (41 milhões de toneladas). Sendo essa produção oriunda de alto mar (Department of Energy & Climate Change, 2014). Um grande impacto positivo para a economia britânica será a produção de hidrocarbonetos nas Ilhas Falklands.

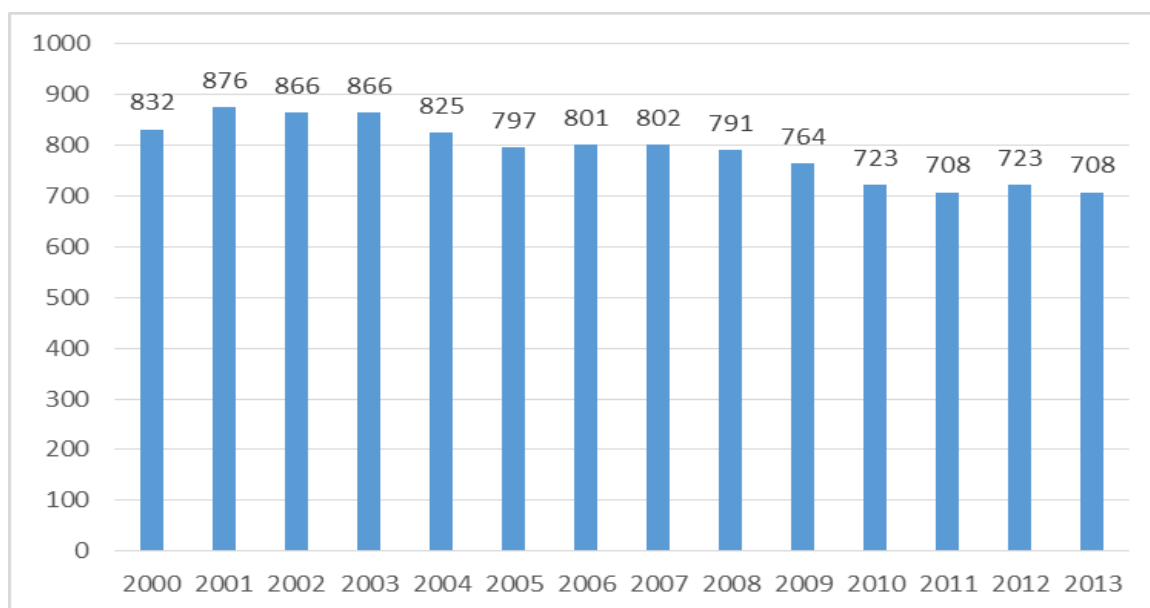
4 - Aspectos econômicos britânicos e argentinos

Os aspectos econômicos e energéticos do Reino Unido e da Argentina incitam claramente que a posse das Ilhas Falklands/Malvinas pode trazer grandes e positivos impactos as suas economias, alimentando constantemente aclamação argentina sobre o legítimo direito a posse desse território e em contrapartida reforçando o interesse britânico em manter esse local sobre a jurisdição da coroa. Relacionando os aspectos dos beligerantes com as potencialidades econômicas exploradas e a serem exploradas nas Falklands se controla a ideia dos reais interesses e motivações de adquirir ou manter o controle do local.

Neste contexto o principal que se destacar como o mais “precioso” recurso são os hidrocarbonetos e que vem sendo pesquisando a algumas décadas nas ilhas, comparando assim as potencialidades das ilhas com a situação desse recurso nos países beligerantes apontando o cerne geopolítico do litígio.

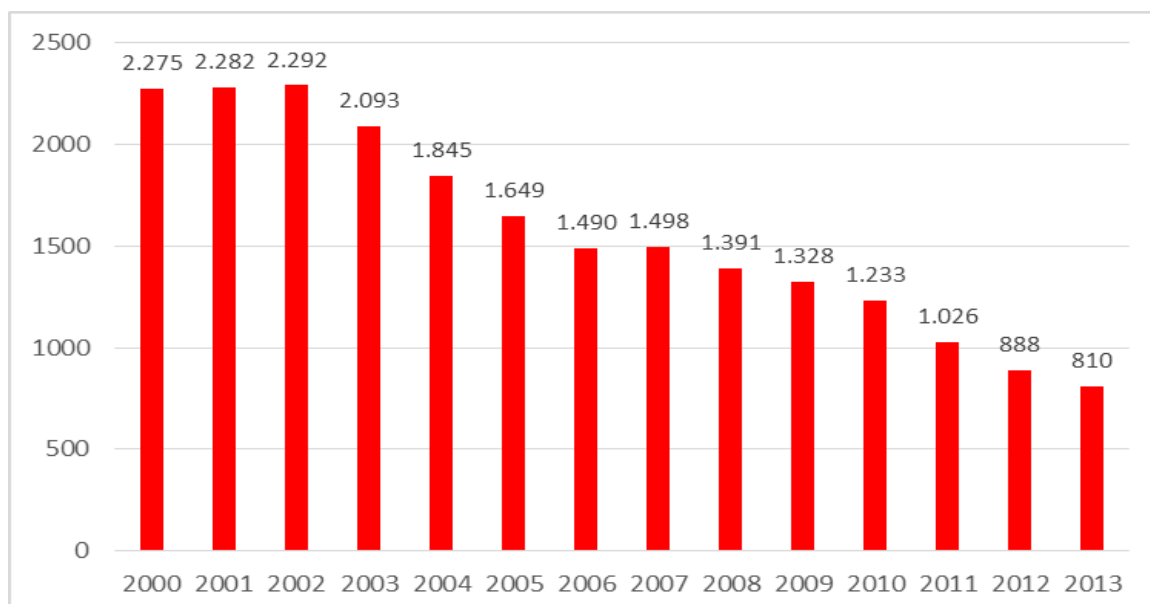
As reservas e produções de hidrocarbonetos do Reino Unido vêm quase exclusivamente do Mar do Norte onde são divididas por fronteira marítima com a Noruega, há a existência de extração em terra nas ilhas britânicas (United Kingdom Department of Energy & Climate Change), mas de pouca capacidade comparadas com os offshore. A Argentina tem suas extrações mais continentais, ao pé dos Andes e na Patagônia, mas com existência de bacias offshore (Instituto Argentino de Petróleo e Gas).

Gráfico 4. Produção de Petróleo (Mil Barris/dia) da Argentina no período 2000-2013.



Fonte: <<http://www.eia.gov/countries/>>. Adaptado por CAMARGO, F.R.

Gráfico 5. Produção de Petróleo (Mil Barris/dia) do Reino Unido no período 2000-2013.

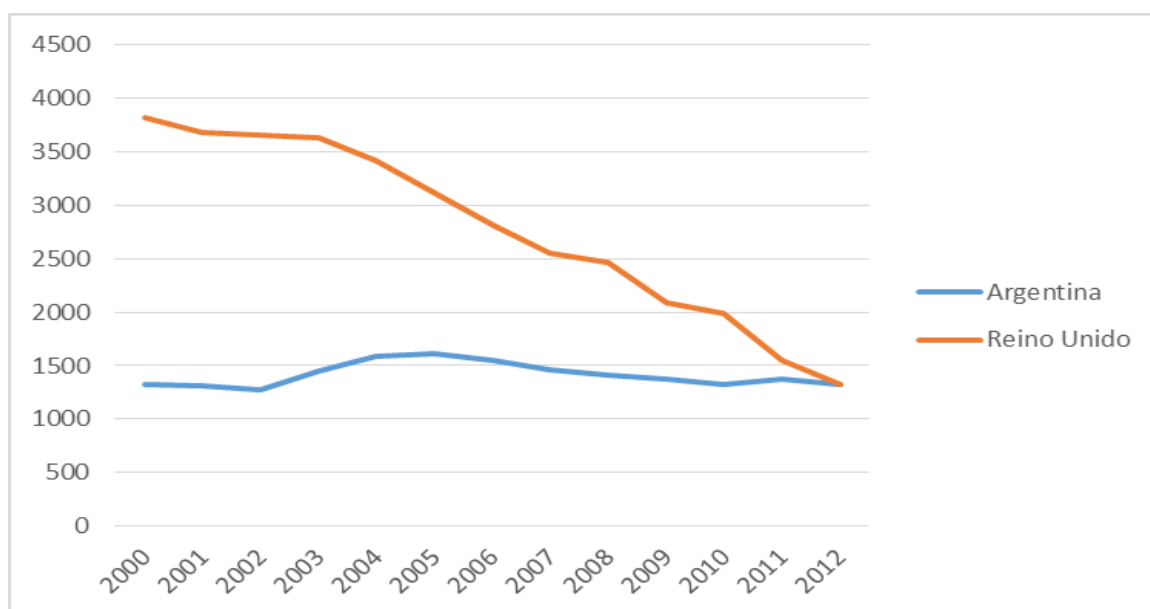


Fonte: <<http://www.eia.gov/countries/>>. Adaptado por CAMARGO, F.R.

Somente por esse recorte temporal se observa a crescente queda da produção britânica de petróleo, que partiu dos 2.275 milhões barris/dia em

2000 para 810 mil barris/dia em 2013. Uma nação completamente industrializada e uma potencia militar, a queda de aproximadamente 64,39%, é de grande impacto e preocupação, que repercuti em toda sua estrutura econômica. A Argentina teve um leve decréscimo, partindo dos 832 mil barris/dia para por volta dos 708 mil barris/dia em 2013, sendo uma queda de 14,91% aproximadamente. Algo que se deve relevar também e a produção de gás natural.

Gráfico 6. Produção de gás na Argentina e Reino Unido no período de 2000-2012 em Bilhões de metros cúbicos/Dia.

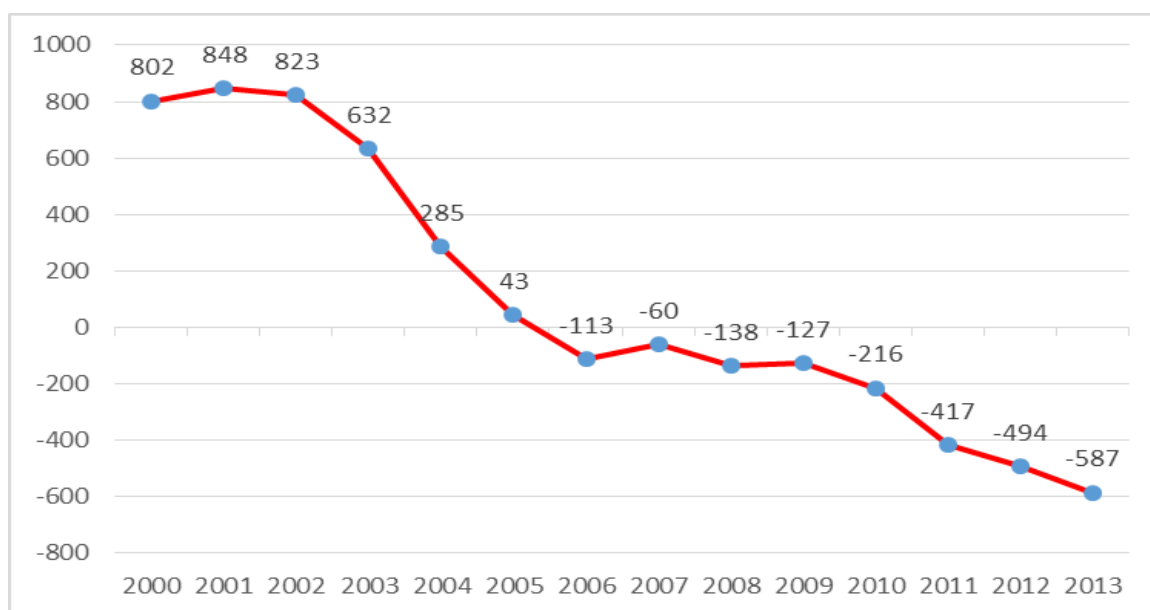


Fonte: <<http://www.eia.gov/countries/>>. Adaptado por CAMARGO, F.R.

Da mesma forma da produção de petróleo o gás teve uma elevada queda para o Reino Unido, em 2000 a produção de 3826 bilhões de metros cúbicos/dia para em 2012 estar em torno de 1322 bilhões de metros cúbicos/dia, são 64,44% a menos, muito próximo com os valores da queda da produção de petróleo, destacado que a variação do petróleo vai até 2013. A produção argentina se inicia em 1321 bilhões de metros cúbico/dia para 1329 em 2012, uma elevação muito pequena, mas nos anos de 2003 a 2008 a produção passou os 1400 bilhões de metros cúbicos.

No quadro das exportações e importações os países apresentam um quadro parecido, iniciando com uma considerável margem exportadora.

Gráfico 7. Exportação de Petróleo do Reino Unido em Mil Barris de Petróleo/Dia no Período de 2000-2013.

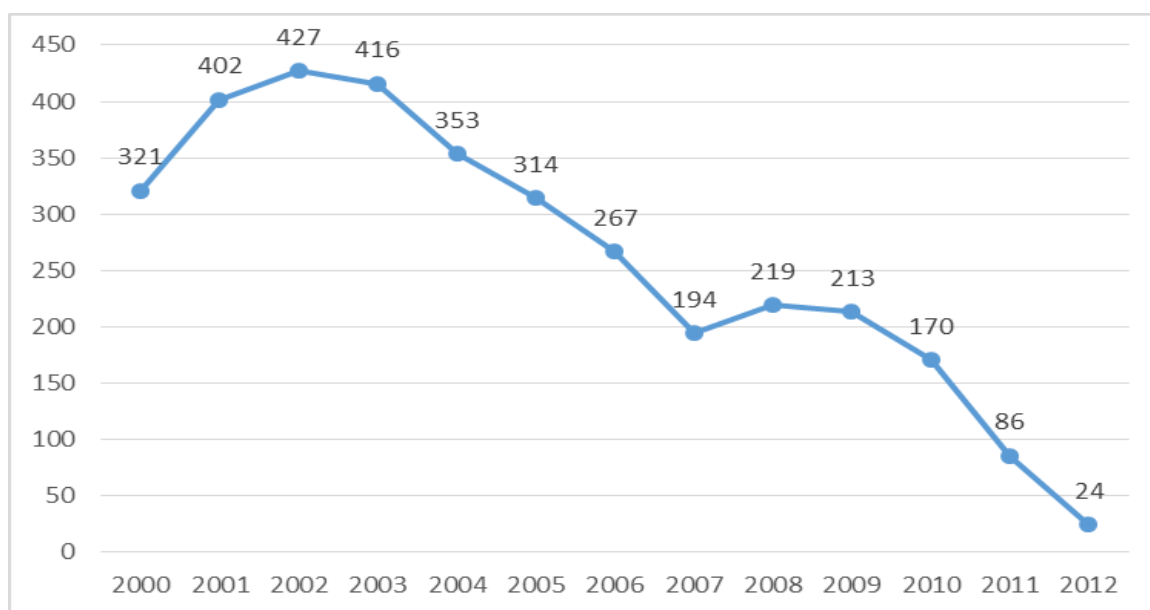


Fonte: <<http://www.eia.gov/countries/>>. Adaptado por CAMARGO, F.R.

O desenvolvimento do comércio petrolífero britânico nesses dados são claros, iniciando com uma capacidade de “autossuficiência” e em quatro anos se torna um importador e dependente de reservas externas. Destacando que existe sempre uma importação de petróleo por ser natural a mistura de tipos para melhor processa-lo. O tipo de petróleo oriundo do Mar do Norte é o Brent, leve e melhor a produção de combustíveis, para contemplar todas as necessidades um mínimo de petróleo mais pesado, melhor a lubrificantes e massa asfáltica, tem que ser importada, mas não que reflita nesse nível como se demonstra. Em geral o Reino Unido passou de um exportador (802 mil barris/dia em 2000) para um importador (113 mil barris/dia em 2006) em um período de seis anos e acaçando um significativo nível em 2013 (587 mil barris/dia). Em suma o REino Unido se tornou dependênte do petróleo estrangeiro.

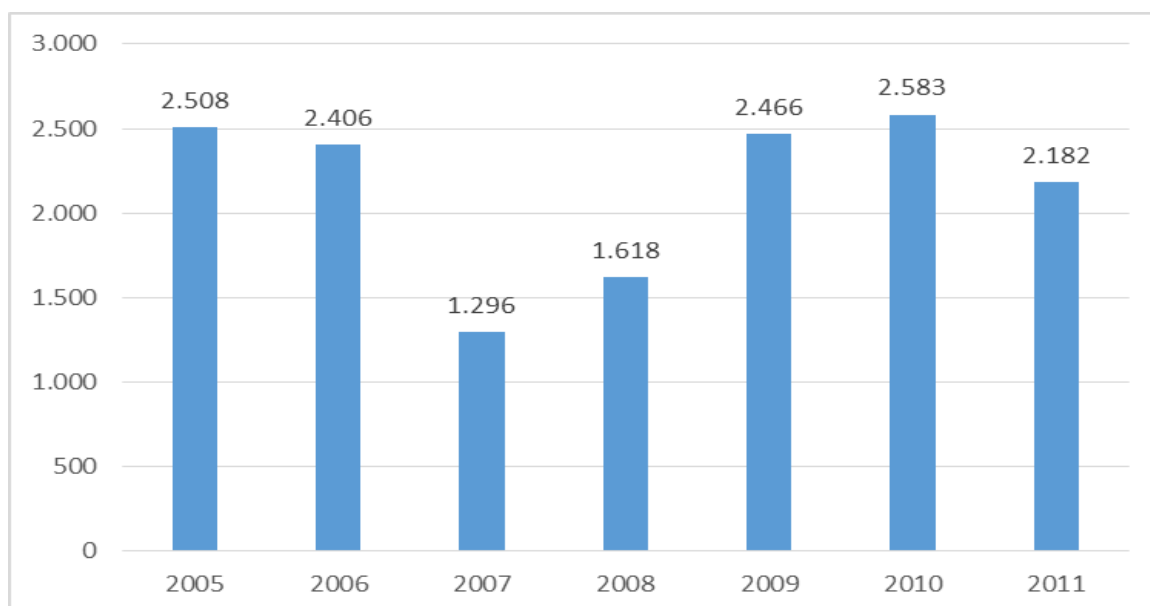
A Argentina apresenta outro quadro, mas não tão drástico quanto o britânico.

Gráfico 8. Exportação de Petróleo da Argentina por Mil Barris de Petróleo/Dia no período de 2000-2012.



Fonte: <<http://www.eia.gov/countries/>>. Adaptado por CAMARGO, F.R.

Gráfico 9. Receita da Exportação de Petróleo Argentino em Bilhões de Dólares no período de 2005-2011.

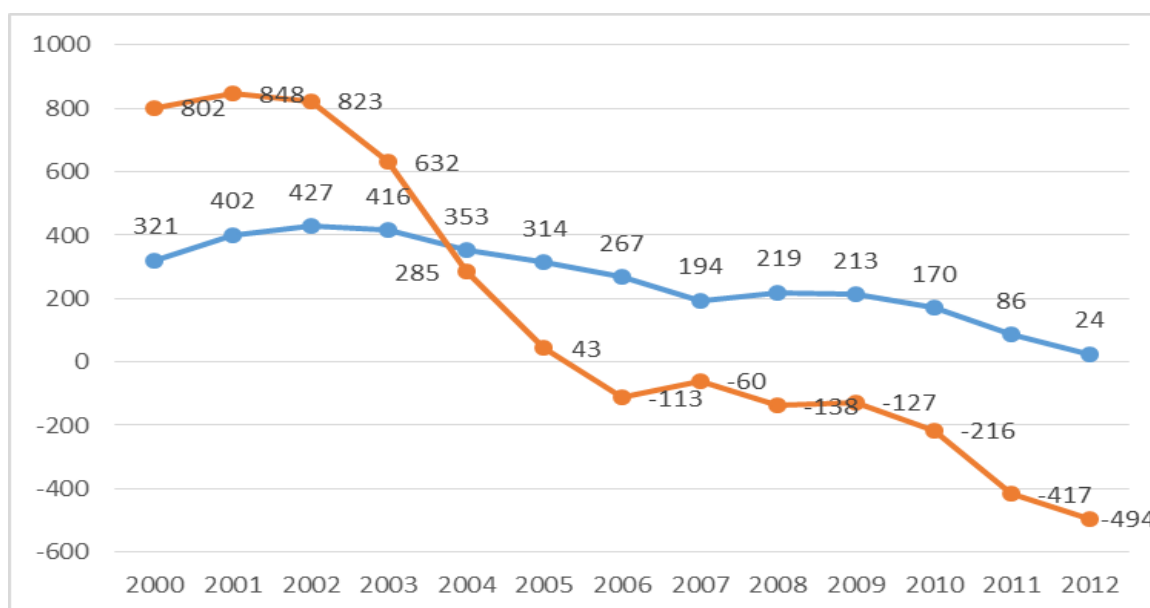


Fonte: < <http://www.indexmundi.com/trade/imports/?country=ar&chapter=27> > Adaptado por CAMARGO, F.R.

No quadro exportador argentino, os três primeiros anos estão em crescente venda, mas a partir de 2003 a exportação vai decaindo, tendo uma leve elevação em 2008, mas voltando a cair. O ponto máximo foi em 2002 (427 mil barris/dia) e em 2012 foi o ano de menor exportação (24 mil barris/dia). relacionando com o gráfico da receita, que é a relação do preço do barril com a quantidade exportada, observamos nuances correspondentes, como o ano de 2007 que ocorreu um pico de queda. Os anos de 2008 e 2009 se apresentam como anos de crise no mercado mundial, mas não afetaram a rentabilidade do comercio de hidrocarbonetos argentino.

Para analisar os dados apresentados ainda se necessita mais informações, mas podemos observar a sobreposição dos dois quadros, argentino e britânico, fazendo uma simples comparação neste setor para melhor elucidar as situações.

Gráfico 10. Exportação e Importação de Petróleo da Argentina e Reino Unido em Mil Barris de Petróleo/Dia no Período 2000-2012.



Fonte: <<http://www.eia.gov/countries/>>. Adaptado por CAMARGO, F.R.

Relacionando esses dados avalia-se que existe certa identidade, os períodos de decadência na exportação se assemelham (2002 e 2003) e seguindo em queda, em 2006 o Reino Unido já está totalmente dependente da importação. A Argentina tem um aumento na exportação em 2008, mas a partir dessa data volta a ocorrer queda na exportação. No ano de 2003 ocorreu a invasão do Iraque pelos EUA e Aliados, causando aumentos nos preços, respondendo as primeiras oscilações do gráfico.

Tabela 1. Valores mensais do Preço do Barril de Petróleo de 2005-2012.¹

Ano/Mês	Preço U\$
Jan/05	80,38
Fev/05	83,2
Mar/05	95,37
Abr/05	94,94
mai/05	89,71
jun/05	101,1
jul/05	105,71
ago/05	115,97
set/05	115,58
out/05	109,02
nov/05	103,18
dez/05	105,83
jan/06	117,1
fev/06	112,09
mar/06	114,32
abr/06	127,6
mai/06	128,85
jun/06	128,15
jul/06	135,97

¹ Média simples de três tipos de petróleo: Dated Brent, West Texas Intermediate e Dubai Fateh.

jul/06	135,97
ago/06	134,81
set/06	116,62
set/06	116,62
out/06	108,78
nov/06	109,22
dez/06	114,52
jan/07	100,52
fev/07	108,08
mar/07	113,85
abr/07	122,28
mai/07	122,52
jun/07	128,08
jul/07	138,12
ago/07	131,63
set/07	144,05
out/07	153,84
nov/07	171,38
dez/07	168,05
jan/08	170,25
fev/08	175,34
mar/08	191,1
abr/08	204,24
mai/08	230,52
jun/08	247,01
jul/08	249,66
ago/08	215,3
set/08	187,06
out/08	136,34
nov/08	101,24
dez/08	77,71

jan/09	82,58
fev/09	78,83
mar/09	87,89
abr/09	94,55
mai/09	109,28
jun/09	129,99
jul/09	121,64
ago/09	134,68
set/09	128,47
out/09	139,21
nov/09	145,82
dez/09	140,86
jan/10	144,95
fev/10	140,4
mar/10	148,94
abr/10	158,13
mai/10	142,15
jun/10	140,45
jul/10	139,96
ago/10	142,57
set/10	143,08
out/10	153,57
nov/10	158,91
dez/10	169,33
jan/11	174,28
fev/11	184,1
mar/11	204,42
abr/11	218,82
mai/11	203,62
jun/11	199,35
jul/11	203,23

ago/11	189,5
set/11	190,27
out/11	188,44
nov/11	198,51
dez/11	196,31
jan/12	201,32
fev/12	212,38
mar/12	222,03
abr/12	214,36
mai/12	196,28
jun/12	171,02
jul/12	182,28
ago/12	198,42
set/12	200,48
out/12	195,06
nov/12	190,93
dez/12	190,81

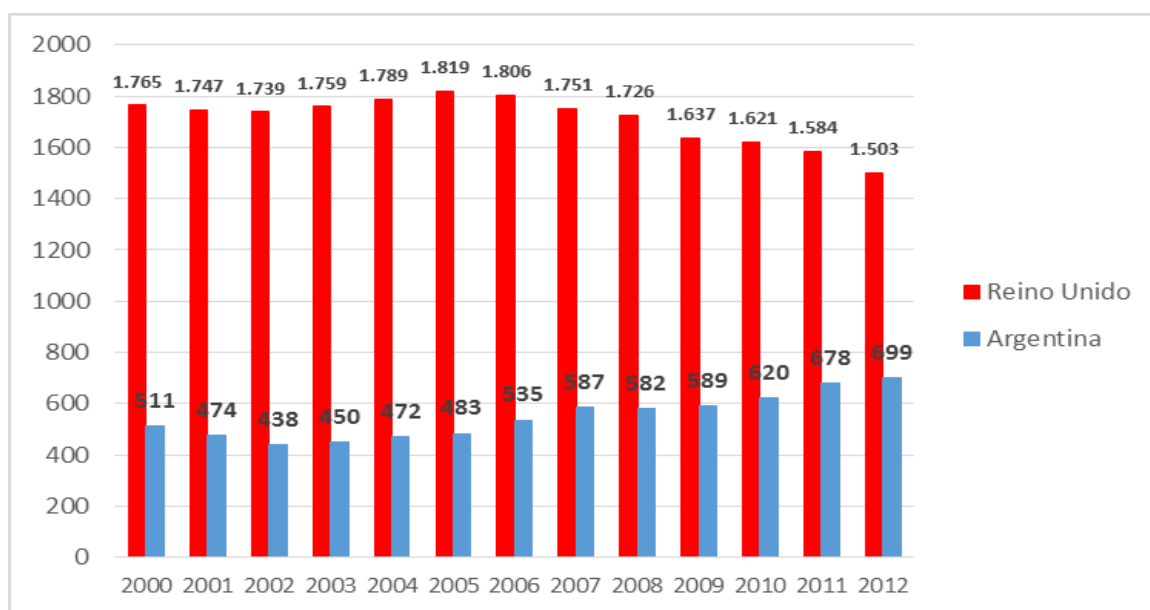
Fonte: < <http://www.imf.org/> > . /> . Adaptado por CAMARGO, F.R.

Os preços do barril de petróleo são oscilantes, mas o que se destaca é que a partir de Janeiro de 2007 os preços vão crescendo em maiores proporções até Julho de 2008, tendo o ápice de toda a tabela a partir de Julho de 2008 até Dezembro do mesmo ano os preços estiveram em queda e Dezembro foi o preço mais baixo de toda a tabela também. O ano de 2008 foi o ano que estorou a crise econômica mundial, sendo este um fato que consolida as abruptas mudanças dos preços do petróleo. Os meses subsequentes são caracterizados pela recumeração na elevação dos preços, de forma mais rápida que antes da crise, mas apresentando oscilações e algumas quedas como em Julho de 2009, Maio de 2010 e Junho de 2012.

Observando os preços do petróleo se avalia que mesmo sendo valorizado o preço do tipo do petróleo exportado o Reino Unido se manteve importando. A

Argentina tem outro tipo de petróleo mais pesado então não se insere nessa perspectiva, mas ela compra o Brant para a mistura e refino.

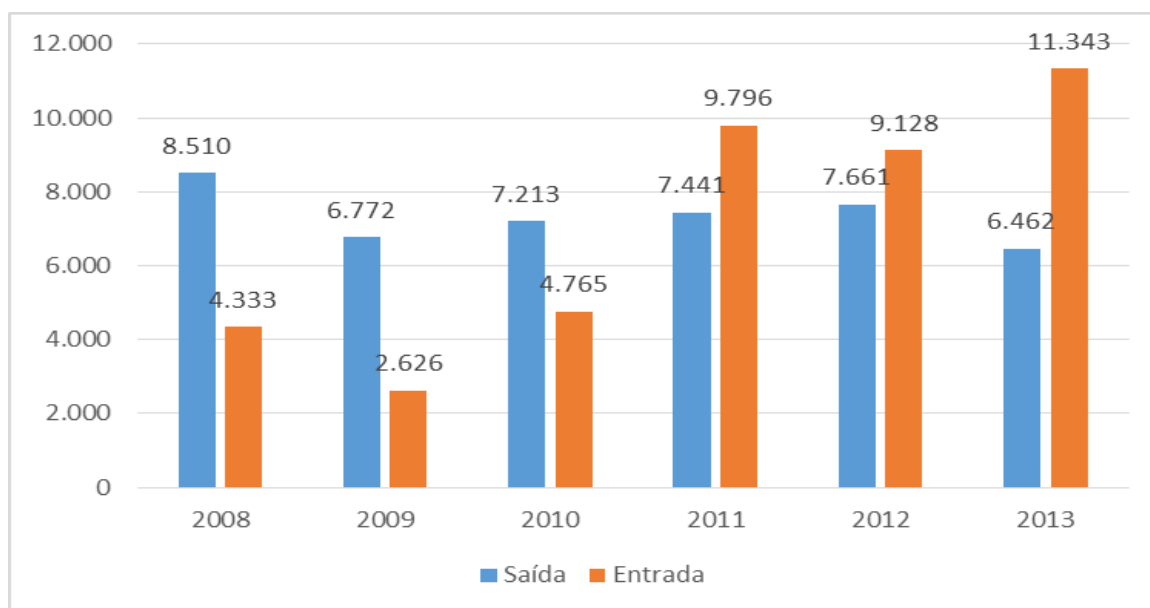
Gráfico 11. Consumo da Argentina e Reino Unido por Barris/Dia de Petróleo no período de 2000-2012.



Fonte: <<http://www.eia.gov/countries/>>. Adaptado por CAMARGO, F.R.

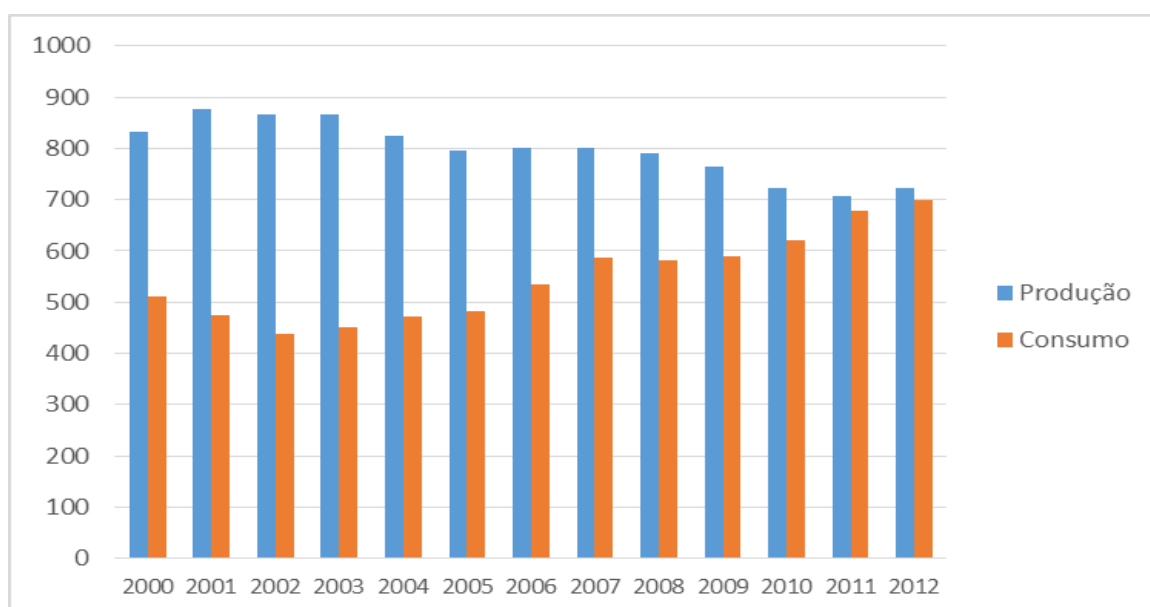
O consumo de petróleo do Reino Unido teve leve decadência de 2000 até 2002, tendo correspondente crescimento até 2004 e a partir deste ano só teve queda. A queda foi de 14,84% (2000 – 2012). Pode se avaliar que o consumo acompanhou a produção, no sentido de diminuição, mas a queda da produção foi tão drástica e não se equilibrou com o consumo.

Gráfico 12. Relação da Saída e Entrada de Petróleo por Milhões de Dólares na Argentina de 2008 – 2013.



Fonte: http://www.indec.mecon.ar/nivel2_default.asp?seccion=E&id_tema=3. Adaptado por CAMARGO, F.R.

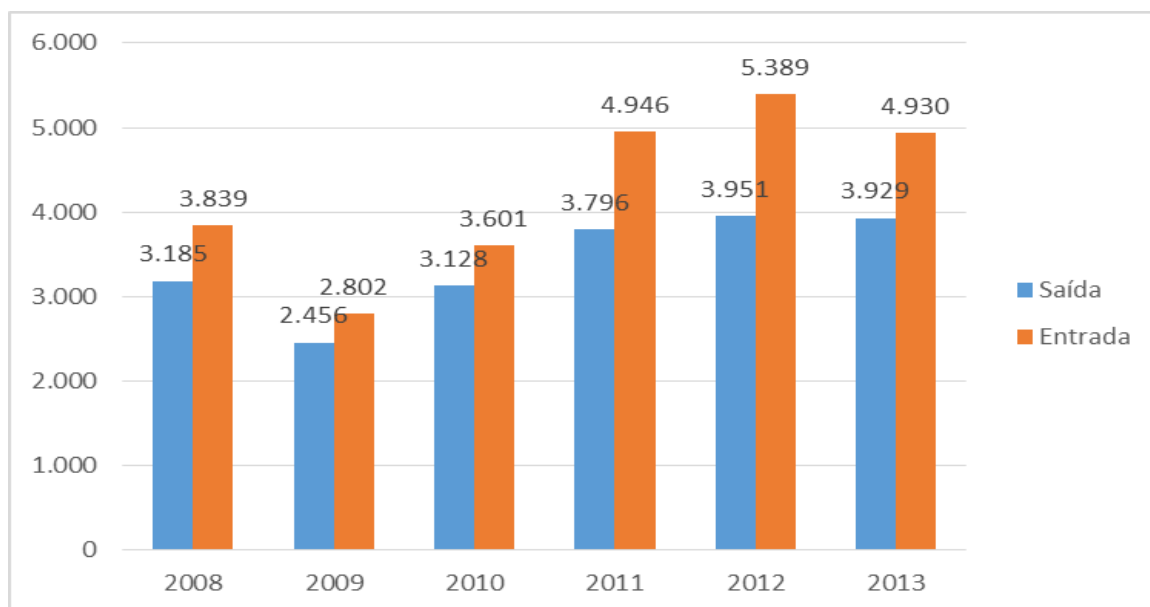
Gráfico 13. Relação da Produção de Petróleo por Barris/dia na Argentina de 2000 – 2012.



Fonte: <http://www.eia.gov/countries/>. Adaptado por CAMARGO, F.R.

O padrão argentino se manteve na “autossuficiência”, mas chegando a um nível próximo de seu limite de produção. Do ano de 2000 a 2001 ocorreu o único crescimento da produção, após esse ano não tiveram crescimentos significativos. O Consumo teve decréscimo de 2000 a 2002, a partir desse ano o consumo cresce em largos passos. A Argentina demonstra uma situação de crescimento no consumo e um baixo declínio na produção, mas significativo (14,91%) compensando com a diminuição da exportação para o próprio consumo. Ainda a Argentina mantém sob seu controle a relação, controle, consumo e mercado. Com esses dois últimos gráficos observamos com relação aos custos, o consumo está fazendo a diferença e causando déficit a partir do 2011. Comparando o ano de 2012, o custo para a estrada de petróleo é de 11 Milhões de Dólares e a saída rende 6 Milhões, resultando em um saldo negativo de 5 Milhões de dólares aproximadamente.

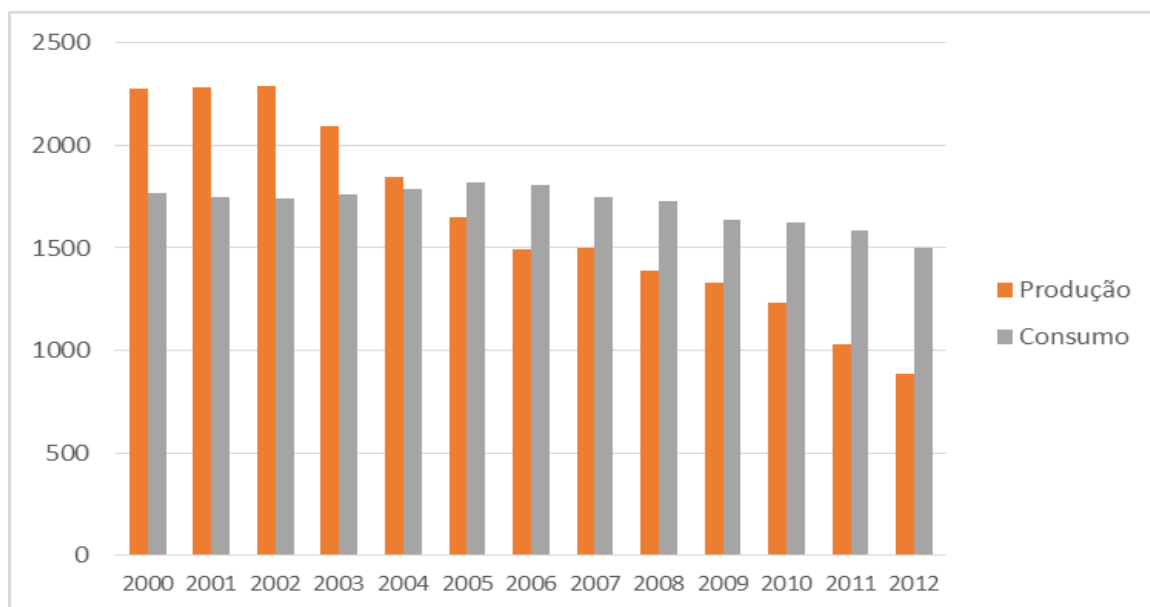
Gráfico 14. Relação a Saída e Entrada de Petróleo por Milhões de Libras Esterlinas no Reino Unido de 2008 – 2013.



Fonte: < <https://www.gov.uk/government/organisations/department-of-energy-climate-change>>.

Adaptado por CAMARGO, F.R.

Gráfico 15. Relação da Produção de Petróleo por Barris/dia na Argentina de 2000 – 2012.



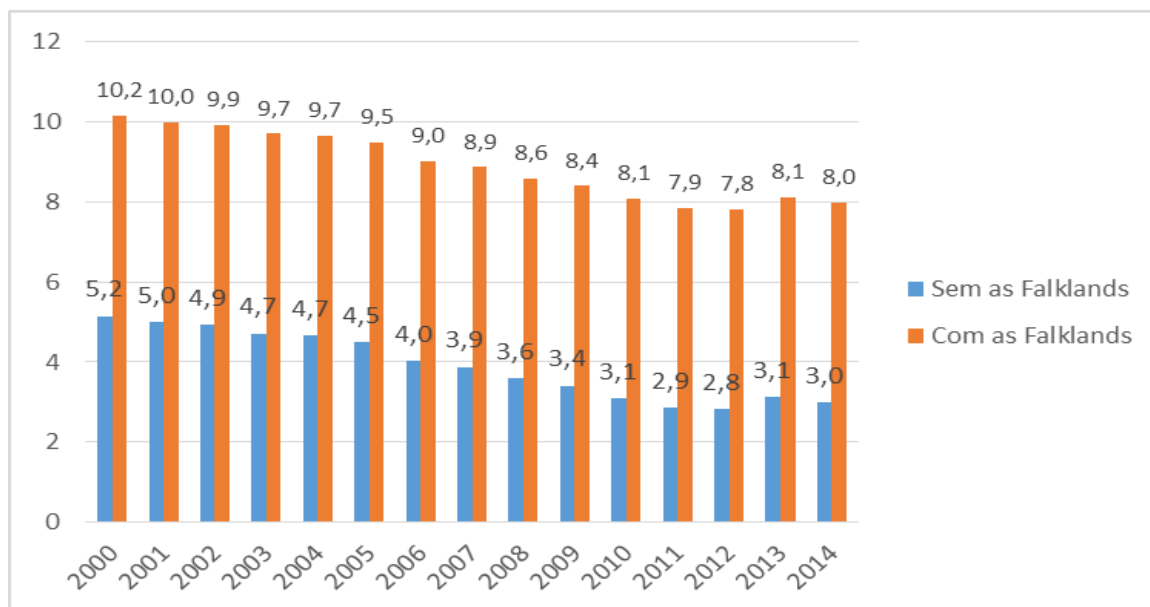
Fonte: Fonte: <<http://www.eia.gov/countries/>>. Adaptado por CAMARGO, F.R.

No último gráfico apresentado a demonstração é clara da crescente falta da produção de petróleo das reservas britânicas uma queda de 64,39%, o que é menos 1456 mil barris/dia a menos em 13 anos, consumo com uma queda de 14,84% no contexto geral, mas observando os 12 anos alguns anos foram marcados por alguns picos de crescimento. Com isso houve a necessidade de busca no mercado externo, em 2012 o Reino Unido importou 64,59% (494 mil barris/dia) do que exportava em 2000 (802 mil barris/dia). Destacando que Reino Unido continua exportando petróleo, mas comparado com a importação não é um dado relevante. A necessidade da mistura de mais de um tipo de petróleo sempre é o fator para a exportação e importação. Com o acréscimo de informação do Gráfico 10, se observa as oscilações do déficit, em 2008 foi de 654 mil libras e a maior foi em 2012 de 1438 milhões de libras. A situação no déficit britânico não apresenta grande discrepância, pois seu petróleo é do tipo leve e sua venda tem algo valor de mercado para a produção do blend e a

compra sendo de blende apresenta menores valores no mercado não causando grande impacto.

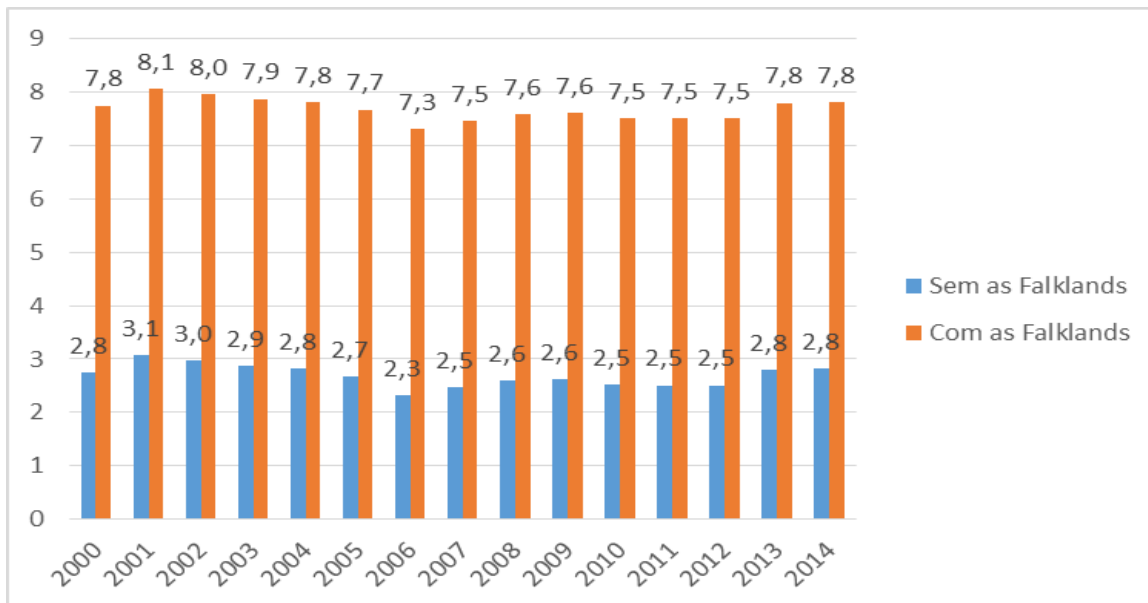
Um fator de grande relevância se refere ao fato de que, as reservas britânicas estão em sua maioria no Mar do Norte, sendo essas bacias divididas com a Noruega e sua extração é realizada a décadas, tendo sua vida útil em término. O Reino Unido não apresenta locais novos a serem explorados em seu território – com exceção das Falklands. A Argentina explora suas reservas continentais com grande capacidade de se voltar para as reservas no mar e outras bacias continentais. A condição e expansão nesse setor são mais favoráveis à Argentina não contando com as Ilhas Falklands.

Gráfico 16. Comparação das Reservas Comprovadas de Petróleo do Reino Unido com a estimativa das Falklands em Bilhões de Barris nos anos de 2000 – 2014.



Fonte: <<http://www.eia.gov/countries/>>, <<http://www.usgs.gov/>>. Adaptado por CAMARGO, F.R.

Gráfico 17. Comparação das Reservas Comprovadas de Petróleo da Argentina com a estimativa das Falklands em Bilhões de Barris nos anos de 2000 – 2014.

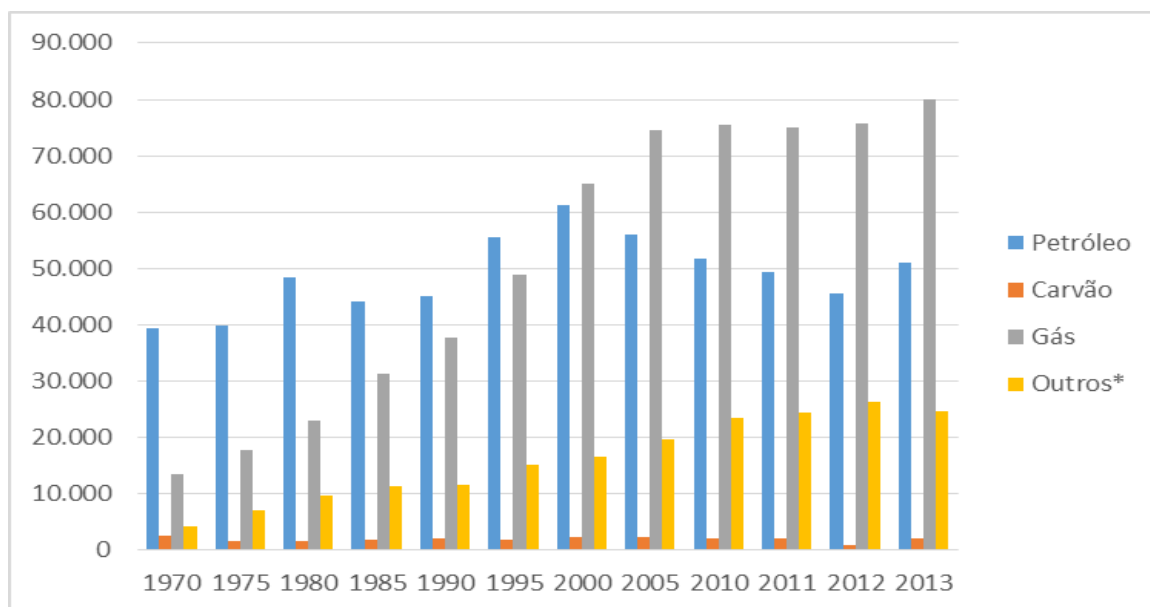


Fonte: <<http://www.usgs.gov/>>. <<http://www.iapg.org.ar/estadisticasnew/>>. Adaptado por CAMARGO, F.R.

Nestes dois ultimos gráficos se observa a diminuição das reservas comprovadas do Reino Unido, sendo em 2000 5,15 bilhões de barris e em 2014, 2,98 bilhões. Uma queda de 42,13% das reservas. A Argentina em contrapartida mantém quase os mesmos valores. Observando as reservas com a médias da reserva provavel das Falkalnds (Pauco mais de 5 bilhões de barris) os dois países mais que dobrariam suas reservas.

Algo que tem que se agregar é a matriz energética desses países. Grande parte das produções de hidrocarbonetos está relacionada com a produção de energia elétrica. A matriz energética demonstra a dependência e necessidades que o país necessita, e em um quadro histórico o desenvolvimento e investimentos para outras fontes e recursos.

Gráfico 18. Matriz Energética Argentina em Milhões de Toneladas de Óleo Equivalente no Período de 1970 – 2013.

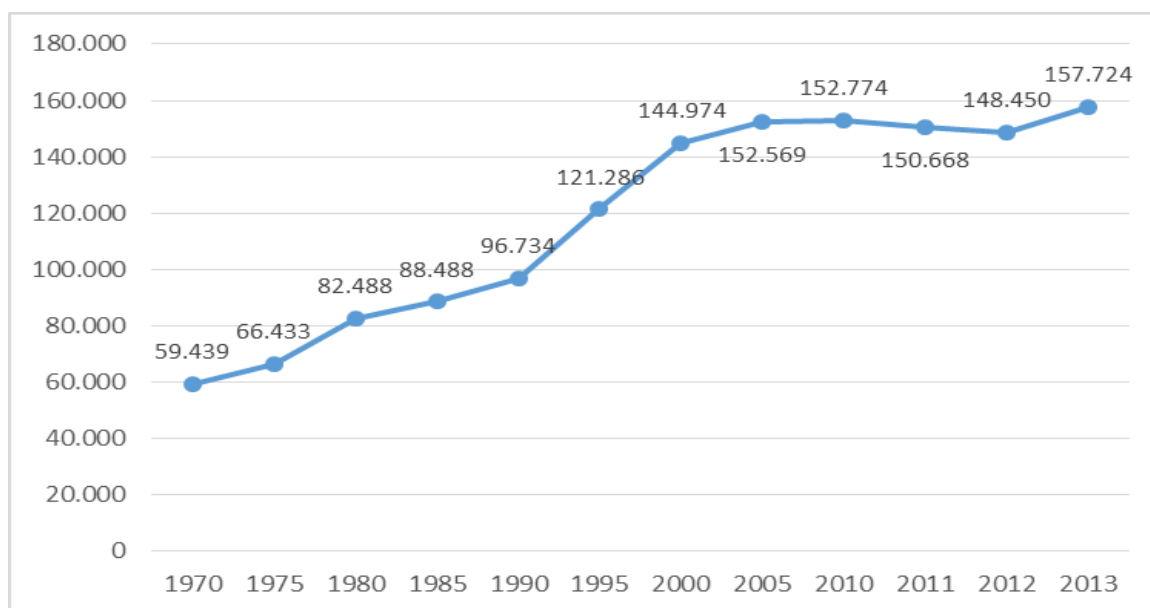


*Corresponde a energia hidroelétrica, renováveis e nuclear.

Fonte: <<http://www.iapg.org.ar/estadisticasnew/>>. Adaptado por CAMARGO, F.R.

A Matriz energética argentina é toda dominada pelo petróleo até o ano 2000, quando é substituído pelo gás, esse que sempre teve seu consumo crescente, somente decaindo insignificadamente no ano de 2011. Carvão sempre foi a fonte menos utilizada e as outras opções que são originários de nuclear, hidroelétricas, renováveis e queima de outras fontes se apresenta em significativa expansão.

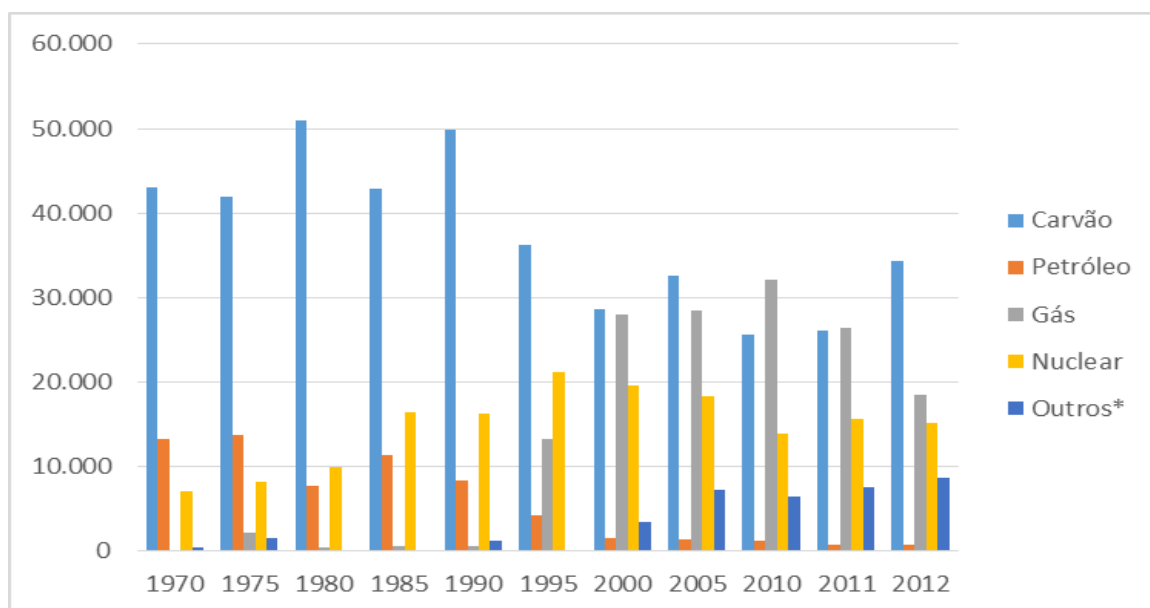
Gráfico 19. Produção total Argentina de Energia em Milhões de Toneladas de Óleo Equivalente no Período de 1970 – 2013.



Fonte: <<http://www.iapg.org.ar/estadisticasnew/>>. Adaptado por CAMARGO, F.R.

Em relação a totalidade da produção total energética é crescente, tendo um grande pico de 1990 até 2000 e duas pequenas quedas em 2010 e 2012, mas voltando a crescente em 2013.

Gráfico 20. Matriz Energética Britânica em Milhões de Toneladas de Óleo Equivalente no Período de 1970 – 2012.

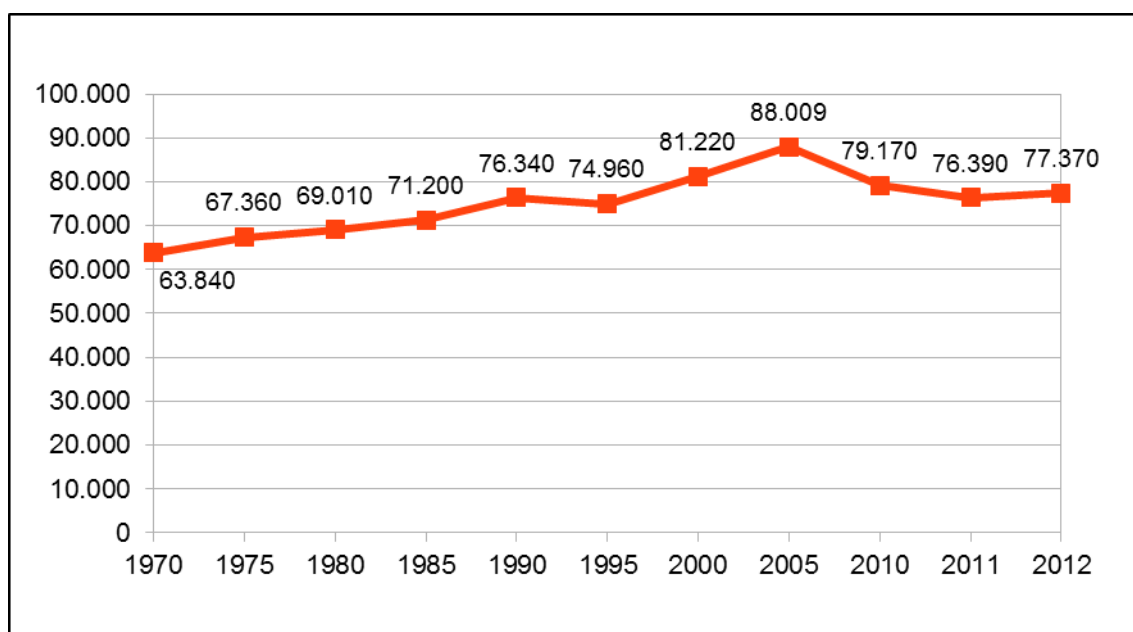


Corresponde a energia hidroelétrica e renováveis

Fonte: <<http://www.iapg.org.ar/estadisticasnew/>>. Adaptado por CAMARGO, F.R.

O Reino Unido pioneiro na produção de energia elétrica com base no carvão ainda o mantém como principal fonte da matriz. Mesmo nos anos 2000 quando se diminuiu muito em prol do gás que teve um crescimento extremamente significativo, em 2012 passou a ser o principal recurso da matriz se mantendo até 2011. Em 1970 o petróleo é a segunda fonte da matriz, mas se mantém em grande queda, em 1980 já ultrapassadas pela energia nuclear e sua relevância é baixa nos anos a seguir. No quadro total da matriz, o consumo vai crescendo até os anos 2000, em 2010 e 2011 ocorreram quedas. Reino Unido como parte da União Europeia tem acordo de diminuição do uso de hidrocarbonetos o que explica o crescimento das fontes renováveis.

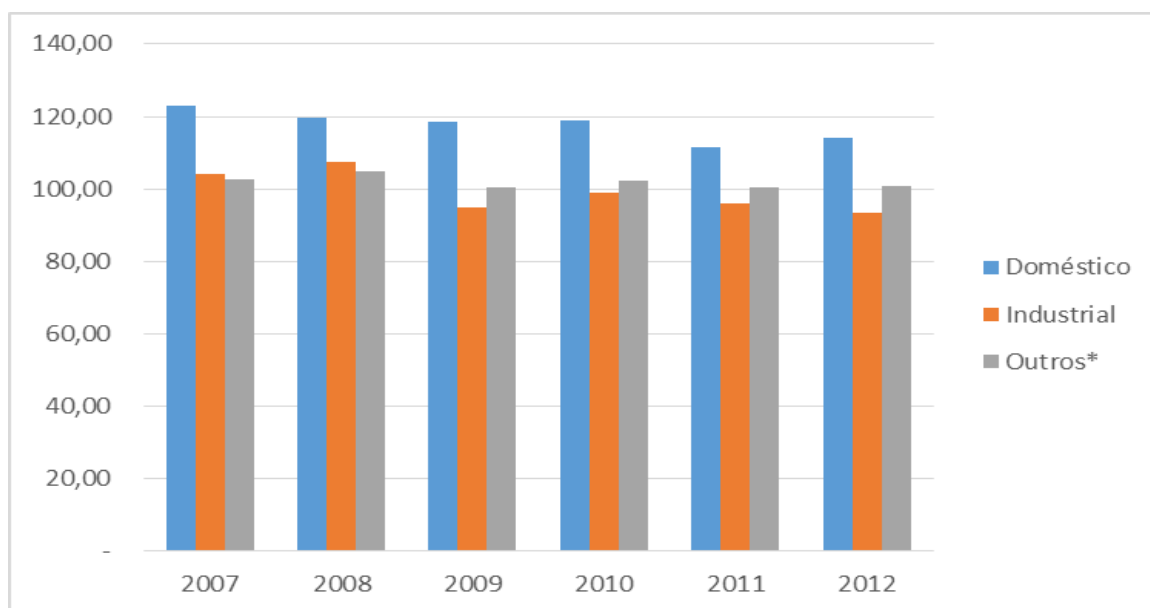
Gráfico 21. Produção total Britânica de Energia em Milhões de Toneladas de Óleo Equivalente no Período de 1970 – 2012.



Fonte: <<http://www.iapg.org.ar/estadisticasnew/>>. Adaptado por CAMARGO, F.R.

A produção total britânica se apresenta quase totalmente como um crescimento homogêneo, só apresentando queda leve em 1995 e logo retomando um crescimento mais destacado. Após 2005 que é o ano do pico de produção apresenta queda por dois anos seguidos somente voltando a ter crescimento em 2012, o que pode se relacionar com a crise de 2008 e a grande queda do uso do carvão como base produtora de energia.

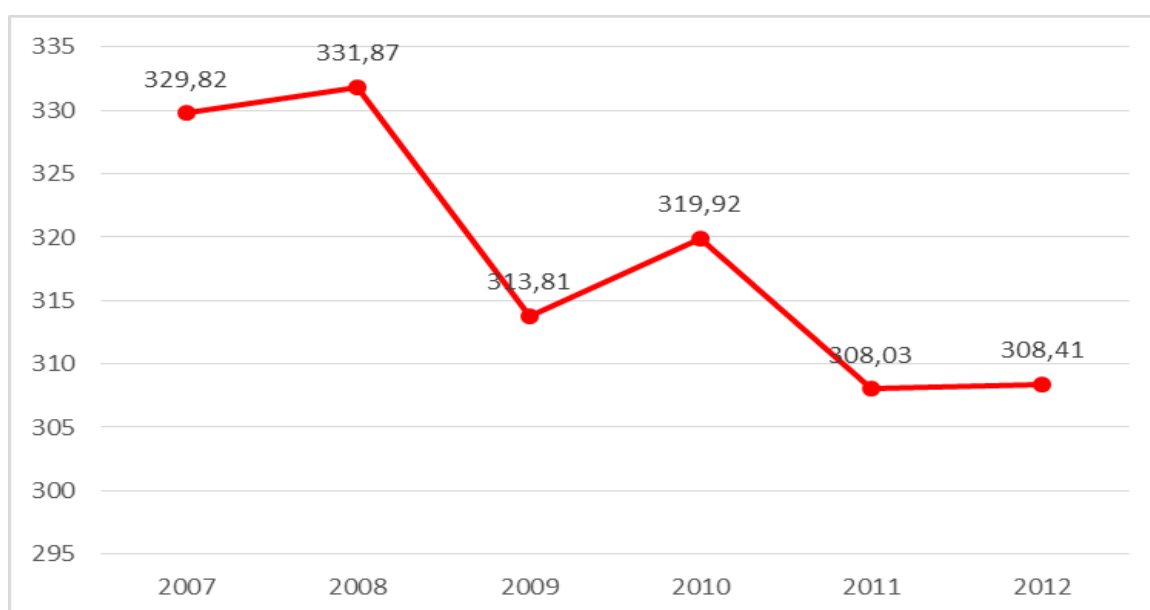
Gráfico 22. Consumo de Energia em Terawatts/hora no Reino Unido por setor em 2007 – 2012.



* Uso no setor de serviços, público e rural.

Fonte: <<https://www.gov.uk/government/>>. Adaptado por CAMARGO, F.R.

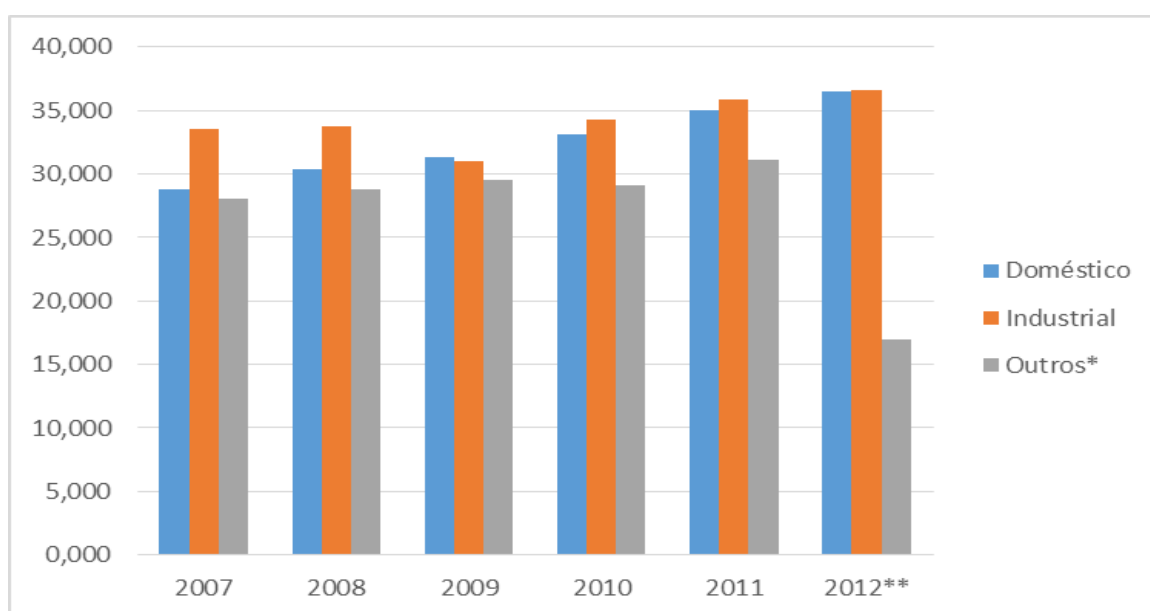
Gráfico 23. Consumo Total de Energia em Terawatts/hora no Reino Unido de 2007-2012.



Fonte: <<https://www.gov.uk/government/>>. Adaptado por CAMARGO, F.R.

Muitos dos recursos da matriz energética são para a produção direta de energia elétrica, sendo distribuídos e utilizados pelo setor doméstico, industrial e outros (serviços, iluminação e setores públicos e nas áreas rurais). O setor doméstico é o dominante, em todo o período foi o dominante sempre acompanhado pelo setor industrial até o ano de 2008, a partir do ano de 2009 é subjugado. O consumo de energia está decaindo, oscilando, mas de forma lenta está em decadência.

Gráfico 24. Consumo de Energia em Terawatts/hora na Argentina por setor em 2007 – 2012.

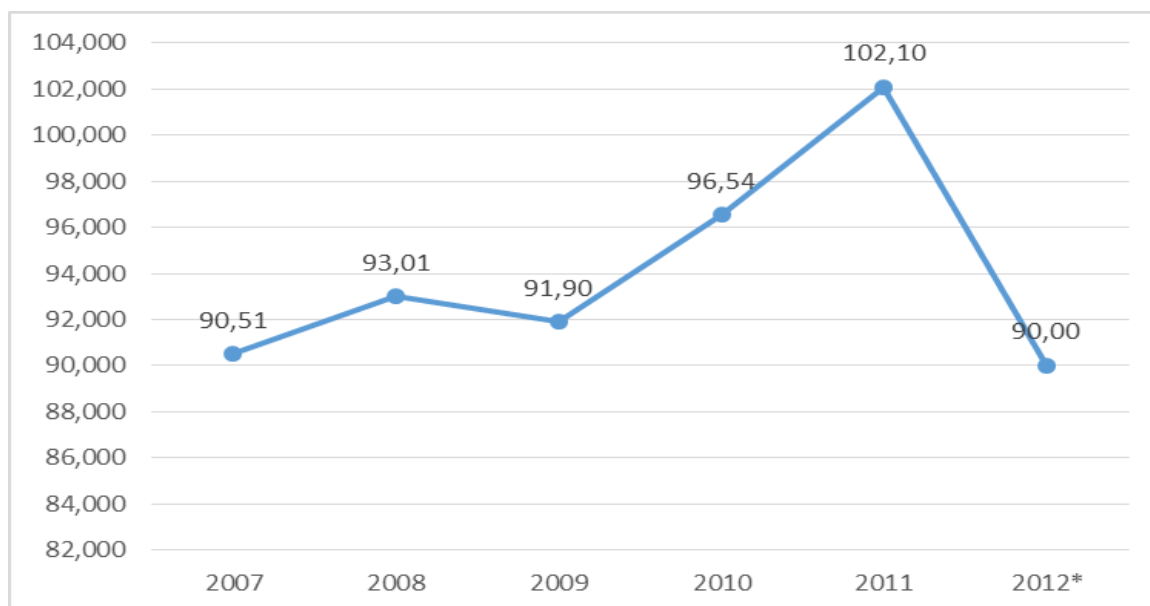


*Uso no setor de serviços, público e rural;

**Sem dados da província de Corrientes.

Fonte: <<http://www.iapg.org.ar/estadisticasnew/>>. Adaptado por CAMARGO, F.R.

Gráfico 25. Consumo Total de Energia em Terawatts/hora na Argentina de 2007-2012.

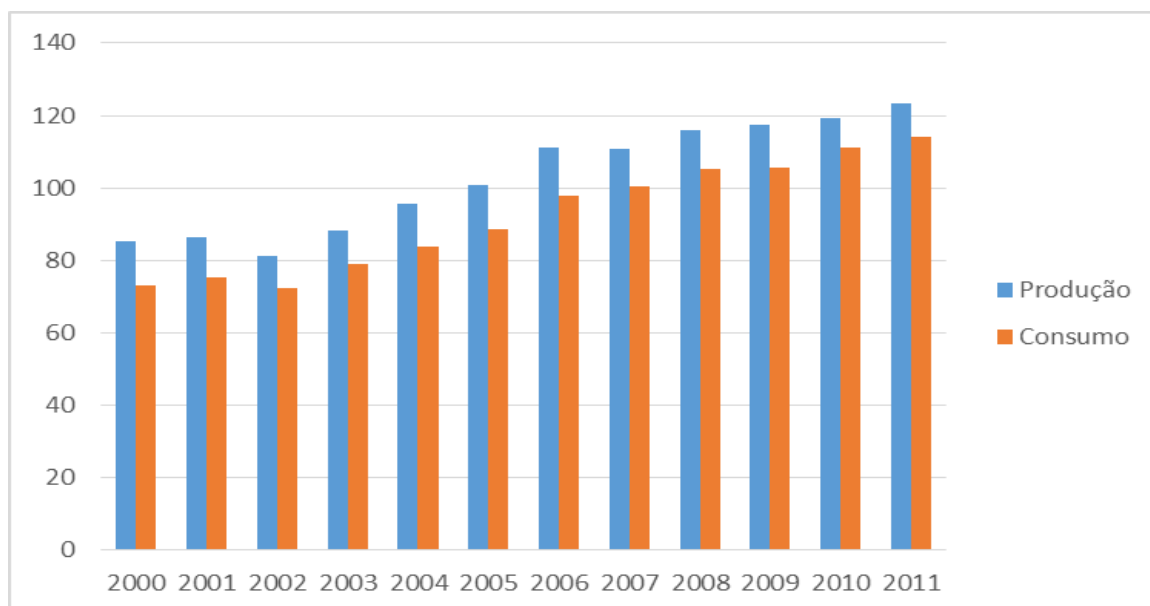


*Sem dados da província de Corrientes.

Fonte: <<http://www.iapg.org.ar/estadisticasnew/>>. Adaptado por CAMARGO, F.R.

Nos dados argentinos a estrutura não se altera apesar das oscilações do consumo, o setor industrial é o maior consumidor seguido pelo doméstico e por fim os outros setores. O que destaque é o baixo consumo no setor denominado como “outros” onde se engloba os serviços, no Reino Unido esse é o segundo que mais consome e no caso argentino ele decai quase pela metade. O consumo argentino fica bem a baixo do consumo britânico, pelo fator da alta industrialização, urbanização e acessibilidade a rede elétrica.

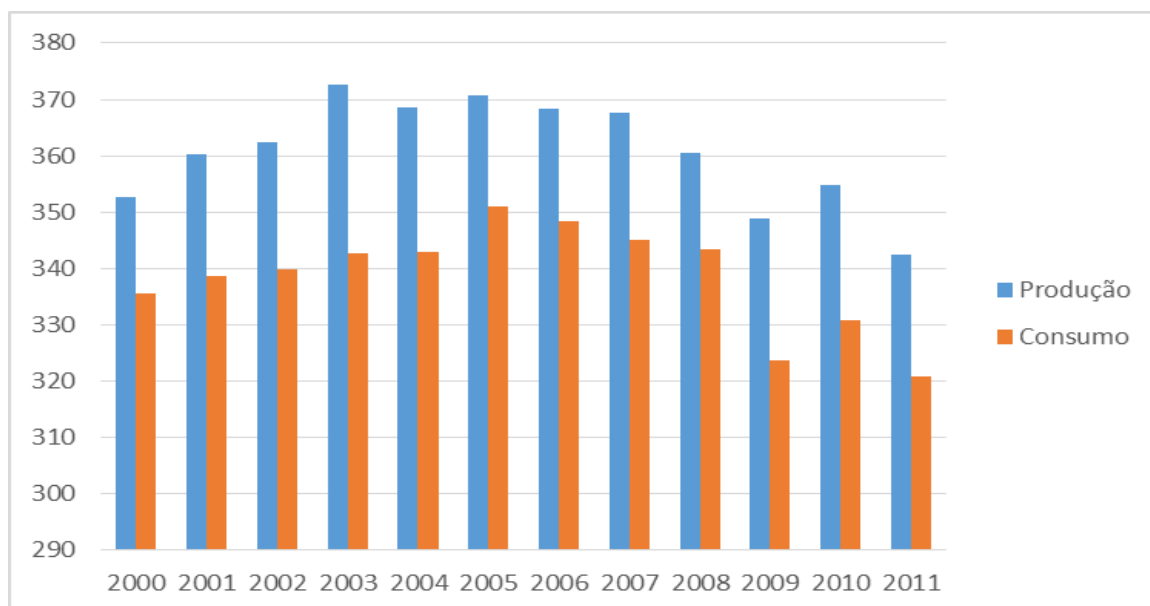
Gráfico 26. Relação da Produção e Consumo de Energia Elétrica em Bilhões de Kilowatts/hora na Argentina em 2000 – 2011.



Fonte: <<http://www.eia.gov/countries/>>. Adaptado por CAMARGO, F.R.

Nesses dados da relação de consumo e produção de energia elétrica oriundo do U.S Energy Information Administration, outra fonte. Essa relação demonstra a autossuficiência da Argentina, tendo o consumo acompanhando as oscilações com uma grande margem excedente.

Gráfico 27. Relação da Produção e Consumo de Energia Elétrica no Reino Unido em 2000 – 2011.



Fonte: <<http://www.eia.gov/countries/>>. Adaptado por CAMARGO, F.R.

Nos dados britânicos também se observa a mesma situação que na Argentina, destacando que a produção do Reino Unido é maior que o dobro do argentino e a margem entre a produção e o consumo também se destaca.

Com esses dados oriundos da matriz energética, produção e consumo petrolífero tanto da Argentina quanto do Reino Unido, se desponta as motivações para com o petróleo das Falklands. A produção britânica em grande decadência, todas as bacias estão em plena extração, as reservas provadas são de quase mesmo tamanho que as argentinas, o consumo aumenta, a matriz energética mesmo se apoiando majoritariamente no carvão e no crescente fontes renováveis o Reino Unido se tornou um grande importador de petróleo (498 mil barris/dias). Assim levando que o consumo do petróleo é para outros setores econômicos. A Argentina tendo reservas consideráveis para seu consumo, ainda exporta mesmo que esteja diminuindo gradualmente, também diminui a participação do petróleo na matriz energética e o consumo cresce. Assim o consumo de petróleo pela Argentina é dado por outros setores também.

Tabela 2: Balança de Pagamentos da Argentina em Milhões de Dólares no Período de 2000-2012.²

Ano	Total Conta- Corrente	Total Capital Financeiro	de Erros e Omissões Neutro	e Total Reservas Internaciona is	de Importações CIF	Total
2000	-8.955	8.732	-216	-439	25.281	-25720
2001	-3.780	-5.442	-2.861	-12.083	20.320	-32403
2002	8.767	-11.404	-1.878	-4.516	8.990	-13505
2003	8.140	-3.173	-1.387	3.581	13.851	-10271
2004	3.213	1.574	533	5.319	22.445	-17125
2005	5.275	3.472	111	8.857	28.687	-19829
2006	7.768	-5.401	1.163	3.530	34.154	-30624
2007	7.355	5.680	63	13.098	44.708	-31610
2008	6.756	-7.809	1.062	9	57.463	-57454
2009	10.995	-9.313	-336	1.346	38.786	-37440
2010	1.360	3.406	-606	4.157	56.502	-52342
2011	-2.173	357	-4.291	-6.108	74.319	-80426
2012	47	-626	-2.728	-3.304	68.508	-71815

Fonte: <<http://www.indec.gov.ar/>>. Adaptado por CAMARGO, F.R.

A balança de pagamentos da Argentina que se apresenta é clara o nível de déficit, mas de uma forma levemente crescente até o ano de 2009 e sendo os últimos anos de grande elevação do déficit. Sendo o principal motivo dessa situação as Importações padrão CIF – CIF se remete a um padrão de importação que o vendedor é responsável pelos custos dos transportes – sendo que os outros componentes da balança são em sua maioria positivos em perspectiva da soma de valores. Os custos do petróleo importado argentino entram no valor Importação CIF que de alguma forma tem impacto significativo.

² O total foi obtido com a soma do Total da Conta-Corrente, Total de Capital Financeiro, Erros e Omissões menos o valor da Importação CIF.

Tabela 3: Balança de Pagamentos do Reino Unido em Milhões de Libras Esterlinas no Período de 2000-2012.³

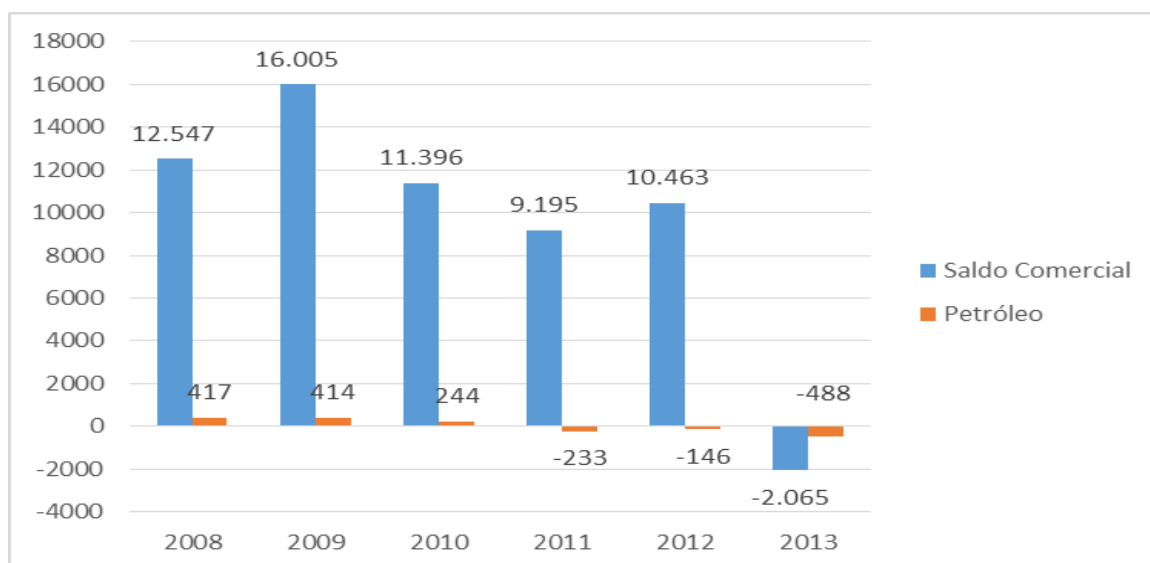
Ano	Total de Produtos e Serviços	Total de Rendimento	Transferência Corrente	Saldo da Balança	Balança do Capital	Balança Financeira	Erros e Omissões Neutro	Total
2000	-18264	-285	-9775	-28324	1703	17135	9486	-28174
2001	-23347	5831	-6392	-23908	1318	26715	-4125	-23842
2002	-29280	15566	-8459	-22173	971	15489	5713	-22106
2003	-25956	16534	-9569	-18991	1466	29773	-12248	-18932
2004	-32963	18413	-9817	-24367	2064	33765	-11462	-24861
2005	-35580	23766	-11746	-23560	1503	37181	-15124	-24170
2006	-35199	8645	-11788	-38342	975	36966	401	-39300
2007	-36733	18985	-13456	-31204	2566	43303	-14665	-31938
2008	-32572	32488	-13697	-13781	3241	10143	397	-14496
2009	-23373	18382	-15060	-20051	3637	11298	5116	-20310
2010	-32852	13410	-20570	-40012	3861	32024	4127	-40401
2011	-23260	22494	-21709	-22475	4020	11477	6978	-22647
2012	-33901	-2254	-23055	-59210	3788	48213	7209	-59358

Fonte: <<http://www.ons.gov.uk/ons/index.html>>. Adaptado por CAMARGO, F.R.

Se observa claramente que o Reino Unido apresenta maiores campos negativos referente as balanças produtivas e de gastos. Sendo o foco no comércio do petróleo (Saldo da Balança) se apresentam negativos em todos os anos o que retoma que o comércio está totalmente dependente.

³ O total foi obtido com a soma de todos os dados anuais.

Gráfico 28. Balança Comercial comparada com gastos com Petróleo da Argentina em Bilhões de Dólares no Período de 2008-2013*.

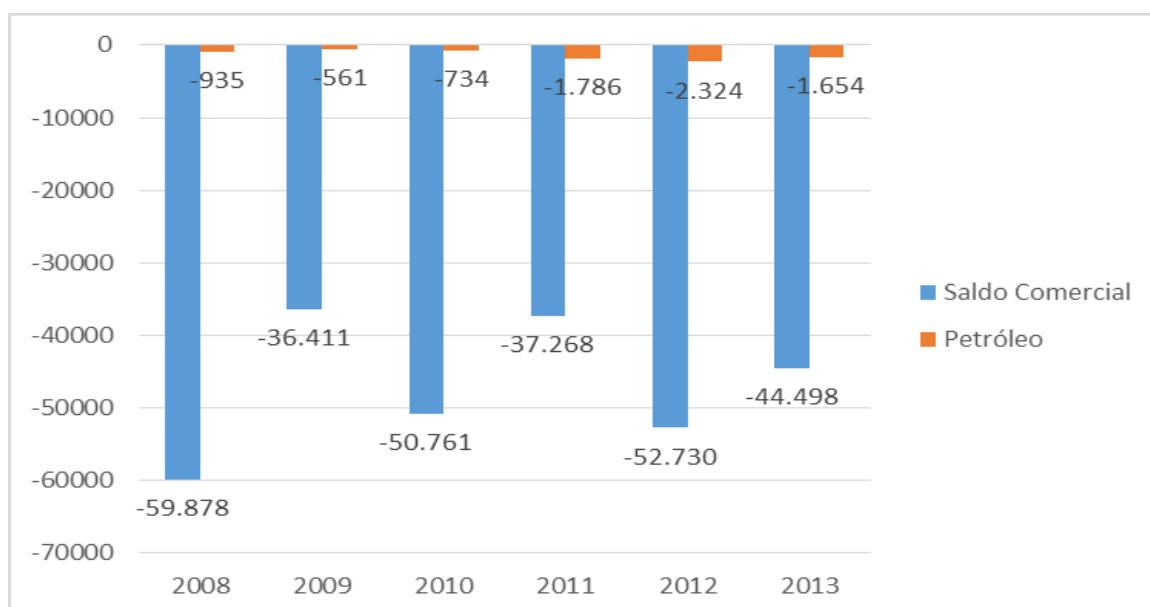


*O Saldo comercial se Apresenta em Bilhões de Dólares e o Petróleo em Milhões de Dólares.

Fonte: <<http://www.indec.gov.ar/>>. Adaptado por CAMARGO, F.R.

A balança comercial argentina é bem demonstrada neste gráfico, apresentando oscilações interessante como o ano de 2009, ano pós-crise econômica mundial, e apresentou crescimento considerável mesmo os anos subsequentes caírem vertiginosamente e chegando a 2013 com saldo negativo. No ponto de vista do petróleo pouco se agrega nas contas finais, sendo de 2008 a 2010 um saldo positivo e a partir de 2011 o comércio foi negativo.

Gráfico 29. Balança Comercial comparada com gastos com Petróleo do Reino Unido em Bilhões de Dólares no Período de 2008-2013*.

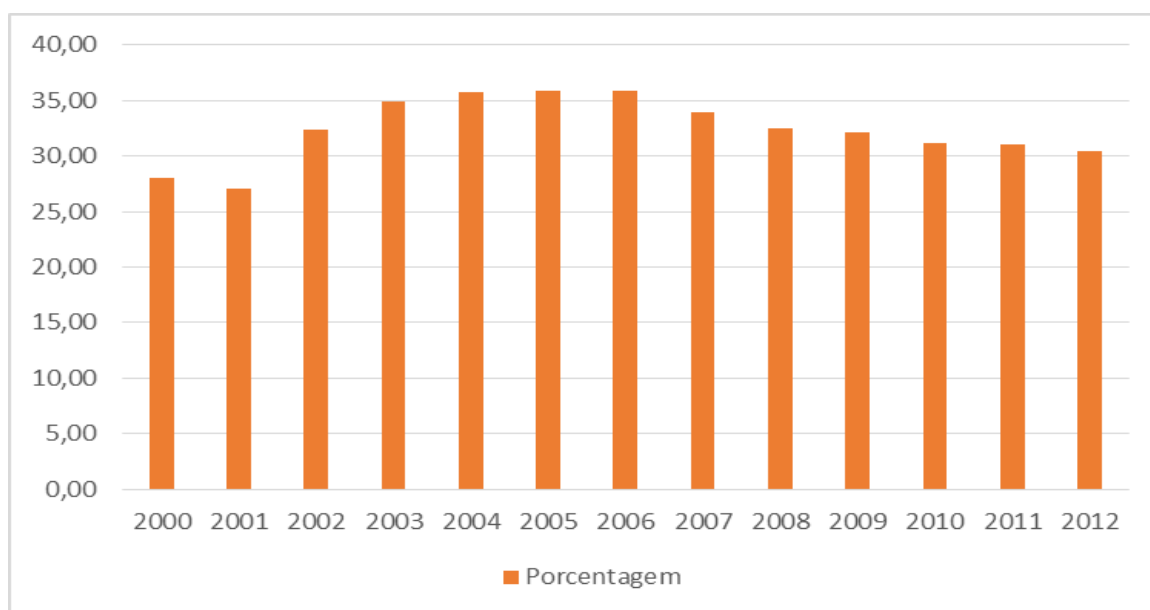


*O Saldo comercial se Apresenta em Bilhões de Dólares e o Petróleo em Milhões de Dólares.

Fonte: <https://www.quandl.com/WORLDBANK/GBR_NE_RSB_GNFS_CD-United-Kingdom-External-balance-on-goods-and-services-current-US>. Adaptado por CAMARGO. F.R.

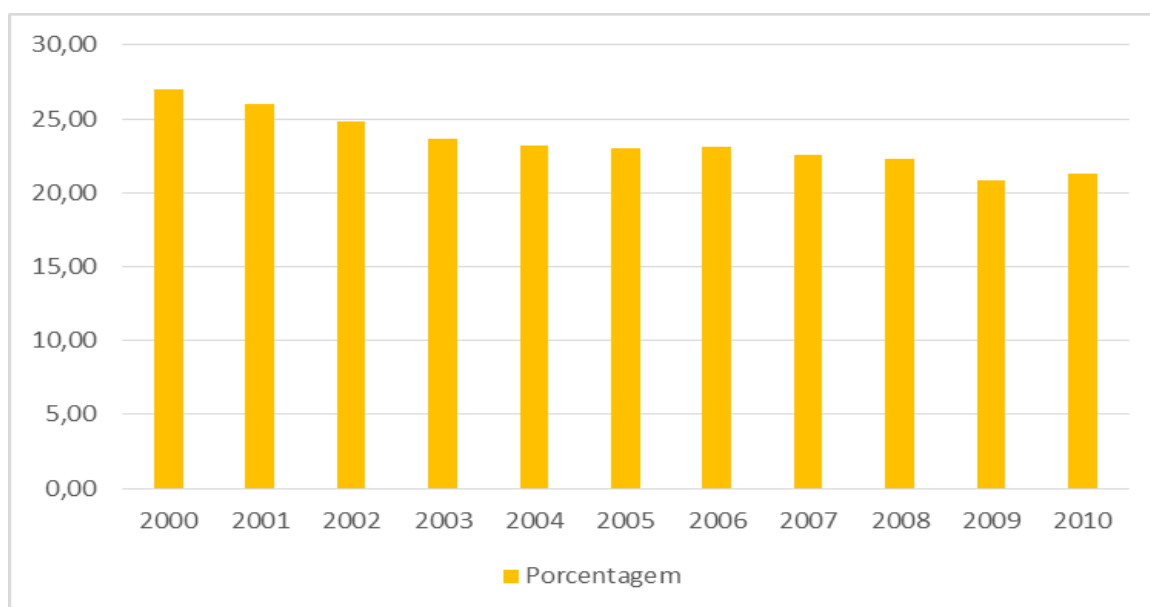
O Reino Unido apresenta em todo perfil um quadro negativo da balança comercial e intercalando anos de maior ou menor de saldo negativo. Na questão do petróleo, também se apresenta em todo período o déficit comercial e fazendo uma ligeira comparação com a Argentina que também apresenta pouco impacto do petróleo no comércio em geral, mas tem maior volume monetário.

Gráfico 30. Porcentagem dos valores produção Industrial Argentina em Relação ao PIB de 2000 – 2012.



Fonte: Banco Mundial <<http://www.quandl.com/>>. Adaptado por CAMARGO, F.R.

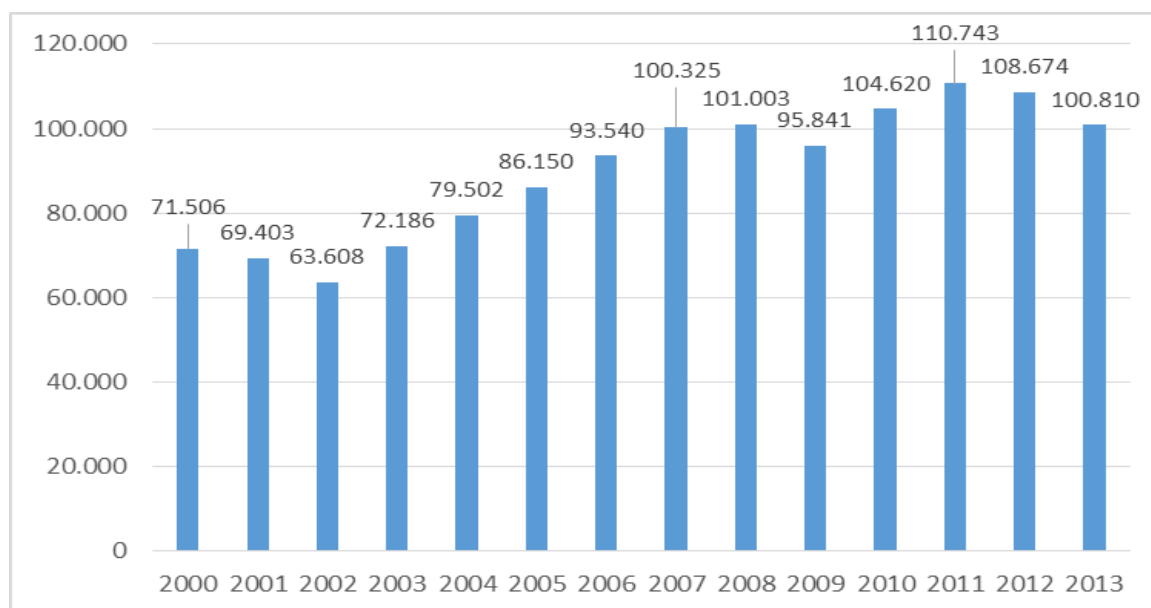
Gráfico 31. Porcentagem dos valores produção Industrial do Reino Unido em Relação ao PIB de 2000 – 2010.



Fonte: Banco Mundial <<http://www.quandl.com/>>. Adaptado por CAMARGO, F.R.

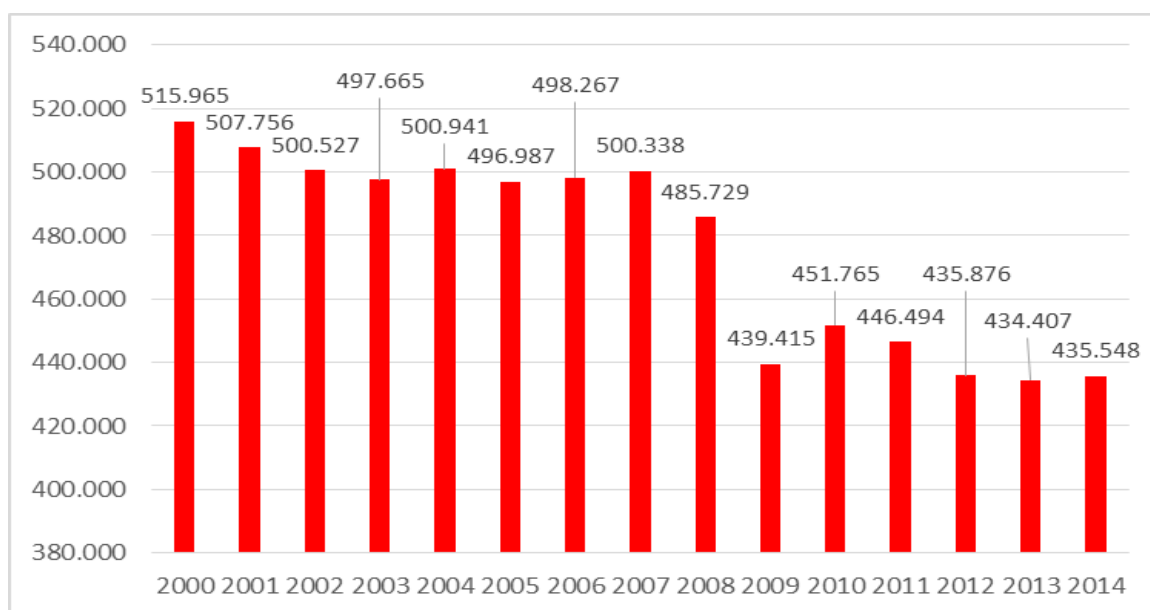
Comparando as porcentagens dos valores de produção em relação ao PIB da Argentina e Reino Unido se percebe uma maior participação da indústria na Argentina, isso é por causa da tardia industrialização também demonstrado pelo grande salto que acontece de 2001 para 2002. O Reino Unido por sua vez apresenta queda em toda linha temporal, em 2008, o ano da crise é claro a visualização, mas em 2010 se apresenta o primeiro crescimento na participação do PIB. Os dados britânicos se apresentam assim menores em representação por seu pioneirismo na industrialização e na posterior conversão aos setores de serviços, que representa maior participação no PIB. O real valor da produção industrial britânica é maior que a argentina como será visto no gráfico a seguir.

Gráfico 32. Valor da produção Industrial em Bilhões de Dólares da Argentina de 2000 – 2013.



Fonte: Banco Mundial <<http://www.quandl.com/>>. Adaptado por CAMARGO, F.R

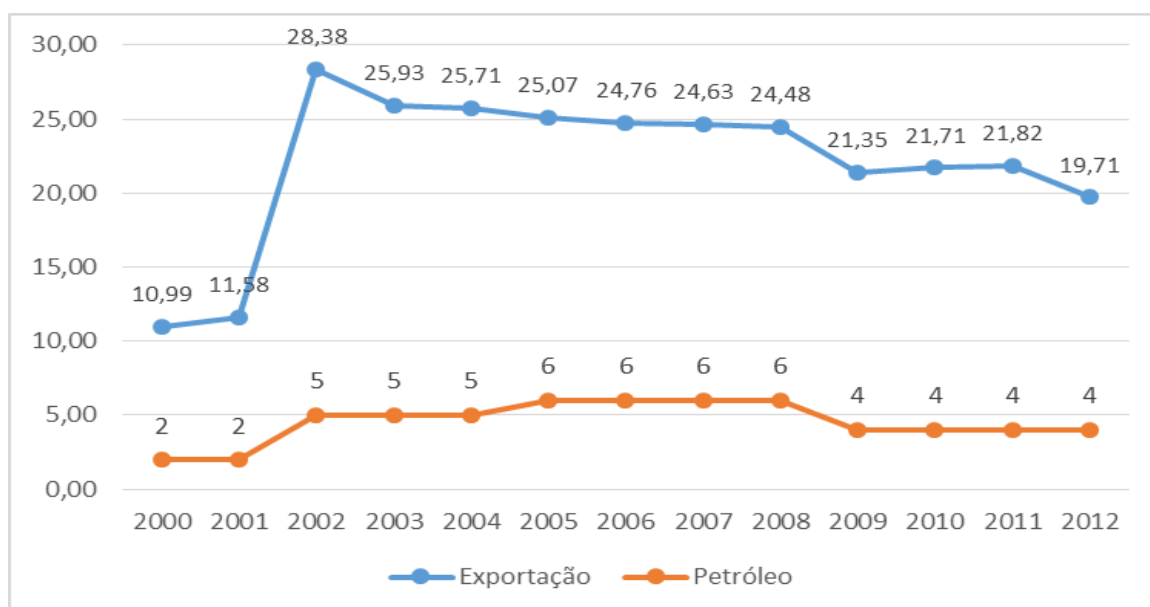
Gráfico 33. Valor da produção Industrial em Bilhões de Dólares da Argentina de 2000 – 2013.



Fonte: Banco Mundial <<http://www.quandl.com/>>. Adaptado por CAMARGO, F.R.

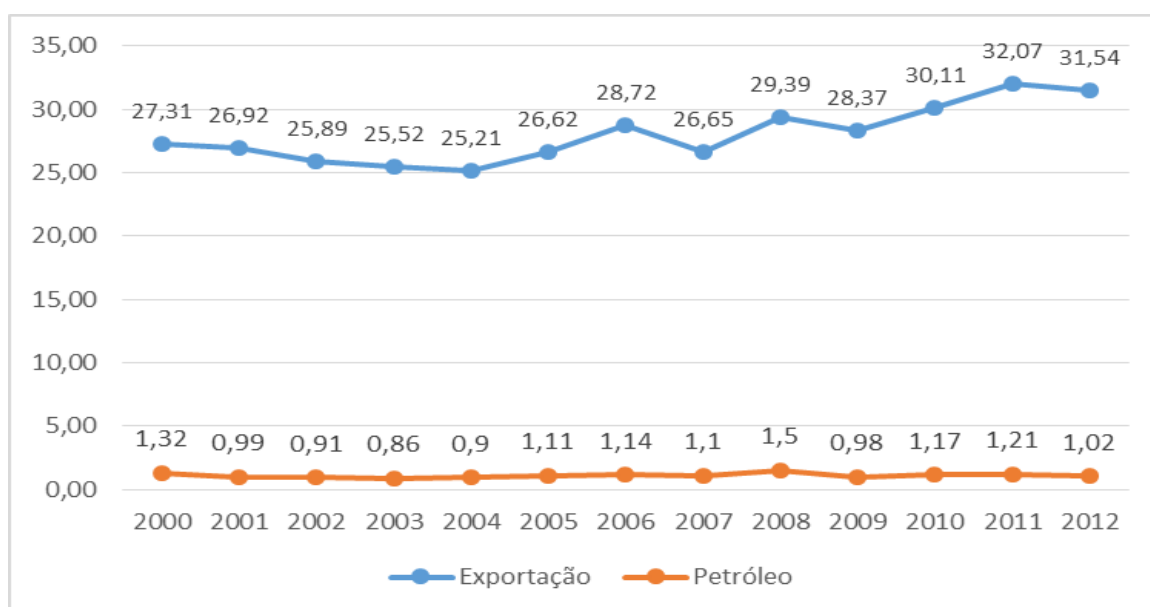
O valor da produção industrial britânica é largamente maior que a argentina, apesar da diminuição clara que ocorreu com a crise em 2008. Após 2008 os valores apresentam oscilações claras pelo período de recuperação e reajuste. No caso da Argentina os valores são crescentes e também sofreu com 2008, mas se recuperou o que destaca é a diminuição em 2013 que destaca ser causado pelos problemas econômicos internos.

Gráfico 34. Participação da Exportação e Petróleo no PIB em Porcentagem da Argentina nos anos de 2000 – 2012.



Fonte: <<http://www.deepask.com/>>, Banco Mundial <<http://www.quandl.com/>>. Adaptado por CAMARGO, F.R.

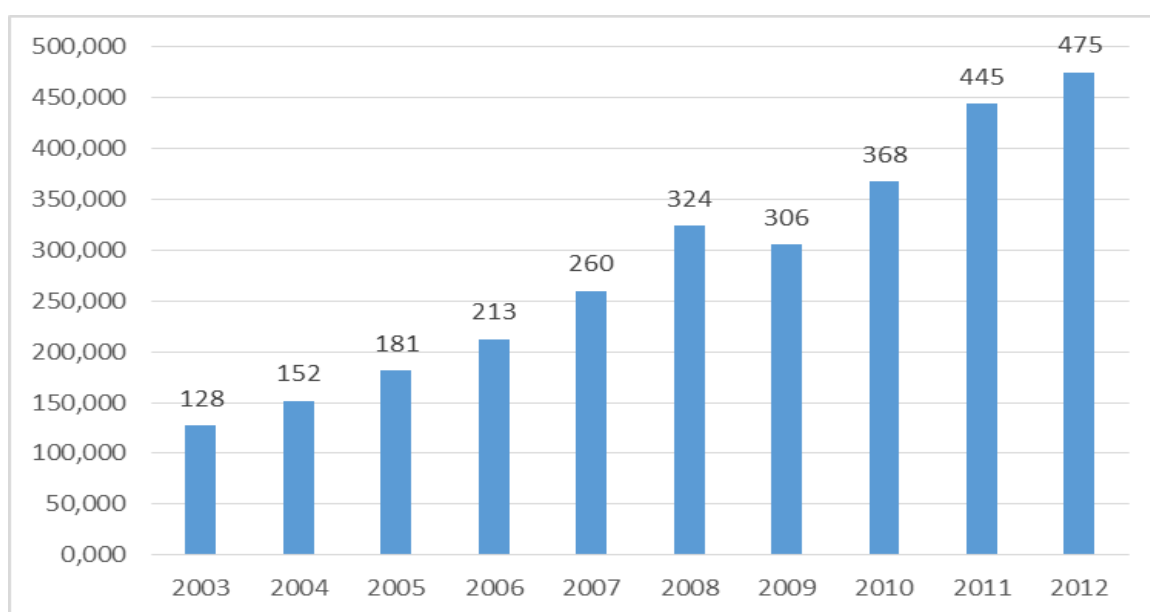
Gráfico 35. Participação da Exportação e Petróleo no PIB em Porcentagem do Reino Unido nos anos de 2000 – 2012.



Fonte: <<http://www.deepask.com/>>, Banco Mundial <<http://www.quandl.com/>>. Adaptado por CAMARGO, F.R.

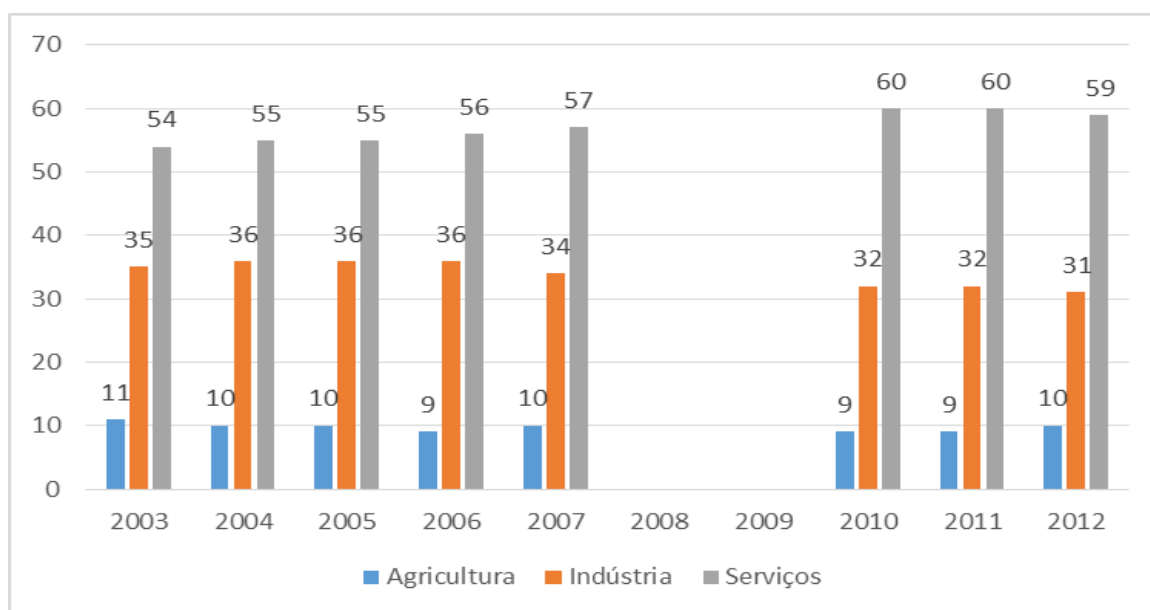
Nestes gráficos ficam claro a participação dos valores da exportação em porcentagem no PIB, ambos os países apresentam oscilações significantes. Em comparação com o Reino Unido a Argentina teve maior participação na comparação nos anos de 2002 a 2004, a partir desta data foi sofrendo leve decadência até 2008, teve recuperação no ano seguinte, mas em 2012 decaiu novamente. O Reino Unido se mantinha em leve decadência até 2005, onde se inicia significantes oscilações culminando em 2009 com elevação na participação até 2011, em 2012 também decaiu em comparação. Também fica claro a baixa participação do petróleo no PIB do Reino Unido, oscilando sempre abaixo de 2%. No caso argentino a participação é maior atingindo até 6% do PIB nacional demonstrando que a argentina economicamente é mais dependente do petróleo.

Gráfico 36. Valor do PIB da Argentina em Bilhões de Dólares no Período de 2003 – 2012.



Fonte: Banco Mundial <<http://www.quandl.com/>>. Adaptado por CAMARGO, F.R.

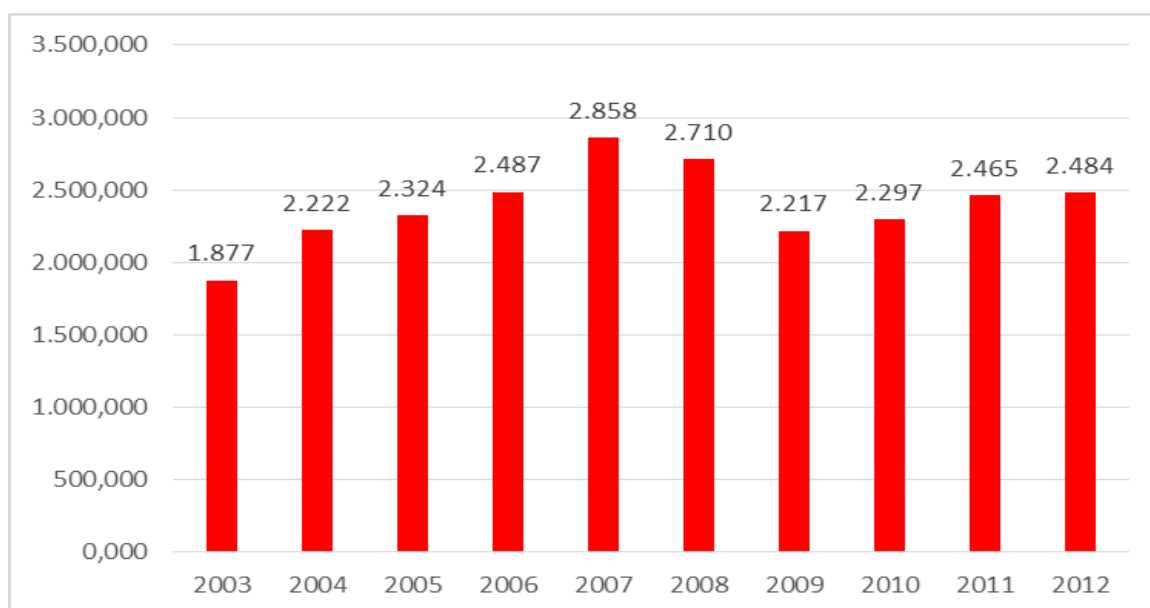
Gráfico 37. Setores do PIB Argentino em Porcentagem no Período de 2003-2012. *



* Sem dados nos anos de 2008 e 2008.

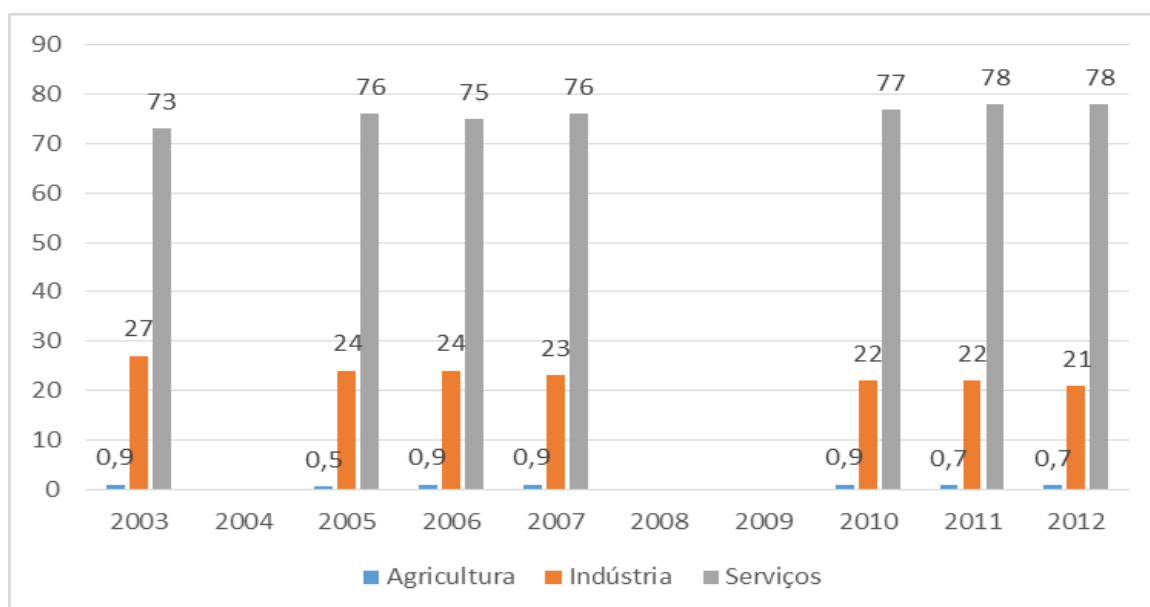
Fonte: <<http://www.nationmaster.com/>>. Adaptado por CAMARGO, F.R.

Gráfico 38. Valor do PIB do Reino Unido em Trilhões de Dólares no Período de 2003 – 2012.



Fonte: Banco Mundial <<http://www.quandl.com/>>. Adaptado por CAMARGO, F.R.

Gráfico 39. Setores do PIB Britânico em Porcentagem no Período de 2003-2012. *



* Sem dados nos anos de 2004, 2008 e 2009.

Fonte: <<http://www.nationmaster.com/>>. Adaptado por CAMARGO, F.R.

Os valores dos PIBs são claramente dispares, o Reino Unido como uma das maiores economias do mundo seu valor nominal gira na casa do trilhão. A evolução do PIB britânico é clara, de 2003 a 2007 com grande crescimento, 2008 decaiu e com a crise o ano de 2009 a queda foi maior, mas a partir de 2010 já demonstrava recuperação e voltando a crescer. A Argentina apresenta um crescimento mais singelo, mas de relevância, só apresentando dois anos de queda, 2001 uma queda de grande porte e 2009 relacionado a crise que se abateu na comunidade mundial em 2008. A Argentina apesar de apresentar um PIB claramente inferior ao britânico está em constante crescimento, só tendo a exceção do ano de 2009 que é um claro reflexo da crise do ano anterior.

Se referindo as porcentagens dos PIBs por setores, os serviços são os maiores representantes, no caso argentino ronda a casa dos 50% a 60% e o britânico os 70%. O segundo setor mais representativo é a indústria, que na Argentina representa em torno dos 30% e a britânica os 20%, uma clara diferença pela evasão industrial britânica a locais de menores custos de

produção. Setor agrícola britânico é ínfimo representando menos de 1% do PIB, o argentino fica nos 10% até chegando aos 9%.

Segundo o *Observatory of Economic Complexity*, os 10 principais produtos importados e exportados pelo Reino Unido são:

Tabela 4: Principais Produtos Importados pela Argentina em 2012

Produto	US\$
Carro	5.325.790.093,35
Petróleo	4.010.882.961,66
Peças de Veículos	3.984.423.848,01
Petrolíferos Refinados	3.932.385.444,87
Telefones	2.307.764.002,28
Caminhões de Entrega	1.186.308.890,89
Medicamentos Embalados	1.056.494.538,95
Aviões, helicópteros, e/ou espacial.	924.686.100,93
Unidades de Disco Digital	915.178.820,72
O Sangue humano ou Animal	726.765.036,29

Fonte: *Observatory of Economic Complexity*. Adaptado por CAMARGO, F.R.

Tabela 5: Principais Produtos Exportados da Argentina em 2012.

Produto	US\$
Farelo de Soja	10.559.613.074,28
Milho	4.846.413.662,58
Óleo de Soja	4.345.644.976,70
Carros	4.015.316.336,69
Caminhões de Entrega	3.949.142.769,61
Soja	3.234.361.424,79
Trigo	3.146.820.259,82
Petróleo Cru	2.641.481.388,16
Ouro	2.244.189.488,40
Ácidos gordos industriais, óleos e álcoois.	1.909.053.829,31

Fonte: *Observatory of Economic Complexity*. Adaptado por CAMARGO, F.R.

Destaco os principais produtos de exportação e importação britânicos por ser o país que está em deficit comercial, que assim apresenta importações de alto valor além de importar todos os tipos de petróleo, cru, refinado e os gases (descrito na tabela só como petróleo). Esses produtos de alto valor agregado também são exportados, tendo o petróleo refinado a venda maior que sua compra por seu maior valor. Assim demonstrado o Reino Unido é um país industrializado que produz e vende produtos de alto valor agregado, mas importando mais que exportando, assim sendo dependente deles e não tendo equilíbrio produção/consumo.

Tabela 6: Principais Produtos Importados pela Argentina em 2012

Produto	US\$
Carro	5.325.790.093,35
Petróleo	4.010.882.961,66
Peças de Veículos	3.984.423.848,01
Petrolíferos Refinados	3.932.385.444,87
Telefones	2.307.764.002,28
Caminhões de Entrega	1.186.308.890,89
Medicamentos Embalados	1.056.494.538,95
Aviões, helicópteros, e/ou espacial.	924.686.100,93
Unidades de Disco Digital	915.178.820,72
O Sangue humano ou Animal	726.765.036,29

Fonte: *Observatory of Economic Complexity*. Adaptado por CAMARGO, F.R.

Tabela 7: Principais Produtos Exportados da Argentina em 2012.

Produto	US\$
Farelo de Soja	10.559.613.074,28
Milho	4.846.413.662,58
Óleo de Soja	4.345.644.976,70
Carros	4.015.316.336,69
Caminhões de Entrega	3.949.142.769,61
Soja	3.234.361.424,79

Trigo	3.146.820.259,82
Petróleo Cru	2.641.481.388,16
Ouro	2.244.189.488,40
Ácidos gordos industriais, óleos e álcoois.	1.909.053.829,31

Fonte: *Observatory of Economic Complexity*. Adaptado por CAMARGO, F.R.

O comércio argentino é claro, principais produtos exportados são primários e *commodities*, mas em quantidade suficiente a manter a balança positiva, apresenta a exportação de petróleo cru. Pelos principais produtos exportados e importados a dependência argentina de petróleo no setor industrial não é grande.

Com a observação de todos esses dados temos em mente aspectos importantes da economia e de sua estrutura dos destacados países em litígio. Reino Unido com seu potencial econômico claramente maior que a Argentina em todos os setores, mas também dependente de recursos primários para manufaturar e recursos industrializados. O consumo britânico de petróleo é mais como matéria-prima industrial e combustível de veículos que para produção energética. A Argentina apresenta autossuficiência energética e econômica, mas com esses valores crescentes, que pode fazer carecer futuramente de mais hidrocarbonetos tanto como matéria-prima industrial, consumo de veículos e produção de energia (gás e petróleo estão intrinsecamente relacionados).

5 - Ilhas Falklands como fator geopolítico para Reino Unido e Argentina.

A geopolítica atual (pós-guerra fria) apresenta facetas e nuances diferenciadas da geopolítica clássica, com a consolidação da terceira revolução industrial (Telecomunicações) ocorreu o processo de globalização e a desterritorialização de muitos atores (empresas, produtos, culturas e outros) que agora atuam mais fortemente. SANTOS (2006) descreveu muito bem a caracterização da geopolítica pós-guerra fria e o processo de globalização:

Na geopolítica pós-guerra fria, existem diferentes tipos de actores, que se podem agrupar em estatais e não-estatais. Alguns destes últimos, como certas empresas multinacionais, são mais poderosos que muitos estados, mesmo ao nível global. As origens da evolução desta nova aproximação à Geopolítica remontam à implosão da ex-URSS, ao processo de globalização e às consequências desterritorializantes das novas tecnologias de informação e comunicação. A nova aproximação, denominada “neo-geopolítica” ou “geopolítica pós-moderna”, parte da premissa que a geopolítica é, em si própria, uma forma de geografia e de política.

Uma das principais consequências da globalização é a internacionalização das actividades do Estado. O poder e a eficácia dos governos dos Estados foram reduzidos pela cada vez maior interdependência económica e cultural. A globalização económica reduziu gradualmente a autonomia relativa do Estado-Nação em termos económicos e políticos. O sistema global tornou-se mais complexo e interdependente devido à compressão do espaço-tempo, que faz com que alterações numa parte do mundo possam afectar profundamente outras regiões. Os progressos nas tecnologias de informação, comunicação e difusão, desterritorializaram os assuntos e facilitaram o desenvolvimento de uma consciencialização global, possibilitando à população mundial participar na discussão de problemas como a paz no mundo, direitos humanos, questões ambientais, etc. (SANTOS, E. S. 2006, p.sp.).

Sendo assim o tamanho do espaço físico perdeu a importância que tinha nas antigas formas geopolíticas e a amplitude dos novos atores e formadores de interesse – esse que instiga e atrai o interesse a si - que eram exclusivamente os Estado-Nações agora entidades privadas e grandes corporações industriais se articulam em nível de paridade com estas e podendo fazer pequenos países de refens de seus interesses.

A matriz energética mundial é o petróleo, ou seja a maioria das fontes de produção energética, transportes e até matéria-prima (*inputs*) para se produzir outras mercadorias, um circuito geopolítico em prol desse recurso é de fato de grande impacto, segundo Lins (2008) o papel desse circuito geopolítico é

garantir a manutenção do fluxo, abastecimento e manter os preços baixos desse recurso. Mais que isso quando realmente a base estratégica não atinge seu objetivo as intervenções militares ocorrem, como a invasão do Iraque em 2003 (COSTA. 2010, p.59 e 60). O papel geopolítico que assim se agrega as Falklands é formado principalmente por esse “circuito geopolítico do petróleo”, mas ainda de uma forma diferenciada por não se encontrar com fase de larga exploração.

Compreendendo melhor este “circulo geopolítico do petróleo” FUSER (2008) introduz pontos importantes:

O petróleo foi a matéria-prima mais importante do século XX e manterá esse papel, ao que tudo indica, nas primeiras décadas do século XXI. Como fonte de energia, serve para quase todas as necessidades imediatas. Na forma de gasolina, óleo diesel e querosene, entre outros derivados, o petróleo responde a 95% da energia destinada aos meios de transporte, no mundo inteiro. É também um dos principais combustíveis usados na geração de eletricidade, além de servir de matéria-prima para infinidade de produtos, como os plásticos, os fertilizantes, os tecidos sintéticos e os explosivos. Atualmente o petróleo fornece 39,3% de toda energia consumida no planeta [...] (FUSER, I. 2008, p.37).

Mais uma vez destacando a importância desse recurso a toda estrutura produtiva das nações e realçando que sua substituição de modo eficaz ainda é inexistente, mesmo a energia nuclear alcança resultados inferiores (FUSER. 2008, p. 39). A busca de ampliar o controle por esse recurso ainda é o ponto principal de muitas nações, concomitantemente com pesquisas em recursos alternativos. Sendo assim disputas entre nações por esse recurso configura em algo fortemente indissociável aos conflitos políticos mundiais.

A energia deverá figurar mais do que nunca no centro das disputas internacionais porque a dependência do aparelho produtivo mundial em relação a recursos como petróleo e gás só fez crescer recentemente. Isso espelha tanto o aumento das compras internacionais de países com tradição em consumo elevado quanto a forte expansão das importações de outros países, como China e Índia, que passaram a contar destacadamente na economia política dos combustíveis não renováveis. Assegurar as condições de fornecimento tornou-se, assim, um imperativo, e a densidade da trama de fluxos mundiais de comércio implicando ambos os recursos [...] fornece uma idéia sobre o caráter estratégico incrustado no controle sobre as fontes e as estruturas de distribuição. (LINS. 1984, p. 2 e 3).

Apesar de ser uma citação antiga de LINS, ela se mostra atual pela pouca alteração do quadro petrolífero no decorrer das décadas. China se mostra cada

vez mais um grande importador de petróleo dado pelo seu absurdo crescimento econômico elevando o consumo interno. O que retoma ao conceito de competitividade que logicamente se remete ao conflito de interesses, como dito por BARROS (2010, p.51) que a competitividade no setor energético se assemelha ao desempenho das competições entre organizações na busca por vantagens competitivas que possibilitem sua sustentabilidade, não somente no âmbito das economias locais, mas também em termos regionais e globais já que o setor energético é importante para garantir as condições de fatores de produção e por constituir-se numa indústria de apoio a inúmeros outros setores industriais em todas as economias nacionais.

O “circulo da geopolítica do petróleo” é o conflito no sentido capitalista, disputa por recursos pela sobrevivência da estrutura social-econômica, no caso das Falklands vai a um nível territorial de favorecimento geográfico argentino e de capacidade político-produtiva britânica pelos recursos de hidrocarbonetos locais. O potencial das ilhas nesse recurso é o que atrai e motiva essa situação litigiosa, tendo o primeiro campo já em codição de extração (Sea Lion) que daria 394 milhões de barris de petróleo. A média total das ilhas seria 5 bilhões de barris, dando ao Reino Unido uma potencialidade de 7 bilhões de barris. O caso específico britânico se remete a crescente queda de sua principal fonte de hidrocarbonetos, o Mar do Norte, e sua crescente dependência desse recurso dado sua estrutura econômica e produtiva mesmo com o desenvolvimento e investimento em outras fontes renováveis o circuito produtivo britânico é todo dependente do petróleo. Algo a relacionar com a real necessidade britânica é que os *royalties* serão todos para o governo das ilhas Falklands.

No caso argentino observamos uma situação de autossuficiência, mas crescente consumo, tanto para a matriz energética quanto para outros consumos. Produzindo pouco menos que os britânicos e apresentando atualmente reservas de nível próximo. Isso já nos leva a crer no interesse na manutenção da sua estrutura econômica e energética antes que entre em uma situação de dependência, mas não é só isso que se pode observar. A Argentina apresenta uma situação de dívida externa e débito de altos valores, em 2001 apresentou a apreensão e controle dos fundos de pensão e poupança, interrupção do pagamento dos juros da dívida com o FMI. A

situação de pagamento dos fundos e dívidas agravada pela falta de confiança se arrastam até os dias de hoje. Nesse sentido a adição das Falklands seria a garantia de geração de recurso que traria segurança ao mercado internacional sobre a Argentina. Seguindo nessa linha a renacionalização da YPF, empresa argentina dedicada a exploração, exportação, refinamento, distribuição e venda de hidrocarbonetos, anteriormente vendida a espanhola Repsol, seria a retomada da capacidade de controle do petróleo argentino.

Os países em litígio apresentam motivações de grande valor, e de grande relação com sua estrutura econômica, mas as Falklands fazem parte do Reino Unido e isso resulta que as ações argentinas para alterar essa situação não obtiveram sucesso, mas o impacto para a Argentina agrega uma situação latino-americana que usa retórica humanística e descolonizadora para esconder sua geopolítica, como evidenciado na fala de Winer (SD):

...evidencia la necesidad de construir una estrategia de defensa latinoamericana diferenciada de la OTAN, así como la urgencia de que ésta sea repudiada por Argentina, teniendo en cuenta que la geopolítica tradicional (respecto de las fronteras del espacio geográfico) ha sido desplazada por la geo-economía (es decir, por la capacidad de control de flujos legales e ilegales sobre mercancías, personas, recursos estratégicos e información hacia los centros de poder). (WINER, Sonia. SD, p.15).

Essa citação também referência à clara valorização da geoeconomia, referindo-se assim a relevância das ilhas nesse setor. E apelando a comunidade latinoamericana a Argentina labuta geopoliticamente mais que o Reino Unido que está na posição confortável.

A Argentina se engaja na luta de todas as formas possíveis, algo que está demonstrando isso é a nova aquisição da Armada Argentina de novos navios Rebocadores de alto mar com capacidade de manobrar plataformas petrolíferas. Essa aquisição foi feita de uma empresa petrolífera canadense, essa informou o governo britânico que não interferiu na compra. Essa situação leva a crer que a Argentina pode tentar impedir a extração de petróleo, forçando os britânicos a reforçarem a presença militar e fazer escolta das plataformas (LOPES, ROBERTO. 2014) . Essa atitude tomada pelos argentinos é só uma forma de dissuasão no sentido de por dificuldade e trazer mais atenção a situação no Atlântico Sul.

6 - Conclusão

Tratando de geopolítica o caso das Ilhas Falklands/Malvinas é um exemplo dotado de grande profundidade, embarcando todo o período de descoberta das reservas na década de 1970, tendo os britânicos o foco de ver as potencialidades econômicas de suas posses, ao ponto de em 1982 a Argentina declarar guerra para amortizar sua situação social interna e ainda obter uma possível grande fonte de recurso que pela época estava em uma crise de preços. Os britânicos respondendo a essa guerra, também enfrentando crise social e política com as manobras neoliberais de Margaret Thatcher se vê inserido em uma situação de inimidade externa que arrefeceria a interna, que de fato assim garantiu a reeleição de Thatcher. Sendo esse o *start* para as transformações geopolíticas que observamos o desenvolver econômico das ilhas, as crises do petróleo, a dependência britânica do petróleo externo e crise financeira argentina. Indubitavelmente o Reino Unido se mantém constante em manter este território sob sua soberania, uma aposta ousada que trará resultados, seu enfoque em diminuir a dependência do petróleo como base energética é clara, mas como matérias-prima de uso industrial, óleos lubrificantes, combustível de veículos e etc, são virtualmente insubstituíveis. A balança comercial britânica terá grande impacto com o início da extração de petróleo das Falklands. Na Argentina por sua vez tem estrutura energética e industrial dependente do petróleo e gás, com aumento constante do consumo e tendo a produção quase equiparada, a tomada de novas fontes de recurso é óbvia, mas com o adendo de transformar suas reservas totais em torno de 7 bilhões de barris, seria também uma comprovação de recursos e riqueza para os problemas financeiros e a dívida externa. Já descrito anteriormente as Falklands/Malvinas tem forte fator para proporcionar esse litígio e que em uma avaliação das economias desses países e de suas possibilidades as Falklands são a melhor opção para seus respectivos problemas econômica. Caso contrário o Reino Unido teria que rever toda sua estrutura econômica e produtiva, que é muito arraigado socialmente dado por seu pioneirismo industrial, sendo também impossível a concepção dessa ideia. Os argentinos

com maior foco nos problemas de sua dívida não teriam problemas na estrutura econômica.

Pode-se incluir as possibilidades de impacto do litígio ao Brasil. Levando em conta que a Argentina utiliza de todos os meios não belicosos para se fixar nas Falklands/Malvinas, o Mercosul não ficou de fora, a pedido do governo de Cristina Kirchner, os países desse bloco não receberão navios com bandeira das ilhas. Além de que como o engajamento brasileiro de uma maior abertura comercial tendo em vista a grande parceria que o Brasil tem com a Argentina, obviamente a pioneira em exploração do petróleo marinho, Petrobras, não entra nos nas licitações britânicas, que de fato seria de grande valor. As apostas brasileiras se apoiam na Argentina que em uma provável confirmação de sua posse sobre as ilhas teria uma parceria com a YPF para explorar esses recursos. A posição brasileira para com o Reino Unido é de nação amiga, mas que apoia a “descolonização” nessa questão.

O principal a ser ressaltado é a importância que as Falklands vão trazer ao contexto socioeconômico aos países, na perspectiva britânica o petróleo das ilhas vão proporcionar menor dependência que já está causando pesos financeiros significativos e por compensar a esgotada reserva do Mar do Norte. Na perspectiva argentina os recursos que seriam oriundos do petróleo trariam força política significativa os problemas de dívida externa, além de manter a certa independência deste recurso que seria algo positivo a abalada crise econômica interna.

O sistema geopolítico global está em constante atuação e nunca é exclusivo aos atores em destaque, os atos, ações e reações nunca atingem um único ponto. Constantemente as nações estão em mais de uma situação de litígio obscuro e disputas de interesse.

Bibliografia

BARROS, Evandro Vieira de. A matriz energética mundial ea competitividade das nações: bases de uma nova geopolítica. ENGEVISTA, v. 9, n. 1, 2010. Disponível em: <<http://www.uff.br/engevista/seer/index.php/engevista/article/viewArticle/183>> Acesso em: 16 de Dez. 2014.

BARTON, John. Fisheries and fisheries management in Falkland Islands conservation zones. Aquatic Conservation: Marine and Freshwater Ecosystems, v. 12, n. 1, p. 127-135, 2002. Disponível em: <<http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1002/aqc.482/pdf>> Acesso em: 21 de Mar. 2014.

BECK, Peter J. Britain's Antarctic dimension. International Affairs (Royal Institute of International Affairs 1944-), p. 429-444, 1983. Disponível em: <<http://www.jstor.org/discover/10.2307/2618796?uid=3737664&uid=2&uid=4&sic=21103684519757>> Acesso em: 17 de Mar. 2014.

BIANGARDI DELGADO, Carlos Alberto. Cuestión Malvinas, Atlántico Sur, Plataforma Continental y Antártida. 2011. Tese de Doutorado. Facultad de Ciencias Jurídicas y Sociales. Disponível em: <http://sedici.unlp.edu.ar/bitstream/handle/10915/32700/Documento_completo_.pdf?sequence=1> Acesso em: 23 de Abr. 2014.

CIA. The World Factbook. FALKLAND ISLANDS (ISLAS MALVINAS) Washington D.C (USA); 2011. Disponível em: <<https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/geos/fk.html>> Acesso em: 14 de Abr. 2014.

COGGIOLA, Osvaldo. A outra guerra do fim do mundo As Malvinas e “Redemocratização” da América do Sul. Revista Aurora, 2012, 5.2: 169-246. Disponível em: <<http://revistas.marilia.unesp.br/revistas/index.php/aurora/article/viewArticle/2357>> Acesso em: 03 de Fev. 2014.

COSTA, Geórgia Belisário Mota. Política do petróleo: a relação dos Estados Unidos com os países produtores de petróleo do Oriente Médio. 2010. Disponível em:

<http://bdm.unb.br/bitstream/10483/939/1/2009_GeorgiaBelisarioMotaCosta.pdf> Acesso em: 16 de Dez. 2014.

DEFARGES, Phillipe Moreau; FERNANDES, José Pedro Teixeira. Introdução à geopolítica. 2003.

Department of Energy & Climate Change. Exploration and production - Oil and gas: field data. London (UK); 2014. Disponível em <<https://www.gov.uk/oil-and-gas-uk-field-data>> Acesso em: 22 de Mai. 2014.

Department of Energy & Climate Change. United Kingdom Government. Disponível em <<https://www.gov.uk/government/organisations/department-of-energy-climate-change>> Acesso em: 9 de Jun. 2014.

Falkland Island Government. Agriculture, 2012. Disponível em <<http://www.falklands.gov.fk/self-sufficiency/commercial-sectors/agriculture/>> Acesso em: 26 de Mai. 2014.

Falkland. Head of Policy. 79/13: Falklands Islands Census 2012: Statistics and Data Table. Stanley, 2013. Disponível em: <<http://www.falklands.gov.fk/assets/79-13P.pdf>> Acesso em: 24 de Mar. 2014.

FERNÁNDEZ, Roque B. La crisis financiera argentina: 1980-1982. Desarrollo Económico, p. 79-97, 1983. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/3466448>> Acesso em 31 de Mar. 2014.

FOGL. North Falklands Basin Geology. 2014. Disponível em <www.fogl.com/fgl/en/Technical/northgeology> Acesso em 19 de Mai. 2014.

FRAGA, Jorge A. Petróleo en Malvinas. ¿ Cuestión de negocios o soberanía?. Colección, n. 2, p. 115-124, 1995. Disponível em <<http://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/2330571.pdf>> Acesso em: 16 de Abr. 2014.

FUSER, Igor. O petróleo eo envolvimento militar dos Estados Unidos no Golfo Pérsico (1945-2003). 2005. Dissertação. Campinas (UNICAMP).

GÓMEZ, Federico Martín. LA FALKLANDS FORTRESS.UNIVERSIDAD, p. 115. Sd. Disponível em <http://portales.educacion.gov.ar/spu/files/2013/05/Programa_Malvinas_en_la_Universidad_Concurso_de_ensayos_2012.pdf#page=115> Acesso em 16 de Abr. 2014.

GRAMIGNA, Ricardo Daniel Barreiro. Malvinas: el negocio de un conflicto. Disponível em <<http://www.monografias.com/trabajos-pdf900/malvinas-negocio-conflicto/malvinas-negocio-conflicto.pdf>>. Acesso em: 17 de Mar. 2014.

HUNT, E.K. SHERMAN, H.J. História do Pensamento Econômico. Petrópolis: Editora Vozes, 1985.

Instituto Argentino de Petroleo e Gas. Argentina. Disponível em: <<http://www.iapg.org.ar/>> Acesso em: 9 de Jun. 2014.

KIERNAN, Peter. The Falkland Islands: Oil and Gas Exploration's Newest Frontier. OIL & GAS MONITOR, 9 de Abril 2012. Disponível em: <<http://www.oilgasmonitor.com/falkland-islands-oil-gas-explorations-newest-frontier/1714/>> Acessado em: 13 de Jan. 2015.

LINS, Hoyêdo Nunes. Energia e geopolítica. Gás, v. 1994, p. 2004, 1984. Disponível em:<http://www.educatore.com.br/artigos/Hoyedo_Energia_e_geopolitica.pdf> Acesso em: 23 de Mar. 2015.

_____. Geoeconomia e Geopolítica dos Recursos Energéticos no Capitalismo Contemporâneo. Textos Para Discussão. Departamento de Ciências Econômicas, UFSC. Florianópolis, n. 3, 2008. Disponível em <<http://cnm.ufsc.br/files/2013/08/Hoy%C3%AAdo-03-081.pdf1.pdf>> Acesso em: 16 de Dez. 2014.

LOPES, ROBERTO. Buenos Aires se prepara para escalar crise no Atlântico Sul. Defesanet, Brasília, 23 de Maio, 2014 – 14:30. Disponível em: <<http://www.defesanet.com.br/ar/noticia/15439/EXCLUSIVO>> Acesso em: 15 de Set. 2014.

LORTON, Roger. Falklands Wars - the History of the Falkland Islands: with particular regard to Spanish and Argentine pretensions and taking some account of South Georgia, the South Sandwich Islands and Britain's Antarctic Territories. 2013. Disponível em: <<http://falklandsnews.wordpress.com/about/>>. Acesso em: 03 de Fev. 2014.

LUTTWAK, Edward N. From geopolitics to geo-economics: logic of conflict, grammar of commerce. *The National Interest*, v. 20, n. 3, 1990.

Ministerio de Planificación Federal, Inversión Pública y Servicios. Dirección Nacional de Exploración, Producción y Transporte de Hidrocarburos. Extracción de petróleo y gas natural. Total del país. Años 2008-2012. Buenos Aires, Argentina. 2013. Disponível em <<http://www.indec.gov.ar/>> Acesso em: 14 de Mai. 2014.

Ministerio de Planificación Federal, Inversión Pública y Servicios. Dirección Nacional de Exploración, Producción y Transporte de Hidrocarburos. Reservas comprobadas de petróleo por cuencas. Total del país. Años 2008-2012. Buenos Aires, Argentina. 2013. Disponível em <<http://www.indec.gov.ar/>> Acesso em: 14 de Mai. 2014.

Observatory of Economic Complexity. Reino Unido, SD. Disponível em: <<http://atlas.media.mit.edu/profile/country/gbr/>> Acessado em: 28 de Jul. 2014.

PLATT, Nigel H.; PHILIP, Peter R. Structure of the southern Falkland Islands continental shelf: initial results from new seismic data. *Marine and Petroleum Geology*, v. 12, n. 7, p. 759-771, 1995.

Quandl Economics Data, List of Economic Indicators Across Countries, SD. Disponível em <<http://www.quandl.com/>> Acessado em: 21 de Jul. 2014.

RILEY, Michael. Tourism development under close control: the case of the Falkland Islands. *Tourism Management*, v. 16, n. 6, p. 471-474, 1995. Disponível em: <<http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/026151779500057U>> Acesso em: 07 de Abr. 2014.

ROYLE, Stephen A. Cold Water Island Tourism: The Case of the Falkland Islands. ISLANDS of the WORLD VIII International Conference "Changing Islands – Changing Worlds", p.885-892. 2004. Disponível em: <http://island.giee.ntnu.edu.tw/ISISA2004/ISISA8/101%203-2-B-2%20Stephen%20Royle%20_UK_.pdf> Acesso em: 09 de Abr. 2014.

ROYLE, Stephen A. Economic and political prospects for the British Atlantic Dependent Territories. Geographical Journal, p. 307-321, 1995. Disponível em <<http://www.jstor.org/stable/3059835>> Acesso em: 14 de Abr. 2014.

SÁNCHEZ-BARBA, Mario Hernández. Las islas Malvinas en la órbita del Imperio británico: tres momentos históricos paradigmáticos. Cuenta y razón, 1982, 7: 111-118.

SANTOS, Eduardo Silvestre. GEOPOLÍTICA PÓS-MODERNA: REPENSAR A GEOPOLÍTICA NA ERA DA GLOBALIZAÇÃO. GEOPOLÍTICA, 2006. Disponível em http://database.jornaldefesa.pt/assuntos_diversos_relacoes_internacionais/Geopol%C3%ADtica%20P%C3%B3s%20Moderna%20Repensar%20a%20Geopol%C3%ADtica%20na%20Era%20da%20Globaliza%C3%A7%C3%A3o.pdf > Acesso em: 01 de Dez. 2014

SHACKLETON, Lord; STOREY, R. J.; JOHNSON, R. Prospect of the Falkland Islands. Geographical Journal, p. 1-13, 1977. Disponível em <http://www.jstor.org/stable/1796671?seq=1#page_scan_tab_contents> Acesso em: 14 de Abril. 2014.

SPYKMAN, Nicholas John. America's strategy in world politics: the United States and the balance of power. Transaction Publishers, 1942.

THE ECONOMIST, Oil and gas in the Falklands, Treasure islands?. 28 de Fevereiro 2014. Disponível em <<http://www.economist.com/blogs/americasview/2014/02/oil-and-gas-falklands>> Acesso em: 22 de Mai. 2014.

THOMPSON, R. P.; MILLER, S. M. Sheep and Cattle Production from Natural Falkland Island Pastures. ASIAN AUSTRALASIAN JOURNAL OF ANIMAL SCIENCES, v. 13, p. 39-42, 2000. Disponível em

<http://www.asap.asn.au/livestocklibrary/2000/Thompson_0319.pdf> Acesso em: 14 de Abr. 2014.

U.S Geological Survey. (2000), Assessment of Undiscovered Conventional Oil and Gas Resources of South America and the Caribbean, 2012. USA: U.S Department of the Interior. Disponível em <<http://pubs.usgs.gov/fs/2012/3046/fs2012-3046.pdf>> Acesso em: 07 de Mai. 2014.

U.S Geological Survey. (2000), North Falklands Basin. USA: U.S. Department of the Interior. Disponível em: <<http://energy.cr.usgs.gov/WEcont/regions/reg6/p6/tps/AU/au606011.pdf>> Acesso em: 07 de Mai. 2014.

U.S. Energy Information Administration. United States of America Government. 2014. Disponível em <<http://www.eia.gov/>> Acesso em: 11 de Jun. 2014.

VIANNA MONIZ, Luiz Alberto Dias et al. Guerra das Malvinas: petróleo e geopolítica. Revista Espaço Acadêmico, v. 11, n. 132, p. 157-165, 2012. Disponível em: <<http://eduem.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/viewFile/17120/9113>> Acesso em: 03 de Fev. 2014.

WINER, Sonia. La relevancia de la “cuestión” Malvinas en la estrategia imperial. Disponível em <<http://www.edena.mindef.gov.ar/images/DTN9.pdf>> Acesso em: 17 de Mar. 2014.

_____. La relevancia de la “cuestión” Malvinas en la estrategia imperial. SD. Disponível em: <<http://www.edena.mindef.gov.ar/images/DTN9.pdf>> Acesso em: 30 de Jul. 2014.

WITKER, Iván. CLAVES GEOPOLÍTICAS EN TORNO AL CONFLICTO DEL ATLÁNTICO SUR. Disponível em <http://www.ieee.es/Galerias/fichero/docs_marco/2012/DIEEEM13-2012_Claves_Geopoliticas_Conflicto_Atlantico_Sur_IWitker.pdf> Acesso em: 17 de Mar. 2014.

Anexo.

Anexo A: Tabela com as variações de Reserva de hidrocarboneto da América Latina.

Map location number	Province name	Province code	Field type	Oil (MMBO)					Total undiscovered resources					NGL (MMBNGU)				
				F55	F50	F5	Mean	F55	F50	Gas (BCFg)	Mean	F55	F50	F5	Mean	F55	F50	F5
(1)	Salinas Basin	6011	Oil	250	536	1,018	574	2,108	4,358	6,316	4,673	45	104	229	116			
(2)	Amazonas Basin	6012	Gas					9,420	17,317	31,363	18,454	260	478	867	509			
(3)	Paraná Basin	6016	Oil	130	330	742	369	1,050	2,884	6,061	3,005	72	168	317	184			
(4)	Paraná Basin	6020	Gas					2,108	4,358	6,316	4,673	45	104	229	116			
(5)	Guayana Francesa Basin	6021	Gas	189	400	770	439	3,740	6,215	11,954	6,510	140	272	502	288			
(6)	Foz de Amazonas Basin	6022	Oil	201	583	1,511	684	2,511	4,848	6,688	4,929	47	109	236	119			
(7)	Sergipe-Alagoas Basin	6023	Oil	551	1,884	4,425	1,986	1,202	3,883	10,227	4,455	72	223	605	271			
(8)	Espirito Santo Basin	6024	Oil	324	1,229	5,008	1,508	644	2,704	11,729	3,902	38	163	709	288			
(9)	Campos Basin	6025	Oil	1,924	7,807	44,435	14,736	3,295	10,285	35,543	14,803	107	288	1,455	636			
(10)	Santos Basin	6026	Gas	22,839	54,434	113,292	59,689	16,432	25,732	147,212	1,668	28	79	4,800	4,800			
(11)	Perdões Basin	6037	Oil	244	684	1,738	792	552	1,526	4,090	1,817	34	83	249	110			
(12)	Putumayo-Oriente-Maranon Basin	6041	Gas	3,157	4,585	6,833	4,689	1,411	2,092	3,061	2,144	37	58	92	57			
(13)	Santa Cruz-Tapiá Basin	6045	Oil	60	111	196	118	249	475	866	505	5	11	19	11			
(14)	Salado-Punta del Este Basin	6054	Gas	843	1,752	4,054	1,975	1,471	4,058	4,583	22,180	173	422	960	482			
(15)	Neuquén Basin	6055	Oil	153	311	591	334	1,208	3,446	5,555	4,497	24	53	117	59			
(16)	San Jorge Basin	6058	Oil	33	63	115	67	23	46	125	51	2	4	7	4			
(17)	Magdalena Basin	6059	Gas	60	163	501	265	124	379	1,249	497	2	5	15	7			
(18)	Falklands Plateau	6060	Oil	1,457	4,413	12,724	5,302	3,715	9,837	12,060	125	372	154	339	176			
(19)	Malvinas Basin	6063	Gas	38	118	307	138	55	277	774	333	1	3	10	4			
(20)	Upper Magdalena Basin	6069	Oil	163	357	779	390	275	592	1,077	558	5	10	22	11			
(21)	Middle Magdalena Basin	6090	Oil	238	455	959	534	301	538	1,426	499	1	3	7	4			
(22)	Lower Magdalena Basin	6091	Oil	15	66	296	97	45	199	867	293	1	4	18	6			
(23)	Guarija Basin	6095	Gas	6	36	208	63	18	108	629	180	0	2	13	4			
(24)	Urua Basin	6096	Oil	957	2,418	5,215	2,665	1,702	4,545	11,008	5,219	55	151	376	175			
(25)	Barrinas-Aguira Basin	6097	Gas	30	398	1,567	551	7	29	114	40	0	0	2	1			
(26)	East Venezuela Basin	6098	Oil	1,138	2,944	7,785	3,379	3,632	9,440	11,070	3,632	32	74	165	87			
(27)	Maracaibo Basin	6099	Gas	340	838	1,922	939	1,627	4,176	11,954	1,959	26	59	132	60			
(28)	Tobago Trough	6103	Gas	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0			
(29)	Barbados Accretionary Prism	6107	Oil	22	92	489	154	33	188	1,028	310	12	6	39	12			
(30)	North Cuba Basin of Greater Antilles Deformed Belt	6117	Gas	1,185	4,301	9,364	4,680	4,194	12,550	32,009	14,599	92	238	783	344			
(31)	Bahama Platform	6119	Gas	554	1,591	4,435	1,906	592	2,028	2,728	2,467	42	78	352	155			
Total conventional resources				44,556	108,096	351,882	125,900	229,547	571,884	1,416,088	678,537	6,880	17,597	46,581	21,001			

Fonte: <<http://pubs.usgs.gov/fs/2012/3046/fs2012-3046.pdf>>